



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Dissertação de Mestrado

SÉRGIO SGANZERLLA

**RÁDIOS WEB E EDUCAÇÃO: COMUNICAÇÃO PROTAGONISTA NA
FORMAÇÃO DO CIDADÃO**

SALVADOR, 2011

SÉRGIO SGANZERLLA

**RÁDIOS WEB E EDUCAÇÃO: COMUNICAÇÃO PROTAGONISTA NA
FORMAÇÃO DO CIDADÃO**

Dissertação de Mestrado em Educação do
Programa de Pós-Graduação em Educação da
Faculdade de Educação da Universidade
Federal da Bahia.

Linha de Pesquisa L4 **Educação e
Diversidade.**

Orientador: **Professor Doutor Miguel Angel
Garcia Bordas**

SALVADOR, 2011

SIBI/ UFBA/ Faculdade de Educação – Biblioteca Anísio Teixeira

Sganzerlla, Sérgio.

Rádios Web e educação : comunicação protagonista na formação do cidadão / Sérgio Sganzerlla. – 2011.

193 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Miguel Angel Garcia Bordas.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2011.

1. Rádio na educação. 2. Radiodifusão na Internet. 3. Tecnologia da informação – Aspectos sociais. 4. Inovações educacionais. 5. Cidadania. I. Bordas, Miguel Angel Garcia. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. III. Título.

CDD 371.3331 – 22 ed.

SERGIO SGANZERLLA

**RÁDIOS WEB E EDUCAÇÃO: COMUNICAÇÃO PROTAGONISTA NA
FORMAÇÃO DO CIDADÃO**

Dissertação de Mestrado apresentada a Faculdade de Educação – FACED - da
Universidade Federal da Bahia – UFBA - na linha de Pesquisa L4 de Educação e
Diversidade, para a seguinte banca examinadora:

Professora. Doutora. Maria Cecília de Paula Silva

Professor. Doutor. Cleverton Suzart Silva

Professor. Doutor. Fábio Zoboli

Professor. Doutor. Felix Marcial Diaz Rodriguez

Sem ir além de nossa porta
Podemos conhecer o mundo
Sem assomarmos à nossa janela
Podemos conhecer os caminhos do céu
Quanto mais longe vamos
Tanto menos avançamos
Por isso, o sábio:
Sem caminhar, alcança
Sua meta
Sem ver, tudo observa
Sem agir tudo realiza

Lao Tsê

Toda história conta uma história que já foi contada.

Umberto Eco

A Evelin, Pedro, João e Luiza

AGRADECIMENTOS

Ao Mestre Sherir pela mestria, amor e compreensão de orientar-me pela vida.

Ao Professor Doutor Miguel Bordas por receber-me de braços abertos.

Demais amigos.

Nos tempos de preparação do projeto para a seleção do Mestrado, para a prova, quando estudamos os textos juntos, e para a entrevista, tive boas conversas e sugestões com Sule Sampaio e Darlene Almada. Também entram nesta turma Cássia (Val) nas modificações do projeto, José Américo nas leituras e sugestões preliminares da Introdução e 1º Capítulo, ao GEC por mostrar-me a real importância do trabalho acadêmico e científico, a Escola Comunitária Luiza Mahin e Casa da Juventude que são a razão desta pesquisa, a Livia Coelho pela troca textual sobre cibercidadania, a Professora Maria Cecília de Paula, por ajudar-me em hora difícil, além, claro, de minha madrinha acadêmica Claudete Alves por me apresentar a UFBA.

Ao Wilson, Diana e Alina Amorim, pela ajuda fundamental na finalização deste trabalho.

Aos meus pais que me fizeram compreender a importância de estudar mesmo não tendo essa oportunidade.

Todos os demais familiares que deram amparo afetivo interminável todo o tempo perguntando “Quando é que você termina?”

Paraphraseando Gilberto Gil neste agradecimento, os meninos e meninas são todos bons e os pecados da tese (com a permissão do avanço) são todos meus.

Por fim e mais importante, minha família: Evelin, a quem coube a árdua tarefa de agüentar-me neste tempo. Pedro, João e Luiza. A tese me tirou de perto deles por um tempo interminável. Como reavê-lo?

Olhando para frente, acredito que influenciará na educação e formação de suas vidas, portanto o fiz pensando neles.

RESUMO

O crescente desenvolvimento de práticas de mídias-educativas na escola, especialmente voltadas à produção de áudios, vem gerando diversos estudos e pesquisas. Estas pesquisas são direcionadas, em sua maioria, para esse tipo de atividade e seus efeitos na formação dos alunos. Esta dissertação tem como objetivo analisar a educação por meio da percepção de como os meios de comunicação e a tecnologia têm uma forte interface na formação crítica do cidadão. A implantação das rádios web nas escolas é um desses instrumentos. A dissertação analisa a transição radiofônica do analógico para o digital e como esta mudança transforma a realidade da comunicação dentro e fora das escolas, mudando as linguagens, as formas de transmissão e os processos de armazenamento dos dados. Tais perspectivas privilegiam a relação de jovens espectadores com as diferentes mídias, como sujeitos ativos na produção de significados, tomando-os como atores críticos e criativos. Reflete sobre a convergência da mídia e como ela transforma a educação, abrindo uma discussão em relação aos meios e as mediações, tendo como foco o homem e sua existência, reconhecendo que a tecnologia digital fornece uma informação onde não há uma linearidade, adaptando-a a seu favor. Pondera que a educação, dentro da rádio web, transforma-se em um espaço aberto, rompendo com toda a hierarquização do saber dentro de uma escola, implantando ecossistemas educativos e criativos. E conclui que a implantação de rádios web na escola representa colaboração, liberdade e desenvolvimento de novas estratégias pedagógicas e cidadãs, possibilitando o desenvolvimento de idéias e práticas pedagógicas novas. Os resultados obtidos permitiram a identificação de contribuições próprias e originais de jovens envolvidos no estudo. Isso ratifica a necessidade de serem levadas em conta suas concepções, desejos e aspirações na proposição das diversas atividades que lhes são apresentadas na escola, bem como no desenvolvimento de políticas públicas voltadas para esse setor.

Palavras-chave: mídia e educação, tecnologias, convergência, radio web e cidadania.

ABSTRACT

The increasing development of educational-media practices in schools, especially aimed at producing audio, has generated several studies and research. These research are commonly about this type of activity and its effects on students learning. This dissertation aims to analyze the education through the perception of how the media and technology have a strong interface in the citizen critical formation. The deployment of web radios in the schools is one of these instruments. The dissertation examines the transition from analogic radio to digital and how this change makes the reality of communication within and outside of schools, changing languages, ways of transmission and storage processes the data. These perspectives emphasize the relationship of young viewers with different media, as active in the production of meanings, taking them as critical and creative actors. Reflects on the convergence of media and how it transforms education, opening a discussion on means and mediations, focusing on the man and his existence, recognizing that digital technology provides information with no linearity, adapting it in his favor. Ponder that the education within the web radio, turns into an open space, disrupting the entire hierarchy of knowledge within a school, implementing educational and creative ecosystems. It concludes that the deployment of web radio station in school results in collaboration, freedom and development of new teaching and citizen strategies, enabling the development of new ideas and teaching practices. The results obtained allowed the identification of own and unique contributions of young people involved in the study. This confirms the necessity of taking into account their views, wishes and aspirations of the various activities in the proposal presented to them at school as well as the development of public policies for this sector.

Key words: media and education, technologies, convergence, radio web, citizenship

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	12
LISTA DE IMAGENS.....	14
INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO I – A MÍDIA NO PROCESSO EDUCACIONAL.....	31
1 – Mídia e educação.....	33
2 – Breve histórico.....	36
3 – TIC e a evidência das linguagens contemporâneas.....	42
4 – Interatividades nas redes sociais.....	46
5 – Inexorabilidade das mídias na educação.....	50
CAPÍTULO II – DO RÁDIO ANALÓGICO À RÁDIO WEB.....	54
1 – Nascimento do rádio web.....	55
2 – Eis que surge o rádio.....	56
3 – Começando no Brasil.....	57
4 - E assim o rádio se consolida.....	59
5 – Imagem e voz.....	61
6 – Primeiros passos.....	62
7 – Surge a internet.....	63
8 – Recuperando ouvintes no computador.....	65
9 – Rádios na internet.....	66
10 – Formação de novos ouvintes.....	68
11 – Qualidade digital.....	69
12 – Internet e rádios web.....	70
13 – Educação no rádio.....	73
14 – O novo caminho da rádio.....	75
15 – Rádio web e podcast.....	76

16 – Internet e rádio web populares.....	77
--	----

CAPÍTULO III – RÁDIO WEB: CONVERGÊNCIA DA MÍDIA NA EDUCAÇÃO.....79

1 – A metamorfose da mídia.....	83
2 – Convergência do rádio na internet.....	85
3 – Convergência do conteúdo do rádio web.....	88
4 – Convergência da mídia na educação.....	90
5 – Convergência da ação na educação mediada.....	93
6 – O lado b.....	95
7 – Meios e mediações.....	99
8 – Comunicação e cidadania.....	102
9 – Cidadão contemporâneo.....	104

CAPÍTULO IV – CIBERCIDADANIA: O EXERCÍCIO CIDADÃO NA RÁDIO WEB.....109

1 – Origem do cibercidadão	110
2 – Cibercidadania e as demandas sociais.....	113
3 – Cibercidadania e a produção colaborativa.....	114
4 – A cibercidadania no ciberespaço.....	115
5 – A cibercidadania e as novas práticas pedagógicas.....	116
6 – A cibercidadania na rádio web.....	121
7 – Produção cultural na rádio web.....	124
8 – A web no seu tempo.....	126
9 – A expressão se manifesta.....	127

CAPÍTULO V – LONGE É UM LUGAR QUE NÃO EXISTE?.....130

1 – Sobre a metodologia.....	130
2 – Abordagem e pressupostos.....	131

3 – Método de pesquisa.....	132
4 – Amostragem e população.....	134
5 – Técnica de coleta de dados e instrumentos.....	135
6 – Opções metodológicas da pesquisa.....	135
7 – Análise.....	137
8 – Síntese do método da pesquisa.....	139
9 – Definição do método de pesquisa.....	139
10 – Itapagipe, o Uruguai, a Casa da Juventude / Reprotai e a Escola Comunitária Luiza Mahin.....	139
11 – Desenvolvimento do projeto.....	149
12 – O começo com a escola.....	152
13 – Oficinas.....	153
14 – Comunicação.....	154
15 – Pesquisa de campo.....	155
15.1 – Matriz dos entrevistados.....	155
15.2 – Roteiro das entrevistas.....	156
15.3 – Processo das entrevistas.....	156
15.4 – Transcrição.....	156
15.5 – Matriz dos questionários.....	157
15.6 – Roteiro dos questionários.....	157
15.7 – Processos dos questionários.....	159
15.8 – Percepção dos gestores.....	159
15.8.1 – Entrevistas.....	159
15.8.2 – Questionários.....	168
15.9 – Percepção dos interagentes.....	169
15.9.1 – Entrevistas.....	170
15.9.2 – Questionários.....	175
CONCLUSÃO.....	177
REFERÊNCIAS.....	185

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANATEL – Agência Nacional de Telecomunicação

ABR – Associação Brasileira de Rádio

CAJS – Crianças, adolescentes e jovens

CAMA – Centro de Artes e Meio Ambiente

CBN – Central Brasileira de Notícias

CEAP – Centro de Estudos e Assessoria Pedagógica

CECUP – Centro de Educação Popular

CGI br – Comitê Gestor da Internet no Brasil

CGI – Comitê Gestor da Internet

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CNPq – Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CPD – Centro de Processamento de Dados

FACED – Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia

FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de São Paulo

FSF – Free Software Foundation

GEC – Grupo de pesquisa Educação, Comunicação e Tecnologias

IBOP – Instituto Brasileiro de Pesquisa

IBOC – In Band On Channel

IBOPE – Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística

IGHB – Instituto Geográfico e Histórico da Bahia

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

MEB – Movimento de Educação de Base

MinC – Ministério da Cultura

PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

PNAD/IBGE – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Projeto RIPE – Projeto Rede de Intercâmbio de Produção Educativa

SER – Serviço Educativo de Radiodifusão

TCP/IP – Transmission Control Protocol/Internet Protocol

TIC – Tecnologias da informação e comunicação

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UIT – União Internacional de Telecomunicações

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

USP – Universidade de São Paulo

WIN – Worldwide Independent Network of Market Research

www – world wide web

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01 - Disponível em: webfonte.wordpress.com	43
Imagem 02 - Disponível em: pontomidia.com.br	45
Imagem 03 - Disponível em: fatioupassou.com	48
Imagem 04 - Disponível em: www.escoladeradio.com.br	68
Imagem 05 - Disponível em: radiowebputzgrila.blogspot.com	72
Imagem 06 - Disponível em: www.radio.faced.ufba.br	76
Imagem 07 - Disponível em: www.candeeiro.net	88
Imagem 08 - Disponível em: itversa.wordpress.com	98
Imagem 09 - Disponível em: insensatezzz.blogspot.com	100
Imagem 10 - Disponível em: indcol.blogspot.com	105
Imagem 11 - Disponível em: caosnaeducacao.blogspot.com	112
Imagem 12 - Disponível em: culturamidiaeducacao.blogspot.com	118
Imagem13 - Disponível em: dhnet.org.br	127
Imagem 14 - Disponível em: urbanidade.ceas.com.br	140
Imagem 15 – Foto do autor	146
Imagem 16 - Foto do autor	147
Imagem 17 - Foto do autor	148
Imagem 18 - Foto do autor	149
Imagem 19 - Foto do autor	151
Imagem 20 - Foto do autor	151

INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea, é fácil observar o quanto o uso das tecnologias da informação e comunicação (TIC) está cada vez mais atrelado aos espaços expressivos dos cidadãos, provocando neles mudanças de hábitos, posturas e costumes, motivando novas formas de produção e difusão de informações, e, principalmente, ampliando a comunicação entre as pessoas. Hoje, através da internet – uma rede que reúne outras redes de computadores que se comunicam entre si –, as pessoas vêm experimentando maneiras inéditas de interagir com o outro e com o mundo.

O advento da internet possibilitou às TIC incorporar novos elementos a nossa cultura, como as linguagens multimídias, agregando nela valores plurais que podem se manifestar através de muitas vozes e faces, transformando o modo dos indivíduos se comunicarem, se relacionarem e construírem conhecimentos. Entendendo a escola hoje como espaço educacional cuja função precípua é a formação de cidadãos reflexivos, capazes de, entre outros recursos didático-pedagógicos, utilizar também o aparato tecnológico disponível na sociedade para intercambiar informações e saberes a fim de conhecer e analisar criticamente sua realidade e atuar como protagonistas na construção de uma sociedade mais justa e democrática, importa ressaltar, que tal instituição não pode ficar alheia a essas mudanças.

No entanto, não basta, apenas, introduzir as inovações técnicas na dinâmica escolar. É preciso promover uma discussão ampla e crítica sobre o que é tecnologia e a relação que se estabelece entre a comunicação, as TIC e a educação, para que de que seu ingresso e emprego nas instituições educacionais venham possibilitar transformações na condução do processo educativo. Assim, evita-se incorrer no risco de adotar posições dicotômicas que oscilam entre uma supervalorização dos recursos tecnológicos contemporâneos ou, no outro extremo, em uma postura de rejeição a tais recursos.

A escola precisa entender que, sendo basicamente uma construção humana, a tecnologia não acontece separada da sociedade e da cultura. Como destaca Pierre Lévy (1997), sua produção emerge de uma rede sóciotécnica, na qual estão inseridas todas as instâncias sociais. Segundo o autor, esta trama social e técnica, tecida a partir da interconexão dos seres humanos promovida pela tecnologia, sempre possibilitou e continua possibilitando o desenvolvimento de uma

inteligência coletiva, definida como a partilha de funções cognitivas que são cada vez melhor compartilhadas quando aumentadas e transformadas por sistemas técnicos e externos ao organismo.

De acordo com Lévy, a inteligência coletiva, no contexto das TIC, surge e se constrói no ambiente de computadores interligados em redes mundiais, mediante uma necessidade humana de intercambiar os conhecimentos já adquiridos, trocando e construindo novos saberes, “uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências”. (LÉVY, 1998, p. 28)

Quando os sujeitos adquirem e constroem, em rede virtual, novos saberes em ambientes interligados por computadores, desenvolvendo a inteligência coletiva, tal aquisição, produção e troca de conhecimentos se faz em um espaço inédito, o ciberespaço, segundo Gibson (LEMOS, 2004, p.127) é um “espaço não físico ou territorial composto por um conjunto de redes de computadores através da qual todas as informações circulam”.

Este espaço não material disponibiliza serviços oferecidos pela internet sob as mais diversas formas de mídia, como imagens, textos, áudios, vídeos, etc, permitindo que as pessoas acessem, recuperem, organizem, ensinem, disseminem e compartilhem informações e aprendizagens. Neste sentido, na sociedade contemporânea, com recorrência cada vez maior, tal espaço vem sendo cada vez mais utilizado pelos cidadãos, na medida em que, sem distância a percorrer e sem tempo a perder – basta apenas um clique – pode-se acessar memórias conectadas de outros computadores em qualquer parte do planeta.

O ciberespaço tornou possível, entre outras coisas, o encontro entre usuários e grupos de interesses específicos, formando dessa forma, comunidades em rede, também conhecidas por comunidades virtuais, com características e propósitos específicos, Desde o seu surgimento, tais comunidades vêm gerando muitos debates acerca da sua real influência na sociedade contemporânea, principalmente no que diz respeito à relação intrínseca entre cidadania e tecnologia, uma vez que, neste novo contexto virtual, onde as relações sociais vêm se transmutando, o cibernauta – indivíduo que explora o ciberespaço, acessando a internet, para se informar e se comunicar com os outros – tornou-se um cibercidadão.

A cidadania é entendida pela qualidade de uma pessoa que possui um conjunto de direitos e deveres políticos e civis, dentro de uma determinada comunidade. Dessa forma, o surgimento das comunidades virtuais teve forte influência no aparecimento dos cidadãos cibernéticos, uma vez que, associando exercício da cidadania à realidade virtual, e considerando que para que a net seja realmente uma comunidade regeneradora e vibrante é necessário esforço, ação pessoal e conjunta.

Cibercidadãos não são todos os indivíduos conectados na internet, mas, essencialmente, aquelas pessoas que dispõem de um tempo para melhorar e transformar a net, uma nova parte do mundo, em um lugar melhor, abstendo-se de vaidades e ganâncias.

Com o nascimento do cibercidadão, o termo cidadania passou a uma nova definição. Neste sentido, Lévy (1999, pg. 128-129) procurou problematizá-la na esfera da mídia digital, definindo-a como "um conjunto de técnicas, de práticas, de atitudes, de modos de pensamentos e de valores no ciberespaço", acrescentando que a noção do público "vem sendo melhor reelaborada pelas comunidades virtuais", oferecendo um debate coletivo, "mais aberto e participativo", e bem mais distribuído que o modelo da mídia clássica.

A cibercidadania manifesta-se em diferentes movimentos no mundo virtual, resgatando aspectos conceituais da cidadania clássica, em defesa dos direitos do cibernauta, uma pessoa que visita páginas, entidades na internet e sites, como os de direitos humanos, por exemplo, elencados com declarações e manifestos do ciberespaço, atualizando assim, conceitos híbridos, estruturando uma sociedade em formação.

Nesta sociedade em formação, composta agora de novos sujeitos, os cibercidadãos, que atuam e se relacionam virtualmente em um novo espaço, o ciberespaço, surge também uma nova cultura – a cibercultura – a qual, de acordo com Lemos (2004), resulta da relação entre as tecnologias da informação e comunicação e a cultura.

Esta cultura contemporânea, fortemente marcada pelas tecnologias digitais, se caracteriza por uma conectividade generalizada que amplia o potencial comunicativo entre as pessoas, proporcionando formas mais diversificadas de trocas de informações, que, acontecendo com participação, cooperação e colaboração, e baseadas em uma lógica de rede, geram modificações e produções de conhecimentos, fomentando agregações sociais e a inteligência coletiva.

Mesmo com o crescimento e a disseminação das discussões teóricas em torno das TIC como recursos fundadores da inteligência coletiva – uma nova forma de pensar e de se comunicar e se relacionar com os outros e com os conhecimentos – e com sua presença, cada vez mais constante, na vida prática dos jovens educandos – através de sites de relacionamento, correspondência eletrônica, diários virtuais, etc – ainda há escolas e educadores que não têm acesso a elas, e outras que, mesmo tendo garantido este acesso – através dos seus laboratórios de informática –, fazem uso das tecnologias contemporâneas como meros instrumentos ou ferramentas, adotando-as apenas como máquinas sofisticadas que ajudam a ilustrar, dinamizar ou aprimorar suas aulas, colocando-as, assim, de forma consciente ou não, a serviço de velhos ideais de ensino que não atendem mais às demandas sociais, por se manter ainda voltados, tão somente, para a conservação da ordem vigente, sem (re)conhecê-la e/ou questioná-la.

No que diz respeito às TIC, este modelo tradicional de educação – que, descartando seu poder revolucionário, confunde tecnologia com aparato tecnológico e defende a simples introdução da melhor tecnologia na prática educativa para tornar o trabalho com os conteúdos bem mais interessantes para os educandos – contribui apenas para reproduzir, nas instituições de ensino, os paradigmas hegemônicos da sociedade capitalista.

Para modificar este modelo de educação, ainda tão presente nas organizações educacionais, torna-se necessário que estas organizações adotem estas máquinas a partir de uma abordagem reflexiva dos seus recursos tecnológicos, lançando mão, e ensinando seu aluno a também lançar mão, da sua possibilidade de transformação dos sujeitos e da realidade que os cerca. É fundamental a compreensão da tecnologia como saber humano, isto é, como produto e produtora de comunicação, informação, conhecimento e cultura, para ser possível dispor dela, na escola ou fora dela, como alavanca para a revolução pessoal e social.

Levando em conta seu freqüente comparecimento e sua enorme interferência no dia a dia das pessoas, Maria Luiza Belloni destaca que a escola, principalmente a escola pública, deve incluir as TIC no seu projeto pedagógico, na medida em que cabe a ela o desafio de “atuar no sentido de compensar as terríveis desigualdades sociais e regionais que o acesso desigual a estas máquinas está gerando”. Segundo a autora, as instituições públicas de ensino devem responder a este desafio

Integrando as tecnologias de informação e comunicação ao cotidiano da escola, na sala de aula, de modo criativo, crítico, competente. Isto exige investimentos significativos e transformações profundas e radicais em formação de professores; pesquisa voltada para metodologias de ensino; nos modos de seleção, aquisição e acessibilidade de equipamentos; materiais didáticos e pedagógicos, além de muita criatividade. (BELLONI 2005, p.10)

Nesta direção, apesar de muitos sistemas de ensino, instituições educacionais e educadores ainda não adotarem as TIC ou lançarem mão dela de forma equivocada, existem também outras comunidades educativas formais ou informais que, percebendo sua atualidade e potencialidades de comunicação e de obtenção e produção de informação e conhecimento no que tange à melhoria da qualidade da educação oferecida à população, vêm utilizando as tecnologias no seu cotidiano, como propõe Belloni, de forma criativa, e crítica, considerando suas possibilidades de ampliar o processo de ensino e aprendizagem e de dinamizar a aquisição e a construção do conhecimento, tanto por alargar as experiências sociais dos sujeitos no mundo, como por expandir e diversificar os processos de comunicação entre estes sujeitos.

Gradativamente, a partir das demandas sociais, estas organizações educacionais vêm percebendo que a articulação entre as TIC e as práticas educativas é tão importante e necessária que, além de potencializar o intercâmbio entre os jovens que estão na escola, promove, também, o intercâmbio entre estes e os jovens que estão fora dela, utilizando-se informalmente das tecnologias.

Esses jovens – frutos da cultura digital, na qual o conhecimento humano se aprimora e se preserva pelas cooperações mútuas dos indivíduos que atuam e se comunicam na sociedade, mediadas pela tecnologia –, chamados de geração “net” (TAPSCOT, 1999, p.12) ou “alt+tab” (PRETTO, 2006, s/p), se divertem, se informam, se comunicam e se educam, hoje, interagindo uns com os outros por meio do computador, tornando-se, assim, como destaca Nelson Pretto, capazes de processar “múltiplas coisas simultaneamente, levando em frente uma dimensão de construir o pensar que é diferente de tempos atrás”.

Através desta interação e desta capacidade de processamento dos fatos do mundo – que geram novos modos de pensar e agir –, a juventude contemporânea vai tomando consciência da sua aptidão e competência para produzir informação e saberes. Neste sentido, não aceita mais ser tratada, nas escolas ou fora delas, como simples expectadora, exigindo, cada vez mais, o papel de

protagonista na construção de sua aprendizagem e da sua realidade.

Apesar do profundo impacto que as tecnologias contemporâneas vêm causando na sociedade atual, e, conseqüentemente, na educação, não se deve pensar que a introdução e a utilização das mídias nas mais diversas organizações de ensino seja um fenômeno recente, que teve início com o advento da tecnologia digital.

Ao contrário, a chegada das mídias mais tradicionais, como a TV, o cinema e o rádio, já haviam provocado seu ingresso e emprego nas instituições de ensino, proporcionando, inclusive, o surgimento da mídia e educação, uma área do saber que tem como objeto de estudo a inter-relação entre a comunicação e a educação e como finalidade a concretização de uma nova relação educativa como um processo de construção do conhecimento.

No entanto, não se pode negar que foi com a revolução virtual, proporcionada pelos novos veículos de comunicação digitais – computadores e internet - que a mídia e a educação vieram crescendo, se desenvolvendo e se caracterizando em um campo teórico-prático cada vez mais fértil.

Simultaneamente, porém, a mídia e educação também vieram se configurando em um campo de muitas discussões e polêmicas entre os teóricos como Maria Luiza Belloni, Monica Fantin, Pier Cesar Rivoltella, na medida em que, embora a influência dos meios de comunicação digitais na vida cotidiana seja uma das características mais marcantes do mundo atual, as mídias, tradicionais ou contemporâneas, dentro ou fora das instituições escolares, podem ser usadas tanto para veicular informações úteis e importantes, como também para definir padrões de comportamento e modos de pensar, pois podem promover determinadas visões de mundo dominantes em detrimento de outras, atendendo a interesses que, muitas vezes, não contemplam a perspectiva da transformação social.

É considerando esta possibilidade de que os meios de comunicação de massa podem muitas vezes atrapalhar profundamente a escola a desempenhar a sua função de educar em uma perspectiva emancipatória que Belloni (2005, p.12) destaca que a mídia e educação precisam ser entendidas como “um novo campo do saber cujos objetivos visam à formação do usuário ativo, crítico e criativo de todas as tecnologias de comunicação e informação”.

A partir desta afirmação da autora, é preciso levar em conta que a proposta da mídia e educação relaciona-se a uma adoção das mídias nas escolas voltadas principalmente para a questão do seu uso crítico, isto é, contemplando uma reflexão aprofundada acerca do poder da mídia de moldar mentalidades e ditar determinados hábitos e atitudes, mas também de, ao mesmo tempo, criar novos modos de pensar, sentir e agir que contribuam para a ampliação do exercício da cidadania por meio do acesso a diferentes linguagens e culturas no campo da educação.

A mídia e educação abrangem todas as maneiras de estudar, aprender e ensinar a partir da utilização e reflexão das mídias em todas as suas manifestações. Desta forma, a mídia e educação passam por uma evolução constante, na medida em que precisa acompanhar a criação e o desenvolvimento das diferentes tecnologias produzidas pela ação humana em cada momento histórico.

Ao longo do tempo, com o intuito de aprimorar o processo educativo, muitas instituições de ensino, fundamentadas nas idéias defendidas por este campo de saber, vem introduzindo nos seus currículos o trabalho com os diferentes veículos de comunicação identificados como os mais influentes em cada época. Assim, diferentes tipos de mídia (impressa, eletrônica, alternativa, etc.) foram gradativamente empregados nestas instituições, oportunizando, inclusive, aos seus educandos e educadores, produzir e implementar, juntos, incontáveis produções de cunho educativo, como cartilhas, tablóides, jornais, mural, fanzines, revistas, programas de TV, vídeos, discos, etc.

O rádio, como meio de comunicação, é de uma riqueza extraordinária, tendo em sua narrativa uma singularidade peculiar, além da fascinação que provoca em muitas pessoas. Dessa forma, importa ressaltar que o rádio tradicional – de transmissão analógica por meio de ondas eletromagnéticas – também veio como as outras mídias mais clássicas, sendo utilizado em diferentes tipos de instituições de ensino, em diferentes épocas, de diferentes formas – desde a elaboração de programas radiofônicos, para ser veiculados em emissoras comerciais ou comunitárias, como até mesmo a implantação de rádios nas próprias escolas –, sempre com o intuito de promover a formação cidadã, a partir da liberdade de expressão e do protagonismo do educando.

A formação cidadã se dá, também, através da estimulação crítica e criativa destes jovens,

fazendo-os refletir sobre si mesmos, seu meio e sua cidadania, para atuarem de maneira mais consciente, enquanto sujeitos ativos de idéias educativas. Para tanto há o estímulo da troca, do compartilhar, do rever, e do refletir conceitos e posturas através da discussão e da socialização de outras idéias no plano da coletividade.

Estas idéias possibilitam, com outros educadores da escola, um estímulo, e ao mesmo tempo, sensibiliza-os ao trabalho com questões que melhorem suas atitudes junto aos alunos. Através do rádio web na escola, podem se criar possibilidades reais desta formação cidadã, porém é necessário que se estabeleça uma reflexão conjunta entre todos os envolvidos, no decorrer do processo sobre o trabalho, para que não haja apenas uma reprodução de conceitos e sim uma melhoria dos cumprimentos dos direitos e deveres do cidadão, bem como o respeito à diversidade e liberdade de expressão.

Considerando que, no Brasil, não existe um veículo de comunicação mais popular, faz-se também necessário destacar que, hoje, mesmo com o surgimento e crescimento avançado de inéditas formas de comunicação em diferentes linguagens, como imagens, textos, áudios, vídeos, blogs, chats, twitters, etc, trazidos pelo cenário inovador das tecnologias digitais, o rádio ainda se mantém no cotidiano das camadas mais populares como importante meio de divulgação de informações e entretenimento.

Além disso, o advento da rede mundial de computadores interconectados possibilitou o desenvolvimento do rádio web, que funde as tecnologias do rádio e da internet, e, neste sentido, seu uso, dentro e fora das unidades educacionais, continua bastante promissor.

O rádio web, com serviço de transmissão de áudio via internet, propiciou a universalização do rádio sem os limites das ondas sonoras, agregando novos recursos à rádio convencional que ampliaram seu potencial comunicativo e educativo. Agora, com a tecnologia digital, a geração de áudio passa a acontecer em tempo real, havendo, assim, a possibilidade de se emitir programação ao vivo ou gravada.

Hoje, esta nova mídia também permite uma maior interação entre as pessoas, na medida em que os ouvintes, com a transmissão pela internet, podem tomar parte da sua programação, trazendo, inclusive, temas relevantes à sociedade para o centro dos debates e auxiliando na produção de

conteúdos culturais, encontrando, dessa forma, oportunidade de anunciar suas idéias e compartilhá-las com outros ouvintes de todas as partes do planeta.

Levando em conta que a interatividade entre as pessoas e a produção de conhecimentos são itens fundamentais para o processo educativo, a possibilidade de compartilhamento e troca cultural entre diversos indivíduos em tempo real trazida pela rádio web vem estimulando a sua implantação em algumas escolas, favorecendo, dessa forma, o investimento destas em novas responsabilidades, novos formatos sociais, contribuindo, assim, conforme destaca Fantin (2006, p. 29), “com a construção de uma nova forma de mediação cultural, integrando-se com os meios de comunicação, a fim de minimizar as assimetrias no plano das capacidades cognitivas e participativas dos indivíduos”.

Nestas escolas, os educandos, trabalhando com a rádio web, produzem e apresentam programas com temas atuais, aproveitando, dessa forma, a chance de divulgar para o mundo suas opiniões, seus gostos e suas vontades, construindo conteúdos inovadores e conhecimentos de forma colaborativa. Inseridos nas redes sociais da web, estes alunos criam, produzem, trocam informações, se relacionam, vivenciando culturas diferentes.

Esta oportunidade recente de diálogo em tempo real entre a escola e a sociedade estimula estes estudantes a discutir e compreender os problemas educativos, sociais e culturais do seu tempo de forma mais autônoma e reflexiva, levando-os a perceber sua co-responsabilidade nestas questões, intensificando, assim, sua capacidade de intervenção político-social. Refletindo sobre esta questão, Pretto, Bonilla e Sardeiro declaram:

Projeto de rádios nas escolas – e particularmente de rádio web – possibilitam construções de novas possibilidades formativas, centradas na participação ativa e na produção, em vez de um mero consumo de informações. (...) Esse processo interativo promovido pela web, potencializa um modo de atuação, na área educacional, mais participativo e coerente com o que se espera da Educação nos dias de hoje. (PRETTO; BONILLA; SARDEIRO, 2010, p. 75, 77)

Trazendo à tona, a partir da utilização dessa mídia, sua clareza no entendimento e seu empenho no desenvolvimento do processo educativo como uma práxis que precisa ser construída coletivamente e, principalmente, voltada para o exercício da cidadania, incentivando os

estudantes a desenvolverem sua própria concepção sobre a realidade na qual estão inseridos, há exemplos interessantes, em todo o país, de instituições de ensino que implantaram rádios web.

Entre elas, pode-se destacar a Escola Municipal Centro de Atendimento Integral à Criança Mariano Costa, de Joinville que, em 2006, a partir da criação e coordenação da professora Gladis Leal dos Santos – desenvolveu, com seus 12 alunos das 6^a e 8^a séries, um podcast¹ com temas relevantes criados e comentados tanto pelos alunos destas séries como também pelos seus professores, todos envolvendo acontecimentos da escola e do mundo.

Outro exemplo de utilização desta mídia na educação é a Escola Parque da Cidade de Brasília, criada, em 1981, pelo governo do Distrito Federal para o ensino fundamental de adolescentes em situações de risco. Funcionando com portões abertos, com ensino personalizado – não há seriação, mas programas pedagógicos desenvolvidos para atendimento individual ou pequenos grupos – esta escola implantou, em 2004, a Rádio Web Proem, criada pelos professores Heitor Baptista Luiz de Mello, Isaac de Souza Zaks e José Luiz do Nascimento Sóter, com parte da programação gravada e parte transmitida ao vivo.

Também a Universidade Federal da Bahia (UFBA) introduziu a rádio web na formação contemporânea de estudantes universitários, através da criação da Rádio FACED – um projeto do Grupo de pesquisa Educação, Comunicação e Tecnologias (GEC) da Faculdade de Educação desta universidade, desenvolvido com o apoio de voluntários e bolsistas vinculados ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), financiados pelo Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – cujas transmissões foram iniciadas, em fase experimental, em abril de 2005, com a utilização apenas de softwares livres² na produção e transmissão de conteúdos.

Minha primeira experiência com a utilização do rádio na educação teve início com a criação e implantação de uma rádio – de tecnologia analógica, com transmissão em ondas eletromagnéticas – na Escola Estadual João Ubaldo Ribeiro, situada na Ilha de Itaparica/BA. Com o apoio da

1 - Podcast são arquivos de áudio que podem ser ouvidos pela internet ou baixados para o micro ou MP3 Player do usuário. São textos publicados em áudio (<http://www.webking.com.br/blog-corporativo.php>).

2 - Software Livre, ou Free Software, conforme a definição de software livre criada pela Free Software Foundation, é o software que pode ser usado, copiado, estudado, modificado e redistribuído sem restrição. A forma usual de um software ser distribuído livremente é sendo acompanhado por uma licença de software livre (como a GPL ou a BSD), e com a disponibilização do seu código-fonte. (CAMPOS, 2006, s/p.).

direção e a intensa participação dos alunos, tanto na escolha do seu nome, quanto no desenvolvimento da sua programação, a JUBA Rádio Escolar funcionou no período de 2003 a 2005, nos três turnos, com caixas de som espalhadas pelas classes e corredores da escola e também em algumas ruas situadas no seu entorno.

Esta rádio, durante seus quase três anos de funcionamento, se configurou como um espaço cidadão e pedagógico muito propício para o estímulo à criatividade e à participação ativa da comunidade e muito favorável para a reflexão política do alunado da referida escola, na medida em que eram os próprios estudantes que, com meu apoio e com a colaboração dos professores, além de escolher as músicas a serem tocadas e selecionar as notícias a serem veiculadas, também produziam e apresentavam os diversos programas, todos voltados para a exposição e discussão dos mais diferentes temas, como direitos e deveres do cidadão, preservação do meio ambiente, projetos educacionais desenvolvidos por organizações não governamentais, etc., buscando a concepção da cidadania.

A cidadania é um conceito aberto e que está sempre em desenvolvimento. Por ser complexo, envolve várias dimensões, várias concepções na sociedade e diversas mudanças no transcorrer da história, atendendo a interesses políticos, e acompanhando as relações sociais em determinados períodos. Portanto a cidadania se dá através de “processos conflitivos, de diálogo social e de formalização política e jurídica”, tratando-se, então de um conceito que dialoga e evolui, “entre direitos e deveres, entre status e instituições, entre políticas públicas e interesses corporativos ou particulares”, e também como, de “um processo de conquista permanente de direitos formais e de exigência de políticas públicas para torná-los efetivos” (BORJA, 2002, p.01).

Há muitas concepções de cidadania, que não discorreremos a fundo, por não ser nosso objeto direto de estudo, (CADEMARTORI, 2008) como a neoliberal, onde o eu suplanta o nós; como a do conceito socialista, uma crítica de Marx à cidadania moderna burguesa; como a cidadania ativa, onde todos em algum momento exercem a função de magistrado; como a cidadania local, onde cada lugar em consonância com o mundo torna-se diferente dos demais; como a cidadania global onde o livre jogo do mercado impera sobre princípios políticos e culturais; como a cibercidadania onde a democratização ao acesso às informações é livre, apesar de não ser total à boa parte da população por questões políticas e sociais.

Considerando que o conhecimento da realidade, a criticidade, a participação ativa, a sensibilidade e a solidariedade são pressupostos fundamentais para a formação do cidadão e para a construção de uma sociedade justa e democrática, a experiência obtida a partir da implantação da JUBA Rádio Escolar foi bastante satisfatória, uma vez que foi possível observar, simultaneamente, no contexto desta escola, tanto um importante enriquecimento da proposta e da práxis pedagógicas – que passaram a oferecer, de fato, aos estudantes um espaço vital para sua realização enquanto sujeitos de direitos, de conhecimentos e de desejos –, quanto um significativo desenvolvimento dos alunos no que diz respeito à ampliação da sua visão e atuação crítica – representada, principalmente, pela sua maior participação nas decisões da escola e intervenção na sua comunidade.

Neste sentido, tal experiência gratificante serviu de base e só fez aumentar o interesse e a necessidade de conhecer como se dá a implantação de rádios web nas escolas públicas, bem como as implicações pedagógicas da introdução desta mídia na formação dos alunos, em direção ao exercício da sua cidadania.

Para o alcance de tal objetivo, escolhi como aluno do Mestrado em Educação da UFBA, pesquisar, através de um estudo de caso, uma das escolas inseridas no Projeto Rede de Intercâmbio de Produção Educativa – o Projeto RIPE – desenvolvido pelo Grupo de pesquisa Educação, Comunicação e Tecnologias da Faculdade de Educação, na medida em que a principal proposta deste projeto é produzir conhecimentos e culturas, a partir da troca de informações e de saberes, obtidos, de forma colaborativa e reflexiva, por professores e alunos em interação com as diferentes mídias e seus suportes introduzidos nas escolas e nas comunidades envolvidas – contribuindo, assim, para a transformação teórica e prática da realidade da educação. (PROJETO RIPE, 2007)

Intensificar o papel protagonista dos jovens e dos professores, construindo novas possibilidades para os sistemas educacionais que, articulando os conhecimentos e saberes emergentes das populações locais, promovem, através de um intenso e qualificado trabalho dos professores, a articulação com o conhecimento já estabelecido pela ciência contemporânea e a diversidade de culturas locais e globais. Desse modo, esses sujeitos passam a ter condições de participar ativamente do contexto contemporâneo, marcado pela expansão generalizada da comunicação, mas ainda limitada pela apropriação restrita dos meios tecnológicos de

produção da informação, bem como do controle dos processos necessários para essa produção. (PROJETO RIPE, 2007).

A interação entre as diversas mídias e os seus usuários, objetivando transformar o contexto escolar de maneira que alunos e professores, individual ou coletivamente, sejam possíveis produtores de cultura e conhecimentos e não simples consumidores de informações “implica a realização de frentes de trabalho interdependentes articulando o campo da ciência da computação, da comunicação, a área da produção audiovisual e a dinâmica de relações pedagógicas para a construção de conhecimento e formação dos sujeitos” (PROJETO RIPE, 2007).

Nesta direção, então, este projeto articula ações da UFBA e da Universidade Federal da Paraíba com o sistema educacional e os Pontos de Cultura do Ministério da Cultura (MinC), situados nos municípios baianos de Salvador, São Félix e Irecê, buscando desenvolver e implantar um sistema e um processo de produção colaborativa e de circulação de produtos multimídia – em áudio (rádio web) e vídeo – a serviço da educação básica. (PROJETO RIPE, 2007)

Com este trabalho, que se caracteriza como um estudo de caso espera-se, então, contribuir para desvendar como acontece a criação e a implantação conjunta de uma rádio web em uma unidade pública de ensino, assim como para verificar se e de que maneira as ações do Projeto RIPE interferem no dia a dia dos alunos, professores e gestores desta unidade, promovendo ou não uma melhoria da qualidade de ensino. A opção por um estudo de caso como possibilidade de desenvolvimento desta pesquisa se justifica pela pretensão de se conhecer, de forma particular, a escola que faz uso das TIC.

Desta forma, a unidade de ensino escolhida foi a Escola Comunitária Luiza Mahin – localizada no bairro do Uruguai, na Península de Itapagipe, em Salvador – e o foco central deste estudo é analisar, a partir das produções dos alunos com a rádio web implantada, a importância da introdução e uso desta mídia no desenvolvimento da capacidade de desenvolver o senso crítico e a criatividade dos estudantes, por acreditarmos que exista uma estreita relação entre utilização crítica e criativa da mídia e a formação de cidadãos aptos para intervir positivamente na realidade social por meio da interatividade e criticidade possibilitada por estas mídias.

Quem são os produtores e os interlocutores das produções escolares com a rádio web? Em que situações de aprendizagem são propostas, realizadas e veiculadas tais produções? Quando e

como acontece na escola à reflexão sobre o uso das diferentes mídias e sobre as produções dos alunos com a rádio web? O que a escola e o professor podem fazer para ajudar os alunos a utilizar as diferentes mídias de forma crítica e criativa, no sentido de produzir e compartilhar idéias, sentimentos e conhecimentos?

Buscando um entendimento maior sobre essas questões, pretendeu-se atingir os seguintes objetivos: a) descrever a implantação da rádio web na Escola Comunitária Luiza Mahin, integrante do Projeto RIPE, considerando a participação dos professores e alunos nesta implantação; b) analisar as produções colaborativas em rádio web dos estudantes desta instituição de ensino; c) refletir se e como a implantação da rádio web promoveu mudanças na percepção e trato dos alunos acerca dos problemas e temas do seu cotidiano.

Com o intuito de investigar as questões propostas no estudo de caso, foi escolhida a abordagem qualitativa. A escolha pelo estudo qualitativo se faz pela necessidade de obtenção de dados descritivos das escolas, a partir do seu ambiente e do processo de construção das relações cotidianas.

O contato direto do pesquisador com o grupo estudado proporciona um entendimento além do produto, mas com a preocupação de como se processam as interações cotidianas da escola com as mídias, buscando retratar as “perspectivas” dos seus membros, considerando seus diferentes pontos de vista. O que se pretende é descobrir novos conceitos, novas relações, novas formas de entendimento da realidade. A pesquisa é caracterizada por uma atividade intrínseca à busca de conhecimento do homem, buscando transpor a dificuldade teórica exposta no problema, pois a teoria é um ponto de partida para se chegar ao conhecimento.

Esta pesquisa teve início a partir de um levantamento bibliográfico de alguns teóricos como Marshall McLuhan (1969), Edgard Morin (1984), Pierre Levy (1997), Manuel Castells (1999), que discutem a relação entre educação e tecnologias da informação. A leitura destes autores embasou a abordagem qualitativa que norteou este estudo de caso, configurada em uma coleta e apreciação dos dados, os quais foram obtidos a partir da observação, entrevista e análise documental, visando à compreensão da realidade empírica e cotidiana da escola pesquisada.

Esta escolha metodológica fundamenta-se em acreditar que a construção do saber deve acontecer a partir de um padrão que reconheça a importância das práticas humanas e de sua condição social, e de conceber o contexto global e multidimensional e possibilitar, assim, o reconhecimento de forma mais profunda dos problemas sociais, gerando conhecimentos.

O universo de nossa pesquisa são os jovens atuantes da Casa da Juventude que, em parceria com a Escola Comunitária Luiza Mahin, desenvolveram, a partir da implantação, a rádio web. A escola não dispõe de um espaço físico disponível para que se instale a rádio. A partir do desenvolvimento do projeto, serão trabalhados na escola, com os alunos, sob a Coordenação dos Professores, os programas de rádio.

Os componentes do rádio web foram entrevistados, e responderam também a questionários já organizados, porém abertos e flexíveis, bem como os Professores que estão ligados ao projeto, além da Coordenadora Pedagógica e a Diretora da escola. A entrevista aberta e flexível é um importante recurso para o surgimento de novos fatos, caso eles aconteçam, de forma flexível e autêntica, enriquecendo a pesquisa com contradições que serão apresentadas ao pesquisador.

Ante o exposto até aqui, esta pesquisa, na sua estrutura interna, foi dividida em cinco capítulos: no primeiro, descreveu-se o percurso histórico da mídia e educação, a fim de demonstrar a crescente valorização que este campo do saber foi angariando nas instituições de ensino, demonstrando, assim, como a utilização crítica e criativa das TIC nas escolas tornou-se uma necessidade premente nos dias atuais.

No segundo, descreve o histórico da rádio a partir de sua criação analógica até chegar ao digital, com a narração das mudanças ocorridas com a chegada da TV e posteriormente da internet e a formação de novos ouvintes.

No terceiro capítulo tratou-se do entendimento do processo educacional vinculado à introdução da rádio web nas escolas, buscando mostrar, através da evolução da tecnologia do rádio o aumento das suas possibilidades, abrindo uma discussão sobre àqueles que estão à margem social e política do sistema.

No quarto capítulo discorre-se sobre a formação da cidadania, por conta do potencial interativo adquirido a partir da fusão com a internet, criando-se então o cibercidadão, como potencial novo cidadão do mundo.

No quinto capítulo, descreveu-se e analisou-se os dados coletados na pesquisa de campo, refletindo criticamente, à luz das teorias construídas ou defendidas por Nelson Preto, Sergio Amadeu, André Lemos, como ocorreu a implantação da rádio web na Escola Comunitária Luiza Mahin e como supostamente acontecem as produções colaborativas dos alunos com esta mídia, a partir do trabalho desenvolvido pelos professores e gestores desta unidade escolar.

CAPÍTULO I - A MÍDIA NO PROCESSO EDUCACIONAL

Os jovens e as crianças incorporam fácil e rapidamente as novas tecnologias quando têm acesso a elas, simplesmente porque estão incorporando todos os elementos de seu universo de socialização: para eles tudo é novo e está no mundo para ser apreendido e apropriado.

Belloni

O crescimento e o desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação (TIC) vêm intensificando, de maneira radical, a presença da comunicação na vida das pessoas e isso pode ser claramente evidenciado pelo aumento da influência dos meios de comunicação de massa na sociedade, a partir da expressiva assimilação dos conteúdos transmitidos por estas mídias por parte dos sujeitos que a compõem.

Atualmente, estes sujeitos, principalmente aqueles que fazem parte das novas gerações, têm suas opiniões, suas atitudes e, conseqüentemente, seus valores sedimentados por tais veículos comunicativos.

Dessa forma, com sua presteza em criar e disseminar informações em larga escala e sua destreza em manejar as tecnologias, as diferentes mídias se apresentam, hoje, como importantes veículos de difusão de variadas formas e manifestações culturais, passando a exercer, assim, na sociedade contemporânea, o papel de mediadoras entre os indivíduos e as culturas, transformando-se em organizadoras desta sociedade, por modificarem as interações coletivas, possibilitando aos sujeitos uma conexão cada vez mais ampla com as mais diversas formas de ver o mundo e de viver nele.

Uma vez que a escola faz parte deste contexto social cada vez mais organizado pela ação das mídias e que seu público é composta de sujeitos em formação, cuja constituição acontece dentro e a partir desta mesma sociedade, é importante destacar a necessidade urgente desta instituição educacional de falar a linguagem da mídia para mais facilmente acessar a linguagem dos seus alunos (FANTIN, 2006).

Se, hoje, os educandos se informam, se comunicam, se fazem e se refazem com a mídia, a escola também deve repensar os modelos que orientam seu funcionamento para, da mesma forma, se

atualizar e se transformar dentro deste mesmo ambiente midiático, dando conta de atender, assim, os desejos e as demandas de uma clientela cada vez mais ávida de novos conhecimentos, informações e experiências.

É fundamental também não perder de vista que, em uma sociedade democrática, a cidadania se constitui em válvula mestra de todo processo educativo, pela possibilidade de afirmação plena da pessoa na atualidade. Nesta sociedade, a escola assume um espaço privilegiado para o desenvolvimento da educação formal. Sendo assim, é neste espaço educativo privilegiado que a formação de cidadãos deve ser assegurada.

Nesta mesma direção, também é fundamental destacar que, considerando a relação intrínseca entre comunicação/educação/cidadania – na medida em que a prática educativa é essencialmente comunicativa e deve formar cidadãos criativos e reflexivos –, a mídia traz em si um importante papel pedagógico na constituição dos sujeitos e na construção da cidadania, pois, com sua força comunicativa e seu potencial especialmente educador, produtor e transformador de uma comunidade crítica, pode inspirar e divulgar modelos éticos de comportamentos e de usos e costumes, contribuindo para o desenvolvimento pleno dos sujeitos.

Nesse sentido, pelas importantes considerações feitas até aqui, torna-se possível ressaltar que a associação entre as mídias e a educação, considerando suas características e funções particulares e, principalmente, suas possibilidades de constituição dos sujeitos e de transformação da sociedade, é uma questão muito importante a ser debatida, tanto que fez surgir um novo campo de saber, a mídia e educação, que compreende o estudo, o ensino e a aprendizagem dos meios modernos de comunicação e expressão, considerados como parte de um campo específico e autônomo de conhecimentos, na teoria e na prática pedagógicas, o que é diferente de sua utilização como auxiliar para o ensino e a aprendizagem em outros campos do conhecimento, tais como a matemática, a ciência e a geografia. (UNESCO, 1984).

Reconhecida pela UNESCO como área de conhecimento, a mídia e educação pode ser incorporada nas escolas, mas com a ressalva de que tal incorporação precisa se configurar em uma verdadeira apropriação, e não reduzir-se apenas ao uso de meras ferramentas auxiliares no processo de ensino-aprendizagem de outras disciplinas, para que se torne mais ágil e mais atraente para os alunos.

Enquanto campo específico de estudos teóricos e práticos acerca da inter-relação entre meios de comunicação e educação, a mídia e educação propõe a integração das mídias ao processo educativo a partir do estudo e uso crítico dos seus códigos e modos de funcionamento e, principalmente, dos conteúdos por elas veiculados, na medida em que, como destaca Jesús Martín Barbero:

A simples introdução dos meios e das tecnologias na escola pode ser a forma mais enganosa de ocultar seus problemas de fundo sob a égide da modernização tecnológica. O desafio é como inserir na escola um ecossistema comunicativo que contemple ao mesmo tempo: experiências culturais heterogêneas, o entorno das novas tecnologias da informação e da comunicação, além de configurar o espaço educacional como um lugar onde o processo de aprendizagem conserve seu encanto. (BARBERO, 1996, p. 12).

Sendo assim, acredita-se que uma discussão dos aspectos que envolvem este novo campo do saber seja imprescindível para a elaboração deste trabalho, uma vez que tal empreendimento busca o (re)conhecimento das funções que a mídia assume hoje nas sociedades contemporâneas, bem como a compreensão de como as escolas podem lançar mão deste recurso para a transmissão da herança cultural, fundamental para educar em valores e para valores, acolhendo seus educandos, sem qualquer distinção, e fazendo com que estes adquiram instrumentos de análise crítica do mundo e da vida, ensinando, aprendendo e praticando diariamente o exercício da cidadania.

Para alcançar tais entendimentos, julga-se necessário, inicialmente, definir conceitualmente e caracterizar os termos mídia e educação, para em seguida, descrever o percurso histórico da mídia e educação, a fim de demonstrar como, gradativamente, veio acontecendo a introdução das mídias no espaço escolar e também refletir como os conhecimentos construídos acerca deste campo do saber vêm sendo aplicados nas ações educativas mais correntes.

1 - Mídia e Educação

O termo mídia, derivado do vocábulo inglês *media*, cuja pronúncia é “mídia”, significa meio e, de acordo com o dicionário Houaiss, se refere aos “meios de comunicação social de massas não

diretamente interpessoais”, abrangendo, assim, os jornais, as revistas, o rádio, o cinema, a televisão, os livros, etc., e, mais recentemente, o computador, a partir do advento da internet.

Já a educação – processo universal que visa assegurar o desenvolvimento integral do ser humano e sua inserção no mundo da cultura, a partir do conhecimento e possibilidade de transformação da sua realidade –, segundo Paulo Freire (ARAÚJO, 2008), parte da idéia da interação mútua, uma vez que, estando o homem em constante construção, carece de relações com seus pares onde possa encontrar convergências e necessidades comuns para construir saberes e culturas.

Por ser um processo comunicativo e dialógico, como ensina Freire, a educação pode ser definida como um encontro de interlocutores que, ao mesmo tempo, aprendem e ensinam uns aos outros, enquanto que a escola, espaço formal de realização deste processo, precisa ser vista como um local onde tais interlocutores, na figura do professor e do aluno, problematizam os conteúdos da realidade sobre os quais se co-intencionam com o intuito de adquirir e produzir conhecimentos.

Sobre o processo educativo, Mônica Fantin (2006, p. 100) acrescenta ainda que “a comunicação é imprescindível para a educação, pois toda prática educativa é uma prática também comunicativa, a comunicação faz parte da educação e, neste sentido, não existe educação sem comunicação”.

É importante explicar que, quando a autora fala da relação entre comunicação e educação, a idéia é de ambas estarem atuando juntas, em total interação, e não uma estar contida na outra, uma vez que, como ressalta Oliveira (2008), há uma interface entre estes processos que interessa ser explorada para que os sujeitos participantes entendam o mundo físico, o mundo cultural e as relações sociais dos quais fazem parte.

É por conta deste entrelaçamento entre comunicação e educação, destacada tanto por Fantin, quanto por Oliveira, que ganha força a discussão sobre a introdução e uso das mídias nas instituições educacionais, uma vez que, considerando a importância das trocas comunicativas para educar sujeitos e a intensa penetração e influência dos meios de comunicação como uma das características mais marcantes da sociedade atual, as mídias contemporâneas vêm gerando diferentes meios de percepção das realidades, das produções, e dos aprendizados, difundindo informações, conhecimentos e culturas, tornando-se, dessa forma, importante na constituição das pessoas.

No entanto, apesar desta penetração ilimitada dos meios de comunicação na vida das pessoas, principalmente das novas gerações, não se pode deixar de denunciar que, na maioria dos casos, as mídias, ao veicular ou deixar de veicular determinadas informações e manifestações culturais, não assumem e não se preocupam com a formação pedagógica desses indivíduos.

A integração das mídias acontece de forma desigual na sociedade atual, na medida em que os processos comunicacionais rapidamente se apropriam das tecnologias contemporâneas, enquanto que, por sua vez, tal apropriação acontece de forma muito lenta nos processos educacionais, por conta das dificuldades, principalmente das escolas públicas, de terem acesso a estas tecnologias.

Tais dificuldades, entretanto, não devem frear os esforços para introduzir estas mídias nas escolas, tanto porque grande parte destas tecnologias já está presente no dia a dia de um número considerável de pessoas – principalmente na vida dos jovens, que são mais abertos para as novidades e descobertas – mas, sobretudo porque tal integração funciona também como compensadora das desigualdades que costumam afastar as novas gerações da escola.

Com esta integração, que se estrutura no campo autônomo do conhecimento da mídia e educação, a escola pode cumprir – de forma mais sedutora e atraente, e mantendo um maior contato com seus educandos, através de uma linguagem mais atual – sua missão de formar indivíduos hábeis no exercício da cidadania, através do preparo das futuras gerações para a apropriação crítica e criativa das mídias, o que significa ensinar- aprender a ser um cidadão capaz de usar as TIC como meios de participação e expressão de suas próprias opiniões, saberes e criatividade. (BELLONI, 2005)

Desde o aparecimento dos primeiros meios de comunicação de massa que as escolas vêm, gradativamente, introduzindo as mídias nas suas práticas pedagógicas, na tentativa de acompanhar as mudanças do seu tempo. Ao longo desses anos, as mídias foram evoluindo consideravelmente e o surgimento das tecnologias contemporâneas, em particular a internet, provocou muitas mudanças em todos os espaços sociais, inclusive nas escolas, no que se refere às relações entre os processos midiáticos e educativos.

Considerando que compreender todas estas mudanças seja fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa, o próximo tópico deste trabalho traz um breve histórico do percurso da mídia e

educação, delineando como se deu o surgimento deste campo específico e autônomo do conhecimento, chegando até a descrição da sua situação atual.

2 - Breve Histórico

As reflexões em torno da mídia e educação, de algumas décadas atrás até os dias atuais, vêm sendo ampliadas e aprofundadas pela constatação de sua influência na formação contemporânea dos sujeitos. O advento das tecnologias da informação e comunicação, trazendo o inigualável poder da internet de disseminar informações e colocar em contato pessoas situadas nas mais diferentes partes do mundo em tempo real, aumentou ainda mais a necessidade de exploração e discussões acerca deste campo de conhecimento.

Para dar início à compreensão do caminho histórico percorrido pela mídia e educação, é necessário estabelecer a mídia como produto desenvolvido dentro do contexto da ordem industrial, que, na época da indústria, devido à concentração administrativa e econômica e ao desenvolvimento tecnológico, estabelecia estrutura semelhante ao cinema, rádio, revistas, etc.

Mesmo misturando ficção e realidade, criando mitos, às vezes mentindo, outras vezes veiculando mensagens preconceituosas, as mídias vieram conquistando um espaço cada vez maior na educação informal, angariando, inclusive, o poder de hierarquizar valores, incutindo, muitas vezes, no inconsciente dos seus usuários, a noção do certo, do justo, do belo e da virtude. Aos poucos, as mídias também foram sendo introduzidas na educação formal.

Apesar das oposições iniciais dos professores (DERETTI, 2008) – que temiam e denunciavam seus perigos de corromper os estudantes e/ou substituí-los na sua tarefa de ensiná-los – e das dificuldades financeiras e administrativas dos sistemas de ensino, a maior parte das escolas não pôde resistir ao impacto causado pelas mídias na sociedade e aderiu ao seu uso. Contudo, os primeiros usos das mídias nas escolas eram voltados tão somente para sua utilização enquanto recurso didático para tornar mais fácil, mais lúdica, mais atual e mais atraente a aprendizagem de conteúdos e capacidades das mais diversas disciplinas do currículo escolar. (DERETTI, 2008)

No entanto, estudiosos e teóricos de diferentes áreas do conhecimento, como a Filosofia, a Pedagogia, a Sociologia, a Comunicação, foram percebendo que, dependendo da forma como são

consumidas, as mídias não estabelecem relações com as pessoas apenas criando e ditando padrões e modos de pensar, sentir e agir.

Estes veículos de comunicação de massa carregam consigo também a aptidão para colaborar significativamente no processo de formação de indivíduos ativos, reflexivos e autônomos, na medida em que podem contribuir enormemente para a democratização das informações e dos saberes construídos historicamente e também para o conhecimento da realidade social a partir de uma perspectiva crítica e totalizante.

Foi a partir da percepção de estudiosos e teóricos, que a mídia e educação surgiu e tomou corpo como campo de saber que associa os processos comunicativos e educativos. Ao longo da sua história, recebeu algumas diferentes definições, das mais simples às mais sofisticadas, resultados das contribuições de diferentes autores. Todavia em todas elas, conforme destaca Lélisa de Oliveira (2008), as mídias são interpretadas como mediadoras do processo da aprendizagem, da linguagem, do pensamento, da intelectualidade humana e da sua visão de mundo.

Segundo Mônica Fantin (2006), o termo mídia e educação foi definido, pela primeira vez, de forma oficial, pelo Conselho Internacional do Cinema e da Televisão, em 1973, e dizia respeito ao ensino e aprendizagem, na escola – considerada o local específico deste campo do saber –, dos modernos meios de comunicação como disciplina autônoma no âmbito da teoria e da prática pedagógica. Neste mesmo ano, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 1984) define mídia e educação como o estudo, ensino e aprendizagem de comunicação e expressão por meios modernos, de um campo específico e com autonomia de conhecimentos na teoria e prática pedagógica.

Em 1979, a UNESCO elabora outra aceção, buscando traduzir melhor os objetivos e os objetos de estudo deste novo campo do saber.

Todas as maneiras de estudar, aprender e ensinar em todos os níveis (...) e em todas as circunstâncias, a história, a criação, a utilização e a avaliação das mídias enquanto artes práticas e técnicas, bem como o lugar que elas ocupam na sociedade, seu impacto social, as implicações da comunicação mediatizada, a participação, a modificação do modo de percepção que elas engendram, o papel do trabalho criativo e o acesso às mídias. (UNESCO, 1984).

De acordo com Fantin (2006), esta nova definição foi elaborada pela UNESCO, a fim de desdobrar o campo de intervenção da mídia e educação em duas direções: a primeira se abriu aos seus aspectos históricos, valorativos e do uso criativo, considerando as mídias como produtos e processos culturais e sociais; e a segunda, relacionada à ampliação da disciplina escolar mídia e educação, se expandiu para outras faixas etárias, envolvendo crianças, jovens e adultos.

Pensada por Rivoltella (FANTIN, 2006), a terceira definição define a mídia e educação como uma prática social e uma disciplina curricular na formação de crianças, jovens e adultos, trabalhando as linguagens e os conteúdos da alfabetização na mídia, capacitando-os a ler e escrever de forma crítica, discutindo, então, temas como direito de acesso, igualdade e participação à cidadania, todos ligados ao campo da mídia e educação.

Além de descrever, desde seu surgimento, as principais definições que a mídia e educação recebeu de alguns estudiosos ao longo dos anos, acreditamos também ser importante para melhor desenvolvimento deste trabalho realizar uma abordagem temporal e geográfica do seu contexto histórico-evolutivo, identificando suas concepções e fases, na medida em que temos como um dos principais objetivos deste capítulo alcançar uma maior compreensão das características e possibilidades deste campo do conhecimento.

Apesar da primeira definição de mídia e educação só acontecer, oficialmente, em 1973, a presença das mídias na educação começa ainda na década de 30, do século XX, momento da educação em que as mídias eram estudadas e utilizadas nas escolas como uma maneira de proteger as pessoas contra os efeitos maléficos dessa esfera da cultura. Documentos dessa época já aconselhavam, de forma clara, a inserção das mídias nos estabelecimentos educacionais, como o Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova (1932), que dizia que “a escola deve usar, em seu proveito, com a maior amplitude possível, todos os recursos formidáveis, como a imprensa, o disco, o cinema e o rádio”.

Nos anos 50, a sociedade se vê marcada pela tecnificação e, por conta disso, os impactos sociais e educativos da tecnologia começam a ser analisados. A partir destes impactos, as tecnologias deixam de ser meras ferramentas a serviço dos homens, que passaram a modificá-las, dotando-as, então, de recursos para interferir no modo de perceber o mundo, de se expressar e gerar, transformações. Nesta década, as mídias tiveram seu uso educacional restringido, na medida em

que deixaram de ser utilizadas em escolas convencionais, sendo adotadas apenas nas escolas alternativas, onde crianças, jovens e adultos das classes mais favorecidas encantavam-se e eram estimulados a conhecer novos e significativos conteúdos.

Na década de 60 acontece a popularização dos “estudos culturais”, que propunham o estudo das mais diferentes manifestações culturais em sua complexidade e diversidade, orientando, inclusive, para um questionamento crítico delas, visando o entendimento das relações de poder que as produzem, disseminam e mantêm.

Tais estudos culturais foram muito importantes para as escolas, no sentido da adoção de ações educativas mais democráticas, uma vez que levaram estas instituições educacionais, baseadas nas convivências entre identidades sociais e culturais diferentes, a refletir com seus alunos acerca de conteúdos preconceituosos transmitidos pelas mais diversas culturas, inclusive a cultura das mídias.

Junto com os estudos culturais, ganhou força também nesta década a concepção de leitura crítica, que promoveu o início da sensibilização de estudiosos do tema e de professores pelas produções cinematográficas. Com estas novas formas de percepção do mundo e das culturas, proporcionadas pelos estudos culturais e leitura crítica e também pelo papel político adotado por autores, as atenções se voltaram para aqueles que absorviam as mídias, os consumidores de mídias, e, nesse sentido, a utilização dos recursos midiáticos nas escolas passou a ser entendida como uma intervenção necessária para garantir aos usuários capacidades e conhecimentos para “desconstruir” os processos e produtos midiáticos. (OLIVEIRA, 2006, p. 8), trazendo para estas instituições a “abordagem da desmistificação”, isto é, a tarefa de criar condições básicas para os alunos refletirem sobre a convivência dos sujeitos com as mídias.

Já nesta década de 60, particularmente no Brasil e em alguns outros países da América Latina, pela história de lutas contra os regimes de ditadura, as práticas com as mídias e educação começaram a exercer um papel de extrema importância de resistência, desenvolvendo-se à margem da educação oficial, com projetos de várias instituições que trabalhavam cultura popular e educação popular.

Nos anos 70, já com a oficialização, pela UNESCO, da mídia e educação como campo de saber, e a definição de seus objetivos e objeto de estudo, surge a concepção ideológica, trazendo para o centro do debate, como já vinha acontecendo no Brasil, discussões em torno da atuação da mídia e educação enquanto instrumento de luta e resistência na defesa e sustentação da democracia em um contexto hostil promovido pelas ditaduras militares, principalmente as da América do Sul (FANTIN, 2006).

No período que envolve os anos 80, pela falta, ainda – apesar da oficialização já ter ocorrido desde a década passada –, de políticas públicas voltadas para ações sistemáticas da mídia e educação para integrá-la no contexto escolar como campo disciplinar específico, o estudo sobre as mídias passa a aparecer na educação escolar pelas disciplinas ou atividades em outras áreas do currículo, trabalhadas, ainda, na perspectiva dos estudos culturais, adaptados às inovações tecnológicas.

Durante esta época, comunicadores, educadores e movimentos culturais, além dos religiosos, lançaram-se em busca de práticas interessantes e até inovadoras nessa área, porém, apesar dos avanços concretos alcançados, estas práticas traziam um caráter muito mais militante do que propriamente oficial, provocando, muitas vezes, reações adversas por parte de diversos setores da sociedade.

A partir da última década do século XX, as mídias mais clássicas, como o cinema, o rádio, a televisão e os impressos, os mais importantes meios de comunicação de massa até então, passaram a viver transformações grandiosas, graças a sua associação com o campo da informática e seu processo de digitalização.

O desenvolvimento deste campo e desta técnica – que tanto tornou possíveis estas transformações das mídias mais clássicas, assim como o advento das contemporâneas tecnologias da informação e comunicação (TIC) – disponibilizou para a população novas possibilidades de obtenção e difusão de informações, de comunicação e de produção de culturas e conhecimentos, promovendo uma verdadeira revolução digital, que gerou grandes e radicais mudanças sociais e culturais.

Esta revolução digital promovida pela informática tem a internet como sua principal representante, uma vez que, por conta desta rede, vêm se acrescentando ao computador, em uma velocidade e em uma variedade notáveis, quantidades consideráveis de outras TIC bastante inovadoras e ligadas às telecomunicações, como DVD, ipod, mp3, celulares com diversas novas funções, sem falar nos games, sempre cheio de novidades para atrair, principalmente, o público jovem.

Assim sendo, pode-se afirmar que, através da internet, tornou-se possível para as pessoas comuns ter acesso às TIC e às outras mídias, para usufruir, de forma ilimitada, os seus mais diferentes e sofisticados recursos, entre eles, a informação, o entretenimento, a comunicação e, principalmente, a interatividade.

É importante destacar, neste ponto, que as mídias mais clássicas – até então formadoras de uma sociedade chamada de “aldeia global” por McLuhan (1969) –, com a chegada das TIC e com as transformações que sofreram a partir da substituição da tecnologia analógica pela digital, tornaram-se, além de mais personalizadas, também muito mais invasivas e penetrantes, passando, então, a organizar uma nova sociedade, denominada de “sociedade da informação e do conhecimento” ou “sociedade em rede” (CASTELLS, 1999), composta de antigos e novos elementos, aporias e utopias, como democratização cultural, inteligência coletiva, autonomia, igualdade social, realidade virtual, etc.

No centro desta sociedade que, em rede, dissemina e produz informações conhecimentos e culturas, a internet, em conjunto com as demais tecnologias da informação e comunicação (TIC), revela, transforma, institui e apresenta, de forma absolutamente inédita, questões econômicas, políticas, sociais, científicas, históricas, cujos conhecimento e compreensão são fundamentais para o exercício pleno da cidadania.

Sendo assim, pode-se afirmar que o advento das TIC abre uma nova página para o campo da educação, uma vez que, mais do que nunca, o uso crítico e criativo das mídias nas unidades escolares torna-se uma condição indispensável para que estas instituições – pautadas em valores democráticos e em uma visão de formação humana emancipadora, e privilegiando, principalmente, os processos participativos possibilitados por estas tecnologias – formem pessoas capazes de relacionar, selecionar, assimilar, reestruturar e ressignificar as diversas questões e

temas da sua realidade, a fim de melhor compreendê-la e de se apropriar de diversas habilidades para mobilizar-se e mobilizar outros sujeitos para transformá-la.

Neste ponto da pesquisa, importa destacar que uma das maneiras inéditas da internet e outras TIC de revelar/transformar/instituir e apresentar as questões/temas da realidade tem a ver com as outras formas de linguagem, os novos discursos trazidos por estas tecnologias. Uma vez que estas linguagens contemporâneas precisam ser estudadas e debatidas para serem conhecidas e melhor aproveitadas pelas escolas nas suas práticas pedagógicas, o próximo tópico deste trabalho trata da relação que se estabelece entre estas linguagens, as tecnologias da informação e comunicação e a educação.

3 - TIC e a evidência das linguagens contemporâneas

Vivemos numa era de transformações, de interdependência global com a internacionalização da economia, nomeada por Tapscott (1999), de "Economia Digital", que se baseia no capital intelectual humano e nas redes, por meio das quais conhecimento e informação se transformam em meios de produção.

Os recursos tecnológicos de informação e comunicação estão presentes no cotidiano dos cidadãos e não podem ser ignorados, embora sua propagação ocorra desigualmente. Os mais importantes fenômenos sociais, econômicos e culturais não acontecem isoladamente nos dias de hoje.

O espaço é coberto por um emaranhado de redes que transitam fluxos variados, ocorrendo, assim, conexões entre os diversos lugares do planeta. Marshall McLuhan (1969) lembra que o mundo se tornou uma “aldeia global”, uma visão desenvolvida através das TIC de um mundo interligado, referindo-se à “globalização”, “um fenômeno multifacetado com dimensões econômicas, sociais, políticas, culturais, religiosas e jurídicas interligadas de modo complexo”, segundo Santos (BONILLA, 2005, p. 61), das informações e da cultura, criando novas exigências profissionais.

As TIC têm proporcionado grandes possibilidades de difusão de informações, facilitando o acesso, configurando a prática de sua linguagem, havendo, então, necessidade de um desenvolvimento nas competências e habilidades, para se apoderar dos conhecimentos que são oferecidos pelas informações. Maria Helena Bonilla considera mais:

As TIC, mais do que um simples avanço no desenvolvimento da técnica, representam uma virada conceitual, à medida que essas tecnologias não são mais apenas uma extensão dos sentidos humanos, onde o *logos* do fazer, um fazer mais e melhor, compõe a visão do mundo. As tecnologias da informação e comunicação são tecnologias intelectuais, pois ao operarem com proposições passam a operar sobre o próprio pensamento, um pensamento que é coletivo, que se encontra disperso, horizontalmente, na estrutura em rede da sociedade contemporânea. (BONILLA, 2005, p. 21).

As TIC surgem, então, como uma forma de participação dos cidadãos que estavam antes à margem de todo o processo educacional, político e social, e a internet oferece, em sua linguagem, múltiplas opções dessas participações no mundo contemporâneo.

A imagem abaixo mostra como a globalização, através de símbolos, está presente na vida diária das pessoas.



Figura 01 - Quadro de símbolos da globalização

Meio de comunicação de idéias, a linguagem é um sistema de signos convencionados como os sonoros, os gráficos, gestuais, etc., distinguindo-se em várias espécies como a visual, auditiva, tátil, etc., ou ainda em outras mais complexas construídas, ao mesmo tempo, de diversos elementos.

A comunicação escrita através da internet fez surgir uma nova linguagem, revolucionando a forma de leitura e escrita de seus participantes que utilizam conceitos estruturais conhecidos para expressar o que pensa, modificando-os assim, para uma linguagem contemporânea, sendo então, decodificada em seguida, por quem a recebe e sendo transformada em nova mensagem. Nesta concepção os participantes realizam ações e interagem uns com os outros, ampliando a dimensão da linguagem, sem direção estabelecida, num contexto ideológico e social, dependendo unicamente da interação entre dois ou mais sujeitos.

Com o surgimento e a utilização das TIC, há, como já houve em outros momentos da história (quando da invenção da televisão, do telefone, do telégrafo e do fax, por exemplo), a idéia de que a internet surge para superar ou tomar o lugar dos formatos tradicionais da informação.

A internet como um meio de comunicação contemporânea, esta mudando a mídia, mas não tomando o lugar destes velhos formatos, assim como as demais tecnologias que se relacionam a ela, oferecendo grandes oportunidades para a participação dos indivíduos, com uma linguagem contemporânea, nos diversos debates que existem em seu espaço, no ciberespaço, um espaço do cibercidadãos interligados por uma rede de computadores em todo o mundo.

A rede move-se de forma a transformar-se permanentemente (BONILLA, 2005), e é utilizado de forma dinâmica, pois sua composição é culturalmente miscigenada, gerando assim, várias faces que transmitem informações em inúmeras direções.

Interessante registrar, neste momento, como informação complementar, que segundo Bernadete Amim (2005), os elementos básicos e mínimos da noção de informação são três: tradução possível em sinais, codificação possível desses sinais em dados e transmissibilidade dos mesmos. Caso consideremos somente essas características, todo tipo de linguagem veicula e contém informação. Talvez seja importante ter cautela, mesmo porque há uma tendência, nos dias de hoje, de prevalecer como referência desse conceito à codificação/decodificação e a interconectividade eletrônica. (AMIN, 2005).

A imagem a seguir mostra de como é formada a rede, e suas várias direções.

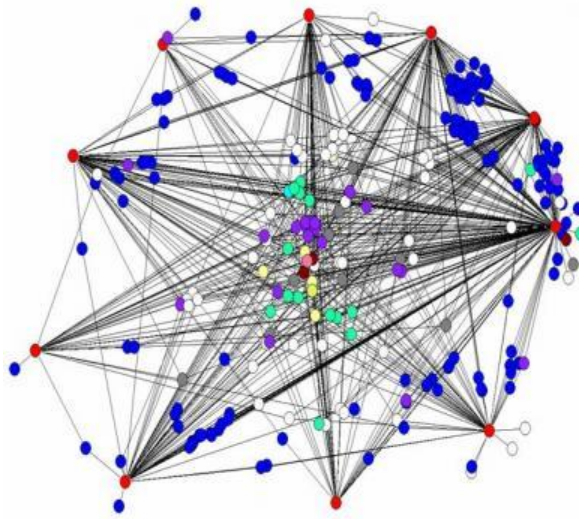


Figura 02 – Imagem de redes se interconectando em todas as direções.

Neste momento, esse outro modelo de linguagem na comunicação, com múltiplas fontes de informação, pede um cenário novo de aprendizagem que transborde a escola, com um currículo que exceda os limites disciplinares. Suas características essenciais como virtualidade, acessibilidade, simulação, construção conjunta, participação e grande diversidade de informações, são novas e demandam concepções metodológicas diferentes das tradicionais, na compreensão da educação.

Sendo assim, a educação não tem que somente se adaptar às necessidades da sociedade, mas assumir principalmente um papel importante nesse processo. Para tal, há o imperativo de apropriação dos estudantes dos conhecimentos culturais, econômicos, políticos e sociais, de forma integrada, para que exerçam, então, cidadania nos diversos ambientes sociais dos quais façam parte, evidenciando assim estas linguagens contemporâneas.

Se o ensino for orientado dentro desse panorama, abre diversos espaços para compreender que o homem não está isolado; ao contrário, estabelece com o mundo relações de interdependência complexas. "O ser humano nos é revelado em sua complexidade: ser, ao mesmo tempo, totalmente biológico e totalmente cultural" (MORIN, 2001, p. 22).

Para isto, é muito importante pensar sobre um projeto pedagógico que contemple as TIC. A legislação educacional brasileira em vigor, por meio das Diretrizes Curriculares Nacionais, a LDB (Lei de Diretrizes e Bases) nº 9394 de 1996, aponta para a exequibilidade em relação à estrutura e ao funcionamento do projeto. As diretrizes atuais indicam a necessidade de estruturação da escola por meio de um projeto pedagógico. O domínio das TIC também é recomendado. (MORIN, 2002)

Quando cuidamos das questões de aprendizagem, cuidamos, também, de aspectos preparatórios dos indivíduos para a vida coletiva, orientando-o para o pensamento. Para Maria Helena Bonilla este contexto contemporâneo transforma-se muito rapidamente:

O contexto contemporâneo é fortemente marcado pela velocidade das transformações que estão ocorrendo nos mais diferentes âmbitos da vida social. Cada transformação provoca e é provocada pela outras, de forma que a complexidade é uma de suas características básicas. As mudanças nos processos tecnológicos provocam transformações na economia, nas relações com o saber, as relações de poder, nas relações entre os sujeitos. No entanto, não as determinam. Também as transformações tecnológicas são provocadas pela criatividade e pelas necessidades gestadas no interior de todas as demais relações, de tal forma que, segundo Castells (1999, p. 25), “a tecnologia é a sociedade, e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas”, o que gera um complexo processo interativo. (BONILLA, 2005, p. 20).

A sociedade contemporânea busca pessoas competentes, humanas, éticas, e com capacidade de desenvolvimento de ações individuais e coletivas em diferentes contextos, cujos saberes caminham e avançam juntos com o desenvolvimento tecnológico e científico. (MORAN, 2009)

Há a necessidade de se ter uma visão dessa sociedade, buscando espaço para uma nova práxis pedagógica, identificada como uma nova linguagem, uma linguagem contemporânea, que é entendida como consciência crítica e reflexiva da prática, na ação sobre a ação, do ensino, visando à integração e interatividade da educação, da comunicação e cultura no contexto social, e a internet, como meio facilitador, possibilita esta integração, constituindo redes sociais.

4 - Interatividade nas Redes Sociais

As relações com a família se configuram no primeiro espaço interativo do homem, no qual desenvolve relações sociais, e estabelece vínculo de interesse comum. A utilização deste espaço,

com trocas de experiências, de resoluções de problemas e as ajudas disponibilizadas para ambos, faz disso uma rede, e este pertencer a uma rede faz com que haja mudanças neste indivíduo e no contexto cultural no qual a rede compõe. Nelson Pretto e Felipe Serpa (2001), também definem a rede como um espaço de utilização de recursos para o bem individual e coletivo, além de ser um espaço comunicativo de conexão e articulação de indivíduos e comunidades que está aberta e sempre em construção.

Uma rede se organiza através de um movimento social e cultural, através de uma estrutura horizontal, onde cada indivíduo constrói e atua de acordo com suas características específicas. Estas estruturas são conexas e dinâmicas e estabelecem maior participação e colaboração, criando relações pessoais, sustentadas pela afinidade e vontade dos indivíduos, para a estruturação social, compondo, então as redes sociais.

[...] a noção de rede diz respeito a um princípio de organização de sistemas, o qual envolve as redes tecnológicas, as redes sociais, as redes acadêmicas e, claro, as redes das redes, gerando, potencialmente, conhecimentos que podem contribuir para uma maior integração de ações e conhecimentos, dentro de um universo interdependente. Entender os princípios que caracterizam a estrutura de rede fortalece uma perspectiva de análise da realidade, na qual os sujeitos ocupam um espaço significativo de poder, exercendo a sua capacidade de alterar essa realidade, a partir das condições constituídas historicamente. (PRETTO; ASSIS, 2008)

As redes sociais são transformadoras, pois o fato de se fazer parte de uma rede, desperta o protagonismo, ou melhor, ensina a ser o facilitador do protagonismo de várias pessoas, facilitando e possibilitando de forma transformadora a aprendizagem, desencadeando mudanças individuais e grupais. Podem ser vistas como interdependentes, pois envolvem participações e colaborações dos indivíduos que dela participam, posicionando-os, socializando-os e integrando-os em seu meio.

Com a chegada da internet, a idéia das redes sociais ganha força e adquirem o molde atual, facilitando as relações pessoais, as informações entre as pessoas e redes de comum interesse. Amigos, pessoas afins se reencontraram, novos grupos se formaram, a partir de gostos e afinidades comuns, conectando e se comunicando através de diversos sites, perfis e fóruns, além de uma infinidade de recursos tecnológicos. Estas formações interativas possibilitaram que as redes sociais fossem criadas na internet, gerando vínculos sociais.

No Brasil, o acesso as redes sociais é muito grande, sendo um dos dez países em que as pessoas mais acessam, segundo pesquisa realizada pelo IBOPE Inteligência (2010) (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística) e pela Worldwide Independent Network of Market Research (WIN).

Na imagem abaixo mostra uma representação das redes sociais e de como eles estão interligadas, construindo-se, assim através da colaboração de todos.



Imagem 03 – Representação de rede social

Os resultados mostram que 87% de internautas participam de diversas redes (Orkut, Youtube, Twitter, Facebook, entre outras). Em sua maioria, os brasileiros acessam as redes sociais por questões pessoais (83%), e pouco por razões profissionais (33%), estando acima da média mundial que é de 75% e 25% respectivamente. Sendo que na região nordeste o acesso pessoal alcança os 90%, contra 85% da região sudeste.

A internet, hoje, se faz presente em diversos segmentos sociais e já ocupa lugar em inúmeras ações no cotidiano das pessoas em diversas questões (sociais, informações, serviços e comunicação), possibilitando que estas pessoas atuem de forma interativa. Usado a partir do século XX, o conceito de interação, mais especificamente o de interação social, designa a influência, de forma recíproca, de atos de grupos ou pessoas. Já o conceito de interatividade surge, de forma mais recente, no contexto das TIC.

A partir do desenvolvimento das TIC, uma forte mudança na forma de comunicar-se, onde o atual modelo, linear, de distribuição informativa de emissão da mensagem para o receptor modifica-se, transformando a mensagem para um conteúdo que possa ser manipulado tanto pelos que emitem e pelos que recebem.

Nota-se porém, que nem todas as emissões passam por esse modelo, e que ainda hoje, existem informações transmitidas pelo modelo linear da mídia, mesmo com as TIC potencializando outra forma de comunicação, mais interativa, mesmo que esta não seja absolutamente necessária para haver interatividade, e que oferecem a quem recebe várias possibilidades de manipular esta informação.

No campo da educação, a utilização da interatividade como forma de comunicação entre aluno e professor nos faz pensar sobre a maneira de como se transmite a informação e seu conteúdo, linear, de forma sistemática e hierárquica na soberania do professor em educar. Com a possibilidade de novas relações, oferecidas pela interatividade na escola, com trocas entre todos, sem saberes hierarquizados, há uma construção coletiva, tornando as pessoas que recebem, naquelas que também emitem. Criam-se, então autores e co-autores de uma mesma produção.

Na educação a internet é, ou deveria ser utilizada em diversos contextos, seja de maneira formal ou informal, como plataforma pedagógica de apoio a pesquisa e ao processo de ensino, e conseqüentemente de aprendizado, quanto na extensão do espaço da escola, na construção de ambientes virtuais, que favorece, ou deveria, a interação entre comunicação e educação, e a família com a escola. A construção de ambientes virtuais na escola e a internet são uma maneira de entender e participar em um mundo em movimento e em franca transformação.

Antes de ser utilizada como forte referência de recursos para a educação, a internet já estava inserida no contexto dos alunos, que utilizam blogs para se comunicar com amigos, redes sociais de relacionamentos, escutam músicas, assistem e compartilham vídeos, fazem downloads e trocam muitas informações com as pessoas. Uma característica marcante dessa nova geração refere-se à colaboração entre as pessoas que usam e utilizam a web na construção e desenvolvimento de conteúdos para que se tornem melhores, quanto mais são usados e transformados pelas pessoas, formando uma vasta rede virtual.

Com a participação dos alunos de forma ativa na construção de sua aprendizagem, e de seus pares de forma colaborativa, o uso das redes sociais pode ser feito na escola, em casa ou mesmo nas lan houses, pois as redes sociais oferecem através de seus meios um grande potencial educativo, possibilitando trocas de conteúdos, aprendizagens colaborativas em grupo, compartilhando idéias.

A educação através das redes sociais e das TIC, propõe desafios aos alunos, para que possam se informar e reconstruir os conhecimentos que já foram construídos anteriormente. É fundamental que o aluno crie o seu próprio caminho, com uma produção pessoal de informações, ligando entre si os saberes, realizando a permutabilidade-potencialidade própria das redes digitais (BIANCHETTI; FERREIRA, 2005).

Os sujeitos inseridos no processo educacional neste espaço terão possibilidades participativas, de diálogos e construções coletivas de novas linguagens, gerando formas diferentes e novas de entender o mundo e a sociedade que os cerca, possibilitando relações e comportamentos novos.

Sendo assim, a interatividade torna possível uma aprendizagem diferenciada, onde o aluno traça seu caminho de acordo com suas necessidades e desejos, potencializados pelas tecnologias digitais, realizando trocas com os demais envolvidos no processo de produção dos conhecimentos.

É importante que possamos perceber as possibilidades interativas que as TIC e as redes sociais proporcionam à educação, podendo ser um divisor entre a educação tradicional e outra construtiva, de forma inexorável, no processo dos conhecimentos, percebendo o aluno como um sujeito extremamente importante deste processo.

5 - Inexorabilidade das mídias na educação

A era contemporânea caracteriza-se, também, pela produção de bens culturais, a circulação da informação, ocupando na formação social do homem um papel de destaque. Vivemos uma nova ordem regulada por um universo amplo e diversificado culturalmente. Participamos de uma formação social cujo modelo cultural, que está mundializado, constitui uma realidade inexorável.

A partir desta realidade, nos deparamos com um contexto tecnológico inovador, que avança para a escola e abre espaços para um profundo debate educativo. O século XXI se apresenta como o da informação, e a escola está submetida a esta inovação, mas muitas vezes considera apenas que a conexão seja suficiente.

Outra maneira de pensar na transformação técnica está no centro dos debates educativos, e podemos afirmar que a inovação tecnológica não é uma simples evolução técnica, porque estas influências são fundamentais na mudança na forma de se comunicar, de aprender e até mesmo de trabalhar. Nenhuma tecnologia nova sobrepõe à antiga. A tecnologia se integra aos usos sociais, e evolui, assim, das tecnologias antigas, conforme a história nos mostra de forma muito clara. A imprensa não substituiu os manuscritos, a fotografia não substituiu as artes plásticas e nem a televisão suplantou o rádio, e isso ocorre atualmente com o hipertexto e o livro. Cada tecnologia tem seu espaço.

Os debates educativos, à medida que se aproximam das transformações culturais do mundo contemporâneo, se abrem para o caráter interdisciplinar da educação. A escola, os professores e os profissionais da educação não podem deixar de se preocupar com as práticas educativas da contemporaneidade. Dessa forma a escola não é a única que educa, e as mídias, através das TIC, despontam como parceiras dessa ação pedagógica.

A escola ainda dialoga pouco com as TIC, e esse processo necessita ser modificado, pois as mudanças sociais importantes, que antes, ocorriam em outros lugares, repercutam, de forma mais contínua, na educação. A participação das TIC na educação e na escola apresenta-se como um campo muito vantajoso de observação, pois há uma grande defasagem do ensino em relação aos anseios dos jovens, pois impacto das TIC na cultura destes jovens é muito claro.

Há a necessidade de compreender como a escola está enfrentando este novo e grande desafio com o surgimento das TIC na educação, descobrindo as suas finalidades sociais na escola, e nas demandas que crescem em ritmo acelerado (BELLONI, 2005). Os sistemas educacionais terão que responder a estas demandas com a tendência de crescimento da educação.

As TIC propõem para a escola uma diversificação em suas práticas pedagógicas, e a internet pode proporcionar uma renovação na pedagogia, convidando-nos a uma reflexão em nossas práticas, além de questionar sobre nossas concepções de educação.

A escola deve repensar seu espaço, para que não seja isolada da realidade contemporânea no mundo, fechando-se para novas possibilidades educativas. Os alunos navegam virtualmente por espaços múltiplos na internet, são atores da vida comum, que se projetam publicamente, compartilhando e aprendendo, o que significa que a escola deva refletir e inseri-los em seu espaço educacional.

A internet, como fator de cultura, aprendizagem e democratização na escola, pode ser uma oportunidade para a educação reafirmar o seu lugar historicamente, libertando-se das amarras do tempo e espaço escolares circunscritos à normatização e regulação da razão instrumental, abrindo suas portas e janelas para a convivência com diferentes valores e culturas. O uso social da rede internet pode vir a transformar a escola única na escola plural, produzindo diferentes saberes e diferentes culturas. (LIMA; PRETTO; FERREIRA, 2005).

Com a importância do reconhecimento das TIC e a urgência da criação de suportes para integrá-las à educação, as instituições educacionais precisam de cuidados para não haver deslumbramento e usá-las de forma indiscriminada, utilizando apenas os ganhos técnicos e não os ganhos pedagógicos. É importante lembrar que este “deslumbramento” frente às incríveis potencialidades das TIC está longe de ser uma ilusão ou um exagero “apocalíptico”, mas ao contrário, constitui um discurso ideológico bem coerente com os interesses da indústria do setor. (BELLONI, 2005, p. 24)

As TIC estão presentes, cada vez mais, na vida cotidiana de todos, e principalmente do universo dos jovens, tendo importância fundamental, e necessária, a sua integração na educação. Para que sejam trabalhadas na educação, a escola terá que se abrir para o novo, para o imprevisto, pois os alunos irão caminhar por diferentes trilhas uns dos outros, que serão impossíveis de serem previstas, e o professor não será apenas um transmissor de conteúdos, e sim um receptor como também serão seus alunos.

As TIC acrescentam complexidades ao processo de mediação da educação, ao mesmo tempo em que trazem potenciais criativos destas mediações, pelo fato da educação encontrar dificuldades na utilização destas técnicas na educação. As características essenciais das TIC como virtualidade, acessibilidade a superabundância, simulação e extrema diversidade de informações (BELLONI, 2005), são novas e demandam metodologias diferentes daquelas

tradicionais estratégias de ensino, com discursos lineares, positivistas e, sobretudo, cartesianos, sendo que sua utilização com fins educacionais necessita de grandes mudanças na maneira de compreender a didática e o ensino.

A integração das TIC aos processos educacionais ultrapassam as questões técnicas para se encontrar no nível da definição das finalidades sociais educativas. Entre os fins e modos desta integração, estão as escolhas que a sociedade faz, e a escola se questiona se educa para produção ou para a cidadania. A implantação de rádios web nas escolas proporciona aos alunos e professores uma oportunidade de trabalhar a cidadania e a comunicação na educação, gerando oportunidades de construção de conhecimentos para formação de cibercidadãos na educação.

CAPÍTULO II - DO RÁDIO ANALÓGICO À RÁDIO WEB

Imagine uma rádio que, ao invés de nos entorpecer a capacidade de ouvir sons, nos fortalecesse a imaginação e a criatividade; ao invés de nos manipular para aceitar um trabalho mais rápido e um consumo maior, nos inspirasse a inventar; ao invés de nos sobrecarregar com informação irrelevante que nos fatiga nos revigorasse a sensibilidade acústica; ao invés de nos conduzir a ignorar pensamentos e o que nos rodeia nos estimulasse a ouvir; ao invés de transmitir sempre as mesmas coisas não se repetisse; ao invés de nos silenciar, nos encorajasse a cantar e falar, para fazer do rádio um pouco de nós mesmos; ao invés de meramente transmitir para nós, ouvíssemos através dele

Hildegard Westerkamp

Neste capítulo trataremos da história que acompanha o nascimento do rádio até chegar a sua utilização na internet comunicando-se com o planeta, a rádio web.

Desde a criação do rádio galeno através de ondas hertzianas, passando por modificações estruturais com o surgimento da televisão, e proporcionando lazer e informações durante décadas, o rádio conquistou ouvintes fiéis e passou a ser um dos mais importantes veículos de informação do mundo.

A rádio hoje é um veículo amplamente difundido e pode entre outras coisas, entreter, informar e educar. Com os passar dos anos e com a chegada da internet, a rádio ganhou mais dinamismo e espaço no meio virtual, sendo possível acessar emissoras de diversos países via web e produzir variados programas, levando informações locais para outros lugares do mundo.

Diante desta realidade o rádio se aproxima de ações educacionais e passa a ser importante para a formação social e cultural. A partir daí a rádio ganha um novo caminho e alia a tecnologia contemporânea a sua estrutura criando novas maneiras de utilizar as suas produções, ganhando assim mais dinamismo e também popularidade nos novos campos tecnológicos da comunicação.

1 - Nascimento do rádio web

Com o avanço tecnológico transformando de forma significativa os meios de comunicação, dificilmente acompanhamos todas as novidades que surgem, e nos surpreendemos por diversas vezes com as inovações.

O rádio surgiu na década de 20, e demorou até que se firmasse e fosse entendido pela população da época. A partir dos anos 50 chegou a vez do surgimento da televisão. Os profissionais de rádio passaram por maus momentos até que a televisão mostrasse seu objetivo, pois eles acreditavam que a imagem apagaria o maior atrativo do rádio, a possibilidade de o ouvinte “imaginar” através do som que vinha daqueles aparelhos.

A internet foi inventada pelos norte-americanos na década de 80 e abalou verdadeiramente os meios de comunicação, tornando-se, então, uma febre a partir dos anos 90. Com a capacidade de colocar todo o mundo em contato, sua criação teve um efeito avassalador, abrindo inúmeras possibilidades para seus consumidores, bastando apenas estar conectado para ter acesso a inúmeras informações e pesquisas de todo o planeta e se comunicar com qualquer pessoa de todos os lados do mundo.

Os avanços estão longe de parar, fazendo com que os pesquisadores e criadores, pela busca de novidades que atraiam o público, inovem seus produtos com uma grande velocidade. Os aparelhos digitais são, atualmente, a grande novidade no mercado. O rádio digital e a televisão digital, em fase de experimentação em diversas emissoras do País estão se fixando. A procura por câmeras e filmadoras digitais toma conta do mercado. O que atrai tanto nesta tecnologia? Qualidade infinitamente superior ao que se usava antes no som e na imagem.

Atualmente não existem apenas o rádio, a televisão e o computador. Pode-se acessar qualquer emissora de rádio no mundo pela internet, desde que disponível na rede, e vários programas de televisão são exibidos através desse meio. Com o domínio do mercado da telefonia, os telefones celulares ganharam muita força, e sua inovação é a maior e mais freqüente. Sua utilização, antes restrita a ligações, hoje se ampliou para outros serviços como acessar a internet, ouvir músicas, ver televisão, jogar games, entre outros.

O rádio teve que se adaptar a essas inovações para não ser esmagado pela tecnologia, inserindo-se a internet. A velocidade com que a web vem dominando os espaços nas mídias foi uma das razões que levaram o rádio a essa nova realidade, fazendo com que muitas emissoras, buscando novos caminhos para sua revitalização, conduzissem suas programações para serem acessadas pela internet.

O objetivo deste capítulo será mostrar como surgiu a rádio web, desde a criação de seu modelo analógico, e suas transformações ao longo dos anos, até chegar à web, e como a internet ofereceu uma nova possibilidade para seu uso, questionando qual será seu futuro, diante das tecnologias contemporâneas, evidenciando a convergência das mídias e essas potencialidades, discutindo as mediações e os meios, e o exercício da cidadania dentro das escolas que possuem uma rádio web.

Vamos chamar de rádio toda a forma comunicacional que apresenta características da rádio como meio de comunicação, e não somente como transmissão.

Cabe diferenciar o rádio meio de transmissão (sistema de ondas, transmissores, antenas) do rádio meio de expressão (programação, conteúdo e mensagem). O primeiro é um degrau da tecnologia, podendo ser utilizado para outros fins que não apenas a emissão de uma rádio (uso de ondas em celulares, redes de rádio para transmissão sem fio de dados, transmissão de televisão). E o segundo é a elaboração de mensagens com uma linguagem própria inerente ao veículo radiofônico. (MEDITSCH, 2001, p. 5)

Através desta explanação, começaremos a desenvolver nosso tema através do surgimento da rádio, contando sua história, até chegarmos à web.

2 - Eis que surge o rádio

Os primeiros experimentos do que hoje chamamos de rádio datam de 1864, quando o físico escocês James Clerk Maxwell criou a teoria da onda magnética. Esta teoria mostrava que ondas de natureza eletromagnética povoavam o infinito em todas as direções, e a luz e o calor radiante pertenciam a esse tipo de ondas, segundo Reynaldo Tavares (1999, p. 19).

Com essa descoberta, o alemão Heinrich Rudolf Hertz mudou a história de forma significativa ao descobrir as “ondas hertzianas”, construindo em 1887 um aparelho que produzia correntes alternadas de período curto e que variava com muita rapidez.

Em 1895, o italiano Guglielmo Marconi transmitiu sinais a distância, aprofundando os estudos sobre as ondas hertzianas, e dois anos depois descobriu o princípio do funcionamento da antena enviando sinais pelo espaço. Assim, provou ser possível a transmissão de um sinal pelo telégrafo que não utilizava fio, fazendo surgir, daí, a radiotelegrafia.

As primeiras experiências realizadas com os receptores de galena foram em 1906. Os principais elementos destes receptores eram um fragmento de sulfeto de chumbo natural, conhecido como cristal de galena, e fones de ouvido. Na década de 20, Frank Conrad, um empregado da Westinghouse (empresa americana pioneira no desenvolvimento de aparelhos radiofônicos), começou a fazer a transmissão de notícias de jornais e a tocar músicas de discos, e aos poucos suas transmissões foram ganhando ouvintes e os aparelhos rádio-receptores foram sendo fabricados e vendidos nas lojas americanas.

Em 1922, 29 emissoras de rádio estavam funcionando nos EUA, e no dia 2 de novembro surgiu a primeira emissora comercial do mundo, pertencente à Telephone and Telegraph Company, a WEAf de Nova York.

No Brasil, o padre Roberto Landell de Moura realizava, na mesma época em que o italiano Marconi (1892), descobertas tão importantes quanto as já citadas. No entanto, essas descobertas jamais foram levadas a sério pelo governo e pela população, e então caíram no esquecimento. Utilizando uma válvula amplificadora (com três eletrodos), de sua invenção, foi transmitida, e posteriormente recebida, a palavra humana através do espaço.

3 - Começando no Brasil

A estréia do rádio no Brasil ocorreu numa exposição patrocinada pela Westinghouse em 1922, ano do centenário da independência do País. A empresa fez uma demonstração de seus equipamentos com o objetivo de divulgação para expansão de seus interesses econômicos.

Para isso, foi instalada no alto do Corcovado a primeira estação radiotelefônica no Brasil. Com 500w e alto-falantes nas instalações da exposição, o evento ficou marcado pelo discurso do até então presidente da República Epiácio Pessoa. A audiência do pronunciamento marcador de uma nova era foi possível não só aos visitantes do evento, mas também aos habitantes de Niterói, Petrópolis e São Paulo.

No ano seguinte, em 20 de abril de 1923, foi fundada a estação radio difusora por Henry Moritze e Roquete Pinto.

Em 1923 a Western Electric Co. mandou vir dos Estados Unidos duas emissoras, de 500w cada uma, para serem adquiridas pelo Governo brasileiro para o serviço telegráfico nacional. Foi na ocasião dessa compra que adeptos da radiotelefonía, os idealistas Roquette Pinto e Henry Moritze, anteviram a potencialidade do veículo como elemento de informação e formação do povo. (FEDERICO, 1982, p.34)

Com um sinal de baixa qualidade foram feitas as primeiras transmissões da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Entre os anos de 1925 a 1927, com transmissões ainda amadoras, surgiu um grande obstáculo para a proposta dos idealizadores da transformação do veículo em meio de difusão de educação e cultura. O número baixo de receptores e fabricantes escassos, aliados aos altos preços dos equipamentos, afastavam as massas deste novo veículo. Além disso, havia a exigência de uma taxa por parte da Rádio Sociedade, a taxa de sócio-contribuinte, para o recebimento do ouvinte de suas programações.

Não eram apenas estas exigências que dificultavam a divulgação das transmissões. Os ouvintes tinham que preencher formulários, além de pagar taxas ao governo, bem como confeccionar uma planta apresentando o esquema de seu receptor. “Só uma minoria economicamente privilegiada poderia despender não só o dinheiro necessário como o tempo para obtenção de todos os deferimentos”, segundo a pesquisadora Maria Elvira Bonavita Federico (1982, p. 47).

Na década de 30 as programações das rádios eram eruditas, pois só as camadas sociais mais elevadas tinham acesso aos aparelhos. As transmissões, sempre de curtas durações, tinham largos intervalos entre suas emissões e muitas vezes os trabalhos dos profissionais eram gratuitos, chegando até, a pagarem pelos seus trabalhos nas emissoras. Carmem Miranda, um ícone do rádio e posteriormente do cinema aparece nessa época.

Nessa mesma década, a rádio passou a ter programas variados com comentários críticos sobre as músicas e programas veiculados nas emissoras. O rádio passou, então, a ser um veículo de extrema importância política, sendo utilizado nas campanhas políticas de Júlio Prestes e Getúlio Vargas. A rádio Record de São Paulo desempenhou um papel de grande ajuda durante a Revolução Constitucionalista de 1932, chegando a ser chamada de “voz da revolução” pelo comando do locutor Nicolau Tuma.

A partir daí, em 1938 entrou pela primeira vez no País a “Voz do Brasil”, no então governo de Getúlio Vargas, que nos seus primeiros 25 anos divulgou os atos do poder Executivo. Só em 1962 o Congresso passou a ser notícia, e até hoje o programa, transmitido em rede nacional, é obrigatório em todas as emissoras do País. Apesar das dificuldades e em meio a todos estes acontecimentos, a radiodifusão consolidou-se como meio de comunicação, acarretando o surgimento, nesse período, de várias emissoras.

A ABR (Associação Brasileira de Rádio) foi fundada no dia 9 de junho de 1933 com o objetivo de confrontar a estrutura existente de controle do funcionamento dos rádios, sendo este período entre 1925 e 1934 considerado, então, como a primeira fase do rádio no Brasil.

4 - E assim o rádio se consolida

Entre os períodos de 1935 e 1955, na segunda fase do rádio, acontece sua consolidação. As décadas de 30 e 40 foram chamadas de anos dourados do rádio, período este em que o rádio ocupou posição hegemônica na mídia como meio de informação, propaganda e entretenimento.

Considerado a oitava arte, “o rádio foi o centro das atenções de intelectuais e artistas”, segundo Eduardo Meditsch (2001, p. 35). A substituição do rádio de galena pelo rádio de válvulas diminuiu sensivelmente o custo dos aparelhos, possibilitando maior alcance do público ouvinte. O novo estilo de vida refletido pelas programações popularizou rapidamente o rádio com o aval de Getúlio Vargas, que permitiu, assim, a inserção da propaganda no ar.

Com o surgimento da propaganda publicitária, as emissoras entraram em ferrenha competição e luta pela audiência, tornando assim as programações mais apelativas e um tanto agressivas. Outro

fator de contribuição da publicidade foi o fortalecimento do radio teatro, peças lidas e interpretadas no ar por artistas.

Em 1932, período mais fértil do radio teatro, as emissoras de rádio começaram a se estruturar como organização empresarial e com certa estabilidade no governo de Getúlio Vargas. A partir disso o presidente alterou a legislação para radiodifusão, permitindo a publicidade, proibida até o momento, em 10% da programação diária.

Com grande destaque no período áureo do rádio, a Rádio Nacional foi criada em 1936 na cidade do Rio de Janeiro, e liderou a audiência. Segundo Renato Murce (1976, p. 72), radialista e produtor, a Rádio Nacional não necessitava lutar por audiência, pois se firmava diariamente a ponto de em 1942 ser a líder em quase 90% dos aparelhos receptores.

O radiojornalismo aparece nesta mesma época. Com a publicidade e o desenvolvimento das emissoras, os meios jornalísticos passaram a perceber na rádio uma enorme possibilidade de integração com a população. A partir da “explosão” da II Guerra Mundial, o radiojornalismo, ganha campo, e surge o império de Assis Chateaubriand no setor de comunicação nacional, caracterizado pelo capital nacional, a improvisação e o pioneirismo, na fase áurea chegou a contar com 36 emissoras de rádio, 34 jornais e 18 canais de televisão, e as emissoras que eram, até então, sociedades, passam a serem empresas com a força do poder econômico.

Em agosto de 1941, surgiu na Rádio Nacional o programa radiojornalístico Repórter Esso, que permaneceu no ar como informativo por 27 anos, alterando a maneira de os jornais transmitirem suas notícias. Em um período anterior ao Repórter Esso, o radiojornalismo brasileiro caracterizou-se pela ausência de um tratamento redacional específico para o veículo, ou seja, as notícias eram selecionadas e recortadas dos jornais e lidas ao microfone pelo locutor que estivesse presente no horário. (AGUIAR, 2007, p. 115).

Em 1942, Auricélio Penteado, proprietário da Rádio Kosmos de São Paulo, criou o IBOP (Instituto Brasileiro de Pesquisa). Penteado decidiu aplicar no Brasil técnicas de pesquisas aprendidas nos Estados Unidos para saber como andava a audiência de sua emissora e obter uma pesquisa que mostrava a real liderança da audiência, já que as empresas manipulavam pesquisas para atrair maiores investidores e anunciantes.

As primeiras pesquisas trabalharam na área da frequência para saber quais emissoras eram mais ouvidas. “Os dados levantados e descritos em mapas permitiram aos anunciantes e aos concessionários formar uma idéia dos índices, frequência de audiência, cobertura, frequência média GRP, ou índice acumulado de frequência.” (FEDERICO, 1982, p. 67)

5 - Imagem e voz

A chegada da televisão no Brasil, em 1950, trouxe mudanças em todas as áreas das comunicações, levando o rádio a passar momentos de muita tensão. De acordo com Maria Elvira Federico (1982, p. 81), “o Brasil foi um dos cinco primeiros países do mundo a ter televisão e o primeiro da América Latina.”

Com a transferência de programas, de profissionais, e de investimentos em massa para o novo veículo, o rádio sentiu um grande golpe em sua estrutura. A chegada da imagem e de uma nova dinâmica na linguagem fez surgir a preocupação de que a televisão pudesse acabar definitivamente com o rádio e declarar sua falência. No entanto, ocorreu na verdade a procura de novos caminhos pela sua sobrevivência. O rádio passou a ampliar os horários, antes desprezados, em transmissões esportivas e jornalísticas. Com a grande expansão dos transistores e receptores em automóveis, o rádio passou a ter novos ouvintes.

As programações do novo veículo eram cópias das já desenvolvidas pelo rádio, além das transferências maciças dos profissionais para a telinha. O radioteatro, muito popular na época, os seriados, bem como as radionovelas, tiveram sua seqüência na televisão, repetindo os modelos adotados e que faziam muito sucesso entre os ouvintes. “Num plot (bloco) destacava-se um personagem carismático envolvido em diversas situações inusitadas, por vezes policiais ou romancescas, conforme o programa” (BRANDÃO, 2005, p. 42), concluindo que, sem o rádio, a televisão talvez demorasse mais tempo para conquistar o público da época.

Com a busca da televisão de se firmar no gosto popular, o rádio viu-se obrigado a buscar caminhos diferentes e inovadores, adaptando-se às novidades no meio. “Dentre os meios comunicativos populares, o rádio conseguiu manter uma característica única: a portabilidade” (MOREIRA, 1999, p. 212).

Em 1947, com a invenção do transistor, que permitia aos locais sem eletricidade acesso às transmissões das emissoras e o baixo custo dos aparelhos receptores, a rádio consolidou-se definitivamente. Outro fato que impulsionou e deu novo ritmo e agilidade às transmissões das programações foi a introdução do gravador de fita magnética naquela mesma época.

A chegada e exploração da faixa FM na década de 70 fez o rádio adquirir uma nova “cara”, pois possibilitou uma qualidade técnica muito melhor que a faixa AM, despertando novamente os investimentos dos empresários. A FM trouxe um ânimo tecnológico porque a programação diversificou-se tanto nos estilos musicais e, principalmente, quanto em termos de locução, “apresentando uma qualidade sonora até então nunca vista e revolucionando o rádio brasileiro ao conquistar o público jovem pelo novo estilo de programação.” (MOREIRA, 1999, p. 191)

Aliado a tudo isso, vale lembrar que a televisão não chegou pronta para suas funções, passando pelas mesmas dificuldades que o rádio até se firmar. Além disso, os aparelhos, dado o seu alto custo, eram acessíveis apenas às classes mais altas.

6 - Primeiros passos

Passando por diversas formas e modelos, o rádio desenvolveu-se até chegar ao formato tecnológico atual. No começo de sua existência, os aparelhos de rádio eram denominados galena. Praticamente de fabricação caseira e de baixíssimo custo, e construídos com objetos simples e comuns, como por exemplo, caixas de charuto, estes aparelhos resumiam-se a uma bobina, um capacitor, um cristal de galena (daí a origem do nome), um fone de ouvido e uma antena porque os aparelhos existentes eram comercializados a preços altíssimos e quem não podia comprá-los improvisava o seu receptor.

O galena foi, na década de 30, substituído pela chegada das válvulas. Com grande instabilidade, pouco confiáveis e lentas, dispensavam grande quantidade de calor e tinham vida útil muito pequena. Com a chegada do transistor na década de 50, a substituição pelas válvulas aconteceu rapidamente, e com ela os modelos de receptores ficaram menores, ágeis e com preços acessíveis. A recepção das informações foi alterada pela portabilidade do rádio. O processo acontecia em tempo real e em qualquer lugar, e a partir daí os aparelhos receptores foram aperfeiçoados. Os

gravadores de fita chegaram em 1946, transformando os rádios e dando-lhes mais dinâmica às suas programações.

Na década de 70, foi inventado pela Sony o walkman, aparelho para ouvir fitas k7 e rádio com fone de ouvido acoplado de tamanho reduzido. Esse aparelho permitia grande mobilidade ao ouvinte. No final dos anos 80 e início dos anos 90, o CD (Compact Disc) chegou para dominar o mercado, surgindo então o diskman, um aparelho portátil para ouvir CDs.

Com o surgimento da internet e a utilização dos computadores a tecnologia avançou enormemente nos rádios, sendo utilizada, em princípio, como armazenadora e programadora de arquivos. Nos tempos atuais, ela transmite as programações ao vivo, conforme acrescenta Eduardo Meditsch.

A primeira utilização do computador nas redações de rádio foi como processador de texto e terminal de recepção das agências de notícias, numa adaptação dos programas desenvolvidos para os jornais. Uma segunda geração de sistemas, já pensados em função do rádio, permite a gravação, o armazenamento e o processamento de sons, introduz a edição não-linear, assim como o planejamento da programação para um posterior comando facilitado a partir do estúdio ou das cabeças de redes interligadas por satélites. Os novos sistemas dispensavam o uso de fitas e cartuchos magnéticos para armazenar o som, da mesma maneira como antes se eliminou a necessidade do papel para armazenar a escrita. Com o acervo digitalizado e armazenado no computador, viabilizou-se a automatização da programação. (MEDITSCH, 2001, p. 118).

Atualmente, o telefone celular faz-se de rádio. A internet móvel está muito acessível, e o rádio está disponível no telefone celular com todas as características da internet, passando a ser, guardadas as devidas proporções, o substituto do radinho portátil.

7 - Surge a internet

Criada pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos, a rede mundial surgiu nos anos 60, no ápice da Guerra Fria, sendo desenvolvida para que não pudesse ser destruída por bombardeios, ligando pontos estratégicos no país, em suas bases militares. Em 1982, começou a ser utilizado o nome internet, para em 1983 ser estabelecido o TCP/IP (Transmission Control Protocol/Internet

Protocol), a linguagem usada por todos os computadores até os dias de hoje, e em 1991 foi criado o sistema de hipertexto www (world wide web).

O surgimento da internet no Brasil foi na década de 80, através do meio acadêmico. O professor Oscar Sala, conselheiro da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de São Paulo) e da USP (Universidade de São Paulo), propôs firmar contato com outros países, através de instituições, para compartilhar idéias e dados através de uma rede de computadores. Segundo Mariana Barbosa (2006) foram necessários sete anos para que os ministérios das Comunicações e da Ciência e Tecnologia autorizassem o uso comercial da Internet no País.

Com efeito avassalador na década de 90, o novo veículo de comunicação era capaz de agregar todas as vantagens que os meios (áudio, texto e vídeo) proporcionavam. Com possibilidades de abarcamento de vários temas, aliada a um baixo custo, a web põe novamente em pauta o futuro dos meios de comunicação.

O crescimento de usuários na rede, a partir de seu surgimento, ocorreu de forma desenfreada. Em 1996, já existiam 56 milhões de usuários no mundo. Naquele mesmo ano, 95 bilhões de mensagens eletrônicas foram enviadas nos Estados Unidos, em comparação às 83 bilhões de cartas convencionais postadas nos correios, segundo dados da Computer Industry Almanac (1998). Para dar uma dimensão do crescimento da Internet, segundo Pollyana Ferrari (2004), o número de computadores conectados ao redor do mundo pulou de 1,7 milhão em 1993 para 20 milhões em 1997.

A facilidade com que o usuário tem acesso ao que lhe interessa pode explicar o sucesso da internet. Para o filósofo Pierre Lévy, o ser humano gosta de ter acesso fácil a tudo o que precisa. Segundo ele, a rede oferece dois tipos de navegação aos internautas:

A primeira é a “caçada”. Procuramos uma informação precisa, que desejamos obter o mais rapidamente possível. A segunda é a “pilhagem”. Vagamente interessados por um assunto, mas prontos a nos desviar a qualquer instante de acordo com o clima do momento, não sabendo exatamente o que procuramos, mas acabando sempre por encontrar alguma coisa, derivamos de site em site, de link em link, recolhendo aqui e ali coisas de nosso interesse. (LÉVY, 1999, p. 85)

O usuário, através destas navegações, é colocado diretamente diante das possibilidades oferecidas pela internet. A maior atração aconteceu principalmente na “pilhagem”, quando o acesso grátis à rede passou a ser oferecido pelas empresas brasileiras. Segundo Pollyana Ferrari (2004), muitos usuários deixaram de pagar seus provedores e optaram pela Internet sem custo. Ao final do primeiro mês, o IG tinha quase 800 mil usuários cadastrados e uma média próxima a 1,1 milhão de visitas por dia.

Nesse contexto, o rádio teve que se adaptar rapidamente para não ficar para trás e até mesmo ser “engolido”. O sucesso, dentro desse contexto, gira em torno da compreensão e gestão nessa mudança, bem como na disseminação dos conteúdos informativos e na busca de parcerias para a criação de tecnologias contemporâneas e novos produtos. Trata-se, por ser atual, de uma mídia em mutação.

8 - Recuperando ouvintes no computador

Fugindo da hipótese de uma nova crise o rádio foi introduzido na internet, tendo a oportunidade de recuperar ouvintes, criar novos, e estar perto de todas as inovações que a comunicação oferece.

“A idéia do rádio como uma pequena caixa quadrada, recheada de botões, precisa ser transformada. O rádio, comunicação auditiva, eletrônica à distância, pode se materializar no computador, bastando que este tenha instalado um programa de áudio.” (BARBEIRO E LIMA, 2003, p. 45).

A presença do rádio na rede, por enquanto, é tão diversificada quanto a própria internet. É possível encontrar de tudo: rádios especializadas, *jukeboxes*³, programações de arquivo e até programas infantis. Cada *site* desenvolve sua própria proposta, muitas vezes experimentando novas tecnologias de áudio, papel desempenhado principalmente pelos *sites* ligados a companhias de desenvolvimento tecnológico para a internet,

3- Onde é possível colocar fotos, vídeos e músicas ao mesmo tempo. Da mesma forma que cd e mp4, (<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20090626111952AAzc5Xz>).

responsáveis pela criação de novos *softwares* de transmissão e recepção de áudio. (TRIGO-DE-SOUZA, 2004, p.290).

Através da internet, os meios estão unidos, embora distintos, com uma grande variação de conteúdos que chegam a qualquer parte do mundo. Com apenas um endereço eletrônico e um ouvinte, leitor ou espectador com interesse, usuário conectado no momento do outro lado do sistema, há a possibilidade de recebimentos de informações de forma instantânea, dando continuidade a um princípio básico do rádio.

Fernando Kuhn, em seu artigo *O rádio na Internet: rumo à quarta mídia*, de 2000, afirma que a primeira emissora comercial a transmitir continuamente na internet e ao vivo em setembro de 1995 foi a Rádio americana KLIF de Dallas, Texas. Com rápida expansão, este novo meio de transmissão se estabeleceu. Dados da empresa BRS Media, de San Francisco, mostram que, entre abril de 1996 e abril de 2000, a quantidade de emissoras com transmissão via Internet saltou de 56 para 3.763. No Brasil, o crescimento pode ser estimado pelos números do site Radios@Radios, de Varginha (MG): se no primeiro semestre de 1997 apenas nove estações transmitiam on line, em setembro de 2000 o sistema já era adotado por 191 emissoras.

Raquel Alves acrescenta em seu artigo *Rádio no Ciberespaço: Interseção adaptação, mudança e transformação* (2003), que a criação do software Real Áudio em 1996, que possibilitou a emissão de áudio em tempo real, foi um grande passo para que o rádio fosse introduzido na internet. A explosão do rádio web teve como fatores contribuintes a grande melhoria nas conexões e o surgimento e comercialização da banda larga em território brasileiro.

O rádio traça seu futuro antecipadamente pelo fato de correr o risco de perder boa parte de seus ouvintes se não entrar na era digital. Isso porque com o crescimento do consumo dos aparelhos digitais multiuso, que oferecem mais qualidade de recepção em sua tecnologia de ponta, os ouvintes transformam-se também em consumidores e ficam mais exigentes.

9 - Rádios na internet

Há, fundamentalmente, três tipos de rádio na internet: as rádios que já existem e que foram levadas ao contexto da internet, como Transamérica (a primeira a entrar na rede mundial de computadores, em abril de 1996), Jovem Pan, Eldorado, e CBN (Central Brasileira de Notícias). O segundo tipo são as rádios criadas na internet, as rádios web. O terceiro são os arquivos criados

para o áudio, que possibilitam acesso a músicas (vários canais), sem as características peculiares de uma rádio tradicional (locutor, vinhetas, comerciais).

Comercialmente, e de forma convencional, chamam-se rádio web ou net rádio não só as emissoras, mas também as várias formas de experiência na internet, baseadas em raízes estéticas e técnicas, de áudios. Como não houve a preocupação de diferenciar estes serviços, todo o áudio na *rede* foi denominado “rádio web”, colocando assim serviços e produtos muito diferentes sob a mesma definição. (BARBOSA, 2006)

Álvaro Júnior Bufarah (2003) afirma que pela ausência de algumas características que determinam uma rádio e seu produto, não podemos considerar elaboradas para serem classificados de rádios. Nesse sentido, pode-se afirmar que nem todo áudio introduzido ou criado na internet pode ser chamado de rádio, e cabe perceber que é um erro comumente utilizado pelos profissionais responsáveis por sites que proporcionam estes serviços. Emissoras, de forma regular, mantêm apenas uma *home page* com algumas informações genéricas sobre o rádio, sem áudio, para dar maior visibilidade visando a publicidade.

A imagem a seguir, materializa o que afirmamos, mostrando um estúdio de rádio web, e os poucos equipamentos que precisa disponibilizar para que esteja funcionado. Através de um razoável computador com um bom programa, uma pequena mesa de som, um microfone, caixas acústicas, e um equalizador, montados em um pequeno estúdio, ou mesmo em uma sala qualquer, pode-se criar programas diversos e disponibilizá-los para o mundo todo.



Imagem 04 – Estúdio de rádio web

Especialmente desenvolvido para a internet na América Latina, o “Manguetronic Net Rádio” foi o primeiro programa inserido na net em abril de 1996 por Renato Lins e José Carlos Arco Verde, seus criadores e produtores, e saiu do ar em 2003 por falta de verba. Na época, Renato fazia o programa Caêtes FM e José Carlos foi um dos criadores do site “Mangue Bit”.

10 - Formação de novos ouvintes

Os novos ouvintes dos rádios web são pessoas que passam horas conectadas em casa ou mesmo no trabalho durante todo o dia, e, para isso, possuem computadores capazes de transmitir todas as programações existentes na net. De acordo com um estudo da agência marketing digital Razorfish (2010), feito em parceria com o portal Terra, dos 28 milhões de lares que possuem computadores, 63% são da classe C – também chamada de nova classe média digital – enquanto 23% pertencem às classes A e B e 14% à classe D.

Dos usuários da Internet, 42% são da nova classe média digital em 2010, em comparação a apenas 29% em 2004. Segundo Pierre Lévy (1999), as pessoas que usam o ciberespaço são em sua maioria jovens, formados nas universidades, que vivem em cidades como professores, pesquisadores, e trabalham geralmente em áreas científicas, de tecnologia, de negócios e arte (contemporânea).

O conceito de ouvinte utilizado pelos rádios comuns nos rádios web é substituído pelo de interagente, termo este criado por Alex Primo – e que será utilizado neste trabalho –, que acredita ser essa a denominação mais condizente para definir o ouvinte em um processo de comunicação feita por computadores.

Tanto “receptor” e “usuário”, são termos que denotam idéias limitadas sobre o processo interativo. O termo interagente emana a idéia de interação, ou seja, a ação (relação) que acontece entre os participantes. Interagente, pois, é aquele que age com outro. (PRIMO, 2003, p. 133)

O interagente passa de simples ouvinte a parte integrante e indispensável do processo, influenciando, de forma crescente, a programação da emissora escutada. Os ouvintes deixam de ser receptores passivos, e passam a ser mais participativos, opinando e participando, se assim o desejarem, nas programações diárias das emissoras, através das redes sociais. O novo ouvinte pode, de forma imediata, sugerir músicas e pautas, além de ouvir o que quiser a qualquer momento, pois as programações ficam disponíveis em arquivos.

Com o rádio na internet, o interagente desenvolve múltiplas ações. Heródoto Barbeiro e Paulo Lima (2003, p. 47) destacam que “o internauta é, ao mesmo tempo, operador de áudio, editor-chefe, repórter, editor de reportagem, âncora, programador etc.”

Além disso, o ouvinte da web pode, também, ver o que está acontecendo no estúdio na hora de sua transmissão. Rádios comerciais, como por exemplo a Transamérica FM, oferecem esta opção, disponibilizando imagens ao vivo de seus estúdios dos locutores, além da apresentação de textos, animações e fotos, proporcionando um maior conteúdo ao internauta e um grande atrativo: a união entre áudio e vídeo.

O Ibope Nielsen Online (2009), mostrou que cerca de 43% dos internautas brasileiros ouvem rádio na internet, um percentual maior do que o de países europeus (França, Alemanha e Reino Unido).

11 - Qualidade digital

O áudio emitido pelas rádios web nos computadores é digital. Seus sinais são muito superiores aos analógicos, pois possuem um controle de erro bem mais simples para as transmissões e

recepções de mensagens, fazendo com que as perdas de sinais sejam praticamente inexistentes. Moreira e Del Bianco (1999) explicam, tecnicamente, como se dão as transmissões analógica e digital:

Na transmissão analógica há a oscilação elétrica que provoca uma perda natural de tensão: um sinal que é gerado com 1,0 volt pode cair para 0,8 volts na recepção. Uma perda de sinal que compromete a qualidade do som recebido, principalmente em altas frequências. Essa perda de tensão não ocorre com a digitalização se um sinal digital for gerado com a combinação 1001, o primeiro dígito corresponderia a 1 volt. Na transmissão analógica, com a perda de percurso, ele chegaria ao receptor reduzido a 0,8 volts. Para a lógica digital não existe 0,8 volts: ou é zero ou é um. Se há tensão maior do que zero (0,8), ela terá de ser elevada para 1. Portanto, o sinal é regenerado com sua tensão original na recepção. Para cada dígito ocorre o mesmo processo de restauração da tensão de origem. (MOREIRA; BRAGANÇA, 1999, p. 48)

A qualidade do som de uma web rádio é muito alta, e, portanto, precisa de uma boa conexão do usuário, podendo, então, causar alguns problemas em sua recepção. A rádio web transmite via fibra ótica e depende de várias conexões para chegar ao ouvinte. O som sai do servidor via banda larga na internet para as conexões dos usuários.

Se o ouvinte tiver uma conexão baixa, a qualidade da transmissão sofrerá interferência, o que não acontece com as rádios convencionais, cuja transmissão é feita via frequência modulada com alcance limitado e sem depender de conexões. Segundo o site da PNAD- IBGE (2009), 34% (64,96 milhões de pessoas) da população no Brasil acessa regularmente a internet, considerando, ainda, que boa parte desse acesso é feita com modem de baixa velocidade (por volta de 56 kbps), restando somente um pequeno número de internautas a ouvir web rádio com qualidade.

12 - Internet e rádios web

A globalização das informações e a queda de fronteiras regionais e nacionais foram proporcionadas, também, pela união entre internet e rádio. Com acesso a qualquer endereço eletrônico, os web rádios permitem aos usuários do Brasil, por exemplo, sintonizar a programação da Rádio BBC, sediada em Londres, Inglaterra. O web rádio caracteriza-se por transpor limites, e através dele qualquer emissora do mundo pode ser sintonizada, desde que esteja conectada.

A conexão livre permite o conhecimento de novas culturas de países diferentes sem sair de casa. Heródoto Barbeiro e Paulo Rodolfo de Lima (2003) acrescentam mais sobre a propagação do rádio via internet e como ela globaliza o meio.

Basta digitar o endereço eletrônico e a pequena rádio comunitária de Taiapuêba, por exemplo, cujo alcance através da antena FM é de apenas um quilômetro de raio em volta da praça da vila, é ouvida em qualquer lugar do mundo, de Pequim a Cabo Frio, de Angola a Wladiwostok, com todas as características desse tipo de comunicação, inimaginável na era da antena e das ondas eletromagnéticas. (BARBEIRO; LIMA, 2003, p. 47)

Um fator determinante para o acirramento da globalização do meio foi a chegada da internet, pois em qualquer lugar do mundo qualquer pessoa pode acessar suas páginas e agora também suas rádios, transmitidas de vários países e em diferentes línguas. A cada passo e avanço que se dá, o mundo participa de forma mais ativa e interativa com a participação dos ouvintes.

A internet democratiza, também, os acessos às rádios. Para a criação de uma rádio em rede, fatores políticos e econômicos deixam de ser determinantes, pois o investimento é baixo, bem menor que o feito para transmissões convencionais a distância, além da grande qualidade do som; não há, inclusive, a necessidade da concessão do governo dada pela ANATEL (Agência Nacional de Telecomunicação), necessária nas rádios regulares.

Um grande atrativo para as rádios piratas, que encontraram na internet um canal seguro para seu funcionamento, é o ciberespaço. Segundo Pierre Lévy (1999), o ciberespaço possibilita que as leis que dizem respeito à informação e à comunicação (censura, direitos autorais, associações proibidas, etc) sejam contornadas de forma muito simples.

Além de um custo menor nesse meio, existem programas de ótima qualidade, gratuitos, disponíveis na internet para aqueles que alugam servidores para suas transmissões. Programas em software livre também são adotados e utilizados pelas rádios web, dentro da “filosofia do partilhar, da abertura, descentralização e do pegar em suas mãos as máquinas a qualquer custo, do melhorar a máquina e melhorar o mundo” (LÉVY, 2001, p.7).

A imagem abaixo mostra que mesmo através de um notebook, pode-se transmitir programas variados através de rádios pela web.



Imagem 05 – Modelo de computador que pode ser utilizado para uma transmissão na web.

Os softwares livres são programas que se fundamentam em quatro liberdades, segundo a FSF (Free Software Foundation, 1985): a liberdade de executar o programa para qualquer propósito; a liberdade de estudar como o programa funciona e adaptá-lo para as suas necessidades; a liberdade de redistribuir cópias de modo que você possa beneficiar o próximo; e a liberdade de aperfeiçoar o programa e liberar os seus aperfeiçoamentos, de modo que toda a comunidade se beneficie. O acesso ao código fonte é um pré-requisito para esta liberdade.

O software livre ainda se caracteriza por um movimento que associa muitas outras manifestações e ações, baseadas principalmente no trabalho comum de várias pessoas, ou seja, na colaboração, justificando-se social e economicamente, e possibilita grande viabilidade na parte tecnológica.

A utilização do computador tornou-se essencial para as emissoras de rádio de todo o País e do resto do mundo, pois utilizam as máquinas para organizar e melhorar sua programação. O computador é uma máquina que contém todas as mídias e é ao mesmo tempo vídeo, áudio, arquivo e dados, aglutinando e convergindo. A aglutinação e convergência das mídias refletem intrinsecamente na educação, pois os jovens utilizam computadores para se comunicarem.

13 - Educação no rádio

O começo do rádio no Brasil ficou marcado pelos programas sobre educação, e através destes as rádios escolares foram criadas. Além de estarem inseridas, de forma interdisciplinar, em diversas disciplinas, a música, notícias e diversão também faziam parte de sua programação.

Com momentos distintos do seu uso na educação, o rádio teve fases importantes que se basearam em pontos fundamentais para seu desenvolvimento: o real objetivo no momento de sua atuação, a ampliação de seu alcance, os seus avanços tecnológicos, além das realidades culturais existentes.

Com excelentes contribuições trazidas por estas fases, o rádio se fortaleceu como meio importante na educação, levando ao atual momento de convergência digital e da utilização das TIC. Devido à falta de aparelhos para grande parte da população que não tinha condições financeiras para sua aquisição – um problema de longa data – foram criadas iniciativas como o rádio para a formação cidadã, e conseqüentemente uma consciência política, visando à integração das comunidades, sobretudo as do campo. Essas iniciativas foram extremamente importantes e fundamentais para a popularização do rádio como um veículo das propostas educativas que inovavam e possibilitavam, então, que mais pessoas pudessem adquirir o aparelho.

Com resultados cada vez mais visíveis e positivos, ações como as de Roquete Pinto, pioneiro na utilização dessas tecnologias, alavancaram o rádio em direção a sua liberdade. Através destas ações foram criadas cadeias radiofônicas que impulsionaram para diferentes regiões do País as transmissões de programações educativas, culturais e diversificadas.

Observando o enorme alcance das rádios na comunicação, o poder público passou a utilizá-las como meio de levar a educação até a população, criando em 1937 o SRE (Serviço de Radiodifusão Educativa) através da Lei nº 78 do Ministério da Educação e Saúde Pública (INEP 2010). Essa iniciativa teve a finalidade de promover permanentemente a irradiação de programas de caráter educativo, como o curso de Radiofonia Escolar para a formação de professores em 1941. Além disso, em 1960 foi criado o MEB (Movimento de Educação de Base), voltado para a educação do campo, por meio de convênio entre a Presidência da República – gestão de Jânio Quadros – e a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil).

Há que se considerar que, através da criação de um decreto-lei, o Estado estabeleceu a obrigatoriedade da transmissão de programas educativos em todas as emissoras comerciais existentes no País. Essa intervenção ocorreu no regime ditatorial iniciado no Brasil após o golpe militar de março de 1964.

Além disso, ocorreram ações paralelas de grande importância para a difusão desses conteúdos educacionais, como a participação da Igreja Católica em organizações sociais.

A participação da Igreja Católica foi importante para uma maior democratização do rádio, (ANDRIOTTI, 2004) possibilitando sua interiorização com o objetivo de ações educacionais e sociais para o homem que vivia no campo, para além da extensão do eixo Rio de Janeiro-São Paulo, gerando assim novos impulsos para mudanças significativas. A igreja criou o MEB, levando-o a ser a maior expressão do rádio em relação à educação, principalmente a comunitária, de conscientização política.

Foram utilizados recursos simples como a tradição oral (baseada nas relações afetivas), temáticas como trabalho, religião, lazer, todas muito conhecidas e que ampliavam e diversificavam as suas práticas. Esses recursos chegavam aos locais mais distantes do País, transformando-os em salas de aulas e modificando, então, o papel do MEB de apenas transmissor de vozes e sons para transmissor de educação, dando um novo significado para a sua composição.

Nos dias de hoje ainda há ações que valorizam a educação através do rádio. Projetos em produção radiofônica, como o do Ministério da Educação⁴, disponibilizados pela internet, oferecem informações em rede ao professor.

O uso da rádio na educação cria um canal de comunicação, divulgação e produção cultural, que ao valorizar a ludicidade promove o 'brincar', o 'criar', o 'desafiar' alicerçados sobre uma visão crítica desenvolvida a partir da liberdade e criatividade estimulados por esse instrumento de leitura do mundo. (PROJETO RIPE, 2009).

4-Ver em <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/>

O rádio vem ganhando espaço no contexto educacional através dos tempos, modificando-se tecnologicamente, mas conservando sua oralidade. É ainda por suas ondas que boa parte da população brasileira, incluindo os analfabetos, consegue se atualizar e obter notícias dos acontecimentos em toda a parte do mundo, sendo, em muitos casos, o único meio de se educar.

14 – O novo caminho da rádio

Em nosso país, o acesso a computadores para pessoas de baixa renda e sua democratização são ainda muito tímidos; conclui-se, então, que os brasileiros ainda terão a oportunidade de conhecer, mais de perto, a tecnologia dos rádios digitais, em implantação no Brasil.

O rádio digital já começou a ser adotado nas principais emissoras do País, mas como a maioria dos aparelhos utilizados pela população é analógica, não se percebe, de fato, a grande diferença na qualidade do som. Os ouvintes terão assim a vantagem de escutar uma estação FM com qualidade de CD, e estações AM com qualidade FM, sem interferências, comuns em suas transmissões.

Outra grande vantagem reside no recebimento de imagens e textos dos aparelhos, possibilitando que os ouvintes leiam e vejam notícias complementares às que estão recebendo via áudio, bem como detalhes da programação musical como autor e título da música.

O rádio digital permitirá, também, transmissões simultâneas de outros programas na mesma frequência para diferentes públicos, além de gravações das músicas com seus registros autorais e a possibilidade de localizar o trecho escolhido ou voltar para o começo do programa que não foi escutado. Na Europa e Estados Unidos, estas transmissões, com imagens, já são feitas para os aparelhos de rádio, porém o alto custo ainda inibe sua disseminação.

Como o poder aquisitivo no Brasil é muito baixo, o padrão digital adotado foi o americano IBOC (In Band On Channel). Esse sistema permite a transmissão simultânea da programação nos sistemas analógico e digital, e evita que as pessoas com baixa renda percam as transmissões.

Longe de seu fim, o rádio analógico é ainda muito utilizado no Brasil. Pesquisas divulgadas pelo site Rádio 2⁵ 91,5% dos domicílios brasileiros possuíam aparelhos de rádio em 2009. Partindo de 1970 com 10.386.763, 58,9% de casas para em 2009 totalizarmos 52.500.000, 91,5% (IBGE). A

chegada do rádio digital não acabará com o sistema analógico, demandará tempo para que seja uma unanimidade, pois o sistema IBOC permite que o ouvinte continue utilizando seu velho rádio, sem a pressa de aquisição de um novo

15 - Rádio web e podcast

Com tecnologia recente oferecida pela internet no Brasil, o podcast pode ser confundido com uma rádio web. Trata-se de uma forma de publicação de programas de áudio, fotos e vídeo pela internet que permite um acompanhamento dos usuários de sua atualização. O podcast transmite arquivos pela web, permitindo ao ouvinte receber de forma automática, quando se está conectado, edições de programas de rádio, ou mesmo vídeo, sem a necessidade de visitas ao site em que o material é produzido. O ouvinte é notificado a cada nova produção, e o material é baixado de forma automática no computador. De forma simples e prática, qualquer pessoa pode fazê-lo, bastando apenas adquirir um kit multimídia com programa de gravação e edição de áudio.

Apresentando funcionamento semelhante ao de uma rádio web, com arquivos de áudio que passam por vinhetas, músicas e noticiários que podem ser produzidos em um PC, o podcast é uma alternativa para divulgações de diversas informações e de educação. Os podcasts estão também sendo utilizados como boa oportunidade de negócios, atraindo, assim, anunciantes.

A figura a seguir mostra a logomarca da Rádio Faced da UFBA que utiliza podcast para arquivar suas produções.



Imagem 06 – Logomarca da Rádio Faced

Milhares estão sendo produzidos diariamente. Em pesquisa feita nos EUA pela Pew Internet and American Life Project, sete em cada dez internautas adultos dos Estados Unidos já haviam baixado podcast em seus ipods, players de áudio digital, divulgado em junho de 2010, com uma previsão de utilização para 2015 de nove em cada dez. Com um número cada vez maior de usuários pelo mundo, a tecnologia ainda é nova e pouco utilizada em nosso país, e sua popularização ainda dependerá de mais tempo.

16 - Internet e rádios web populares

Uma pesquisa feita pelo IBOPE mostra que o Brasil contava com 7,68 milhões de usuários de internet em 2002; hoje, até outubro de 2010, aproxima-se dos 52 milhões de acessos, somando 60 milhões de computadores em uso e on-line.

O número de internautas é de 17% da população, ou uma em cada seis pessoas, sendo 53% de homens e 47% de mulheres. Segundo o Ibope (2009), os brasileiros navegam 48 horas e meia por mês em média. O tempo sobe para 71h30m se considerarmos o uso de aplicativos on-line (MSN, Skype etc.), e mais de 10 milhões de pessoas utilizam a banda larga.

A internet atrai, cada vez mais, usuários de seus serviços, disseminando-os e facilitando seu acesso. O rádio web ganha com isso, pois os internautas podem navegar livremente pela internet, utilizando seus serviços e sua programação.

A meta da ONU, segundo a União Internacional de Telecomunicações (UIT) em 2010, seria criar uma sociedade global da informação até 2015, já estabelecido em 2003. A partir daí, o número de usuários da internet dobrou. Mas somente 25% da população mundial têm acesso à rede atualmente. No final de 2009, o número era de 1,7 bilhão de pessoas. Nos países ricos, a taxa é de 64% de penetração. Já nos países em desenvolvimento, a taxa de penetração da rede de computadores é de apenas 12%. No Brasil, ela é de 33%.

No acesso à internet banda larga, ainda segundo a UIT, a diferença é ainda maior entre ricos e emergentes. Nos países em desenvolvimento, apenas 3,5% das residências passaram, ao final do ano, ao acesso a banda larga. Em 2003, essa taxa era de 1%. Nos países ricos, quase todos os usuários domésticos de internet contam com banda larga.

Dados como estes mostram que o acesso à internet ainda não é o esperado, gerando oportunidades para poucos, aumentando assim, as desigualdades. Porém, com a tendência do barateamento dos custos, tanto dos computadores quanto dos acessos, cada vez mais pessoas estarão inseridas no contexto on-line.

Sendo assim, as emissoras conquistarão maiores audiências e participações, mesmo com os ainda baixos índices brasileiros. Os endereços das rádios deixaram de ser anunciados em números como 88,7, e passaram a ser anunciados em letras como www ponto, etc.

É importante utilizar as mídias contemporâneas para expressar e desenvolver diversas opiniões, criando e produzindo em parcerias. E o uso do rádio web, cumpre esse papel, pois além de um meio de grande alcance, atua com dispositivos convergentes com grandes possibilidades de funcionalidades, agregando cada vez mais valores ao seu contexto.

CAPÍTULO III - RÁDIO WEB: CONVERGÊNCIA DA MÍDIA NA EDUCAÇÃO

Liberal, o telefone permitia que os participantes ainda desempenhassem o papel de sujeito. Democrático, o rádio transforma-os todos igualmente em ouvintes, para entregá-los autoritariamente aos programas, iguais uns aos outros, das diferentes estações.

HORKHEIMER & ADORNO

Dado o grande crescimento da internet no mundo, esperava-se o fim do rádio convencional, transmitido por ondas magnéticas, e o prenúncio de uma nova era nas telecomunicações, em que todas as emissoras migrariam invariavelmente para a rede (BARBEIRO, 2003, p. 4). Vemos hoje que a realidade é bem diferente do que foi anunciado, pois ao decretar o fim do rádio analógico, incorreu-se em um erro histórico, desconsiderando as tendências técnicas e suas implicações sociais. É necessário conhecer modelos, linguagens e conceitos de rádios web para que se possa desfrutar desse novo modelo.

A tecnologia, em nosso entendimento, cria um novo ambiente para a humanidade, e a chegada do rádio transforma a imprensa, a poesia, o teatro e toda a comunidade na qual foi implantada. Com a utilização da rede como meio de comunicação, surgem consideráveis mudanças na sociedade. Acessos rápidos a bancos de dados em distâncias longínquas, possibilidade de envios de mensagens multimídias e grande facilidade para compras e bens on-line transformaram a vida dos homens e os aproximaram, apesar das distâncias.

Os avanços tecnológicos resultaram em importantes modificações na maneira pela qual os ouvintes se relacionavam com o rádio, em como o veículo se relacionava com seus, até então, ouvintes.

Para McLuhan (2002, p. 341), o rádio é uma extensão tecnológica do homem, que só é igualada como veículo de comunicação pela voz do próprio homem, com um conjunto de técnicas que a tornam única, como instituição social, e com grande credibilidade perante seus ouvintes, indo além de sua composição técnica (fios, cabos e transistores). A partir disto, avaliamos as possibilidades de o rádio continuar mantendo suas características de meio de comunicação, utilizando a web como canal de difusão.

A internet situa-se, então, num campo de veículos de comunicação em que as redes sociais são serviços específicos que podem ser acessados e utilizados pelas rádios web, além de outros meios como TVs, jornais e revistas. Freitas (1999, p. 6), explica que a rede, sendo o conjunto dessas mídias e aliada a novos serviços, consiste em uma categoria recente de mídia de massa, e os sites e todos os serviços são os componentes desse meio.

Em função da amplitude dessas características, a rede deve ser compreendida como um ambiente comunicacional multimídia, por ser concebida sob o modelo de agrupamentos de sub-redes que constituem o ambiente tecnológico, somado à diversidade de códigos utilizados para a troca de mensagens – textual, visual e sonoro. (FREITAS, 1999, p.7).

É a partir desse ambiente que o rádio está se inserindo, e usufruindo de todas as características tecnológicas à sua disposição, proporcionando assim, ao rádio web, uma nova dimensão de transmissão e recepção, transformando as relações entre seus participantes.

Rádio web é um veículo de comunicação de áudio, de idéias, idealizações culturais e educativas, além de produtos sonoros, que visa facilitar ao ouvinte um contato com a realidade, por transmissão pela internet em tempo real, o qual pode utilizar e reunir imagens, textos e vídeos.

Seu conteúdo, a partir de sua produção, presume uma intencionalidade que se concretiza através do ato da comunicação entre o emissor e receptor/usuário, que utiliza recursos interativos digitais para preencher suas necessidades, estabelecendo, portanto, um canal híbrido para a comunicação das pessoas, originário de um conjunto de serviços e produtos do rádio na internet num mesmo ambiente de forma convergente.

Convergência é uma tendência tecnológica que integra diversos serviços entre as diversas formas de mídias, podendo ser executada através da comunicação de diferentes mídias ou da reunião de diferentes serviços em uma única mídia. (NEGROPONTE, 1995) Dentre os fatores que impulsionaram a convergência digital estão a rápida digitalização das informações, a grande difusão da comunicação em banda larga com a diminuição do custo de acesso à internet e o aumento da complexidade de processamento das máquinas, o aumento considerável da quantidade de dados que trafegam nas redes, além da necessidade de redução da quantidade de dispositivos e, obviamente, sua convergência.

A convergência de dispositivos resulta do aumento da capacidade computacional e da integração de funcionalidades, antes separadas, em um mesmo dispositivo, como o Iphone, que faz ligações, navega na internet, toca músicas, edita fotos, exibe filmes e mensagens de texto e várias outras funções. A este conceito acrescenta-se a capacidade de integração entre os novos dispositivos resultantes do surgimento das TIC.

O termo convergência, para um melhor entendimento, tem sido abordado de diferentes formas e por teóricos da cibercultura (Pierre Lévy, Nicolas Negroponte, entre outros) no decorrer da expansão das tecnologias digitais. Kerckhove (1997) vê na convergência de rádio e computadores a possibilidade de ligar os indivíduos com suas necessidades pessoais e mentes coletivas, criando novos poderes que repercutem nas questões sociais, econômicas e políticas, enquanto Lévy discute o desaparecimento das interfaces, num aviso futuro da computação ubíqua.

Com a constituição da rede digital e o desdobramento de seus usos tal como imaginamos aqui, televisão, cinema, imprensa escrita, informática e telecomunicações veriam suas fronteiras se dissolverem quase que totalmente, em proveito da circulação, da mestiçagem e da metamorfose das interfaces em um mesmo território cosmopolita. (LÉVY, 1993, p. 111)

Estudos recentes sobre convergência e cibercultura têm sido realizados por Henry Jenkins e discutem questões sobre convergência cultural e as transformações que a tecnologia promove. Jenkins (2001) afirma que a convergência é um processo em andamento e que ocorre em várias interseções das tecnologias das mídias.

Com a proliferação de canais, estamos entrando numa era em que as mídias estarão presentes em toda parte, sendo desenvolvidas para capacidades de gerenciamentos e transmissões de novas informações, criando gêneros explorativos de potenciais dessas estruturas emergentes de informação.

Jenkins (2001) esclarece, também, que a pouca definição sobre convergências de mídias causa confusões entre as pessoas a partir dos tipos de convergências existentes, que ele classifica como: tecnológica, econômica, orgânica ou social, global e cultural. Estas convergências são desenvolvidas através do “design de interação”⁵, e enfatizam a internet como meio desta

confluência de informações e comportamentos dos interagentes. Questões ligadas a estas convergências são subjacentes às nossas reflexões, e, por esse motivo, não serão aprofundadas nesta pesquisa. Entretanto, mostraremos do que se trata de forma simplificada.

A convergência tecnológica é classificada como a digitalização dos conteúdos das mídias. “Quando as palavras, as imagens e os sons são digitalizados, expandimos o potencial das relações entre elas e possibilitamos que elas fluam através das várias plataformas” (JENKINS, 2001, p.93) (livre tradução do autor). Os dados digitais estabelecem várias informações através das linguagens de programação, que podem ser acessadas de inúmeras plataformas programáticas das mídias.

O surgimento de uma tecnologia que configura o tipo de informação e permite ao sujeito de qual forma deseja recebê-la muda de forma radical os meios pelo qual circulam os dados na internet. Isto porque a partir do momento em que a seleção da informação, feita de forma ágil e objetiva, passa a ser possível, alteram-se também as propostas de interação e as interfaces com esses sistemas ordenadores de dados.

A convergência social ou orgânica está ligada a toda habilidade desenvolvida pelos interagentes de acessar e manipular de forma simultânea muitos tipos de dispositivos, podendo, ou não ocorrer através dos equipamentos, mas certamente já está inserida e internalizada pelos interagentes.

A geração alt+tab proferida por Nelson Preto (2006) interage e cria de forma simultânea com a mesma atenção e intensidade com a qual estaria fazendo apenas uma coisa. Neste contexto, surge a necessidade de desenvolvimento de estratégias para aprimorar possíveis novas habilidades de o interagente realizar multitarefas.

A convergência global seria, de forma híbrida, o resultado da circulação dos conteúdos das mídias internacionalmente. Esta circulação de conteúdos desperta nos interagentes da rede diversos sentimentos, entre eles mostrar-se na rede publicando dados pessoais, e também, até de forma paradoxal, sentir a necessidade de identificação com o outro, em qualquer lugar do planeta que ele habite, formando uma nova tribo, ou se inserindo em alguma, e isso somente ocorre pela

5 - Design de Interação é uma área do Design que está sempre em busca de novos paradigmas que facilitem as relações entre homens e máquinas. (<http://www.ifd.com.br/blog/design/o-que-e-design-de-interacao/>).

interatividade.

Por fim, temos a convergência cultural, que compreende as transformações sociais e também econômicas, pois estas compõem o novo cenário confluyente dos interagentes na rede. Convergência é uma palavra que descreve mudanças industriais, tecnológicas, sociais e culturais e, independentemente dos atributos de cada mídia implicada nessas relações, a convergência ocorre entre cérebros individuais. (JENKINS, 2001).

Um olhar coletivo voltado para questões confluentes com a internet, onde se possibilita situações emergenciais para a “inteligência coletiva” (Lévy, 1998). A internet é um cérebro coletivo vivo e vibrante quando a utilizamos, que trabalha incessantemente, produzindo, analisando e combinando informações.

A internet, que amplia e fortalece os canais de comunicação através de sistemas e mecanismos que possibilitam linhas de fuga infinitas e que se entrecruzam, é um agente re-estruturante da sociedade e cria no ciberespaço conhecimentos compartilhados por uma nação sem pátria, um “lugar nenhum”, que se desprende da noção oficial e cria uma nova.

O desejo de estar frequentemente nesse “lugar nenhum” que representa o espaço na internet de comunicação pode se realizar por meio de sistemas que dão base aos ambientes virtuais, modificando-o em “algum lugar”, que reúne um grande número de interagentes. Várias manifestações de convergência cultural ocorrem quando são formadas as comunidades virtuais e espaços de discussão sobre alguma narrativa ou fato em uma velocidade incrível.

Esse fato nos faz refletir sobre como as inovações tecnológicas são transitórias, estando sempre em transformação, em metamorfose, pois as informações são disponibilizadas na rede a todo tempo, alertando-nos, então, para o risco de discursos datados.

1 - A metamorfose da mídia

A transição dos veículos de comunicação de massa para os de ambiente digital multimídia, a “mediamorfosis”, ou metamorfose da mídia, é, segundo Fidler (1997), denominada pelo termo “convergências” e contém cinco princípios que caracterizam esta transição.

A primeira delas é a “co-evolução”, ou a coexistência. Todas as maneiras e formas de meios de comunicação coexistem; assim, co-evoluem dentro de um sistema de adaptação e expansão complexo. Isto significa que, quando surge e se desenvolve, cada nova forma de comunicação influencia o progresso e, por conseguinte, o desenvolvimento dos outros meios de comunicação.

O segundo princípio é a “metamorfose”. Os novos meios mostram-se de forma gradual, oriundos da transformação dos meios mais antigos, e não aparecem de forma espontânea e independente. Mas, com o surgimento dos novos meios, os mais antigos tendem a se adaptarem, dando continuidade ao seu processo evolutivo, ao invés de caírem na extinção. Exemplos como o surgimento da fotografia, o cinema e a TV, são pontuais para que se possa entender essa evolução e adaptação, pois a pintura, a foto, e o rádio não inviabilizaram seus respectivos sucessores.

Estes exemplos e situações explicam-se também no terceiro princípio que é a “sobrevivência”. Os meios de comunicação são coagidos a se adaptar e, conseqüentemente, evoluir para se conservarem vivos.

O quarto princípio é a “oportunidade”, pois se baseia no fato de que invariavelmente há uma razão política, econômica e social motivadora dos desenvolvimentos, nos meios, das tecnologias contemporâneas, destacando, porém, que estas razões não ocorrem somente em função das tecnologias.

E por fim, o quinto princípio é descrito como “adaptação postergada”, se tratando do fato de que as tecnologias contemporâneas necessitam de um período para que se tornem efetivas, mesmo comercialmente, necessitando de um período (de duas a três décadas) para que seja adotada, e seus conceitos aceitos.

O autor ainda destaca, sob o ponto de vista histórico, três processos metamorfósicos, e/ou “mediamorfosis”. O primeiro trata-se da linguagem oral e o desenvolvimento das pinturas rupestres, que se caracterizam em pequenos traços e desenhos feitos em rochedos e em paredes de cavernas.

O segundo marca o surgimento da linguagem escrita, desenvolvendo assim, nas formas de documentação, o desenvolvimento do papel como suporte, além da importância dos correios, e das impressões dos livros, até chegar a Revolução Industrial.

O terceiro, e último, caracteriza-se pela linguagem digital, onde se desenvolvem os avanços dos meios de comunicação e conseqüentemente da eletricidade como jornais, rádio, cinema, tv e, de forma mais contemporânea, as fibras óticas, satélites, internet e as tvs e rádios digitais. (FIDLER, 1997, p. 99).

2 - Convergência do rádio na internet

Nas duas primeiras décadas subseqüentes ao surgimento do rádio houve um período de muito entusiasmo, por parte dos aficionados, que consideravam que o sistema de comunicação radiofônica poderia substituir o de telefonia fixa, de forma livre e muito popular. Alguns, caso específico de Roquete Pinto, acreditavam, em educar as massas através do rádio. O rádio está sendo, nos dias de hoje, adaptado aos conceitos das tecnologias contemporâneas.

As tecnologias contemporâneas permitem às rádios libertarem-se das frequências, tendo a internet e satélites como suporte, e propondo, assim, novos modelos e um futuro promissor e diferente também para os meios de comunicação, com a ampliação da qualidade e da quantidade dos serviços, da distribuição radiofônica e dos conteúdos.

Acreditamos que um dos objetivos da tecnologia seja ultrapassar as barreiras existentes nos diversos setores industriais para, dessa forma, integrar os sistemas técnicos dos meios de comunicação sobre as mesmas bases tecnológicas. Isto possibilita uma circulação mais ágil dos conteúdos através do uso do mesmo suporte técnico, com redução de custos, e resulta, assim, em melhor qualidade da informação.

Instituída pela internet, a teia passa a ser a forma mais visível desta plataforma, pois nela é possível coexistir e complementar as inúmeras mídias existentes, para onde os meios de comunicação estão ou tendem a convergir. Desta forma, ao buscar seu espaço na rede, o rádio agrega novos recursos à mensagem radiofônica (TRIGO-DE-SOUZA, 2002, p. 94).

A agregação destes novos recursos, ou suportes, possibilita aos interagentes escolher o seu processo de navegação na rede, mudando de forma significativa, suas relações com os meios de comunicação, tornando possível, então, uma interação entre ambos. A partir de um processo

bidirecional, os pólos são intercambiáveis e dialogam a todo o instante, construindo, de forma conjunta e interativa os conhecimentos.

Quando estão navegando na rede, os interagentes utilizam uma interface que os conduz a diversos recursos, de novas janelas em espaços diferenciados, denominados “hipermídia” (CAPISANI, 1999). Através dela os interagentes dispõem de diferentes recursos interativos como textos, ilustrações, fotos, arquivos sonoros e de vídeos, videoclipes, e têm a possibilidade de trabalhá-los a partir de qualquer lugar através de links selecionados. Segundo Negroponte (1995, p.73-75), “a hipermídia é o desenvolvimento do hipertexto, designando a narrativa com alto grau de interconexão, a informação veiculada”.

Para Trigo-de-Souza (2002) a hipertextualidade permite ao usuário reconstruir a obra criada

[...] através das sucessivas escolhas que é obrigado a fazer em seu processo de navegação, escolhas proporcionadas pelas estruturas de links. Isso possibilita a criação de produtos radiofônicos que permitam a audição numa seqüência particular para cada ouvinte, incluindo a opção de suprimir trechos ou escolher entre dois enfoques de interesse. (TRIGO-DE-SOUZA, 2002, p. 94).

Através da capacidade de armazenamento das informações, característica da rede, há uma alteração em relação ao usuário/ouvinte, hoje interagentes, pois possibilita uma individualização da comunicação de massa, já que as informações são recebidas de forma pessoal, embora feitas para uma maior audiência (Trigo de Souza, 2002).

O rádio na internet proporciona o resgate de idéias como a do rádio interativo, o rádio alternativo, o rádio educador (KUHN, 2000). Para isso, o autor (2000, p.7-8) indica algumas das conseqüências da tecnologia do rádio na rede:

- a) remoção da barreira da distância: qualquer rádio de alcance local pode ser transmitida via rede gerando a desterritorialização da transmissão;
- b) a relação custo-benefício para o investimento de uma emissora transmitir na rede é bem favorável à internet se comparada com outras formas de transmissão a longa distância como o uso de satélites e transmissores de ondas curtas;

- c) democratização da informação e do acesso à cultura, potencializando-se as opções de escolha para ouvir programas de diferentes países;
- d) horizontalização da relação emissora/ouvinte: onde o usuário ganha poder de interagir com a programação comunicando-se com a emissora de forma mais consistente, convidativa e imediata do que em cartas e telefone;
- e) convergência de mídias: o som da emissora na internet pode ser acompanhado de textos, e imagens, criando uma nova linguagem, diferentemente da que estaria chegando ao ouvinte, leitor, ou telespectador comum;
- f) o impacto sobre as línguas com a possibilidade de formação de comunidades virtuais onde, por exemplo, imigrantes afastados podem retomar contato com suas culturas.

Neste momento, o rádio experimenta novas concepções temporais, e adquire novos preceitos dos quais não tinha acesso anteriormente, embora nem todas as programações das rádios utilizem estas concepções, que podem favorecer os interagentes com os assuntos veiculados.

Há, portanto, que se observar a diferença existente entre o rádio como apenas meio de transmissão – com transmissores, sistemas de ondas e antenas – e o rádio expressivo com conteúdos, programação, mensagens e interação. O rádio como meio de transmissão é um degrau da tecnologia, que pode ser empregado para outros fins além da emissão como uso de ondas em celulares, transmissão de TV e redes de rádio para transmissão sem fio de dados. Já o rádio expressivo é a organização de mensagens com linguagem própria sem levar em consideração de qual veículo de rádio se utiliza.

Da mesma maneira, estas diferenciações de conceitos são encontradas na internet, pois a rede pode ser um canal transmissor, levando para todos os lados dados, textos, vídeos e áudios em diversos formatos, representando uma nova forma de expressão que se demonstra nos sites e em suas interfaces, elementos de hardware e software destinados a possibilitar a interação com o usuário, viabilizando aos interagentes a leitura e a composição de conteúdos, reestruturando-os, conforme o interesse, e por meios e caminhos sem fim (Meditsch, 2001).

Cabe, então, a afirmação que nem todo áudio na web pode ser chamado ou considerado rádio, feito com inexistência por profissionais criadores ou responsáveis pelos sites que disponibilizam estes serviços de áudio, pois os áudios necessitam de contextos, que já explanamos anteriormente, bem mais justificáveis do que apresentam.

A imagem disponibilizada abaixo mostra o telefone celular, como o aparelho de convergência das mídias, onde se podem ver vídeos, assistir a televisão, gravar textos, escutar rádios, acessar a internet, e fazer ligações para outras pessoas.



Imagem 07 – Aparelho multimídia que exerce muitas funções, inclusive ligações telefônicas

3 - Convergência do conteúdo do rádio web

Com a internet o rádio se vê obrigado a gerar um novo formato de conteúdos para seus interagentes, embora essa produção ainda seja pouca em relação ao que pode ser, já que estes conteúdos podem ser modificados, complementados e criados a partir da colaboração.

Os conteúdos jornalísticos das rádios que operam em rede são um bom exemplo, pois suas notícias são retiradas da própria internet, de agências de notícias e dos jornais convencionais diários. Estudos do Comitê Gestor da Internet (CGI) em 2009 indicam que cerca de 42% dos internautas do Brasil ouvem rádio pela internet, demonstrando grande possibilidade de

construção coletiva de conhecimentos e até de negócios. De acordo com o Ibope/Netratings (2009), cerca de 2,5 milhões de pessoas visitaram sites de rádios em agosto, com 6,6% dos internautas ativos no mês, no trabalho e/ou em casa.

Como um aspecto interessante, rádio na web permite sintonizarmos pelo computador, e em qualquer parte do mundo, uma série de emissoras, desde que estejam disponibilizadas na rede. O fato de rompermos com a barreira geográfica, inimaginável tempos atrás, conduz o rádio para a regionalização; permite abriremos janelas culturais localizadas na rede, divulgando e apresentando as culturas de áreas desconhecidas e pouco ou nunca divulgadas na mídia, e, mesmo assim, interessantes àqueles que gostam ou que estão longe de suas origens ou localidades.

O que torna o rádio muito interessante na web é que ele nunca será global, como por exemplo a TV, já que as programações das emissoras resultam de processos históricos, sociais, religiosos e culturais de cada localidade. O rádio dificilmente terá uma abrangência mundial na elaboração de seus conteúdos – se é que isto importa para sua confecção – o que reforça sua característica local, como explica d’Aquino (2003, p. 4): “As estatísticas das rádios demonstram que a localidade das informações é um dos atrativos e não o obstáculo, pois muitos dos usuários são pessoas distantes de suas culturas e cidades natais que procuram um vínculo através da internet.” Estes dados demonstrados estatisticamente são importantes, embora apenas recentemente tenhamos pesquisas acadêmicas tratando deste assunto.

A comunicação esta se, de forma até radical, alterando na concepção de serviços, empresas e produtos. Assistimos à convergência dos meios de comunicação para diversos canais de distribuição (multi-canais). Os conteúdos que são disponibilizados na rede poderão ter mais qualidade e algumas características próprias que os tornem diferentes dos seus concorrentes. Ante o exposto, o fator mais importante, em nossa opinião, passa a ser a formação intelectual e cultural das pessoas e profissionais, e não a própria tecnologia apenas.

Sendo assim, os programas de rádio não poderão mais ser pensados apenas para um único meio de distribuição, mas sim em várias alternativas, criadas a partir de suportes disponíveis na plataforma multimídia da internet.

Quando falamos de rádio na internet, não achamos um modelo que viabilize suas transmissões que seja igual aos modelos de emissoras convencionais. Porém, com os avanços tecnológicos, as

emissoras podem ir bem além das transmissões básicas pela rede ou do atendimento ao ouvinte pelo chat ou e-mail. É através da educação que o rádio web pode trabalhar o conteúdo, através do aprendizado de forma mais colaborativa e interativa.

4 - Convergência da mídia na educação

A educação, a partir deste milênio, assume de forma mais intensa na formação de cidadãos, que, em sua criticidade, saibam modificar e transformar as informações recebidas em conhecimentos, possibilitando uma menor distância entre sociedade e escola. As TIC, então passam a contribuir significativamente nesta aproximação, pois proporcionam o desenvolvimento de habilidades e competências, como trabalhos colaborativos, interação entre pares, e que são fundamentais nas relações sociais.

Barbeiro e Lima (2001, p. 58) afirmam que “o desenvolvimento das comunicações e suas reflexões sociais estão imersos nas profundas transformações que vive a sociedade do início do século XXI”. Há interações entre as mudanças estruturais, e estas possibilitam que a tecnologia avance muito rapidamente, gerando modificações profundas. Com ascensão à internet, 20,4% da população brasileira (IBGE / 2007), o desenvolvimento de metodologias e projetos passa a ser fundamental para diminuir as barreiras entre sociedade e escola.

Destacamos o crescimento da internet entre as TIC, pois esta abre grandes oportunidades para todo o mundo, como conhecer pessoas, realizando trocas de experiências e informações, gerando, assim, conhecimentos – que num passado recente eram impossíveis e inviáveis.

Dentro do meio digital, os usuários gerenciam sua própria conexão na rede, criam hábitos e fazem escolhas como local, duração de cada conteúdo disponibilizado e o tempo de utilização disso tudo. Neste contexto, a rádio web, uma convergência de mídias porque engloba imagem, texto e som, é utilizada na educação.

A utilização das rádios web na educação é uma maneira criativa de interação das linguagens midiáticas com o objetivo de incorporar a tecnologia, e sua cultura, com os conteúdos e técnicas pedagógicas. Para isso se faz necessário o desenvolvimento das habilidades dos educadores na utilização destas culturas tecnológicas contemporâneas.

É importante que os educadores reconheçam a presença constante das mídias no cotidiano dos alunos, e as tecnologias contemporâneas fazem parte da escola, do educador e do educando. Convivemos em uma sociedade que tem na informação sua mola propulsora. Neste sentido o rádio surge de forma atraente, pois é dinâmico e possibilita novos aprendizados no contexto escolar atual.

Os educadores e os educandos precisam se relacionar de forma aberta, onde o diálogo se concretiza naturalmente, pois a comunicação, como processo de interação humana, é o fundamento do processo educativo, tornando-se, assim, mediadora das tecnologias.

A educação deixou de ser um local exclusivo do saber na contemporaneidade, da aquisição das informações e da geração de conhecimentos. Hoje, engloba diversas formas de saberes, difundidos pelas tecnologias contemporâneas da comunicação que estão na vida das pessoas. Morin (1992, p. 183) afirma que a criança já chega à escola sabendo ler histórias mais complexas, com diversos personagens e cenários diferentes, habilidades essas ignoradas pela escola. Ou seja, os meios de comunicação possibilitam aos alunos e professores um compartilhamento dos saberes elaborados e dos novos conhecimentos com os colegas.

De acordo com Almeida e Assis:

As TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação) não são apenas recursos, mas instrumentos da cultura, novas linguagens e criadoras de um ambiente curricular em uma sociedade que requer novas formas de pensar e agir com a informação e conhecimento. A aprendizagem estruturada na Internet pode criar condições para o desenvolvimento da capacidade de expressar o pensamento por meio de múltiplas linguagens. É possível propiciar a construção de currículos peculiares, a produção colaborativa de conhecimento, o atendimento às necessidades individuais e o desenvolvimento da autonomia, da criatividade e da criticidade. (ALMEIDA; ASSIS, 2010, p. 78)

A possibilidade de uso dos meios digitais de comunicação e informação pode ampliar e viabilizar as relações entre alunos e professores, independente do espaço em que as pessoas se encontrem. A convergência dos meios possibilita a convergência entre as pessoas para a troca de informações e a aprendizagem em conjunto. Isto já ocorre mais recentemente em comunidades

virtuais de aprendizagem e em grupos de pesquisas em várias instituições, e estas se apresentam como formas diferenciadas e novas de práticas educacionais mediadas.

Quando definimos o amplo contexto no campo da educação e comunicação, estes se tornam muito complexos. Educação e comunicação são necessidades exigidas em todos os campos em que prevalecem as relações humanas e técnicas. Portanto, questionamos se há um mesmo tipo de educação e de comunicação nas escolas. E ainda, se há, também, alguma estrutura comum no qual convergem esses campos.

A utilização da educação e da comunicação na escola se restringe a aspectos bem específicos, voltados aos usos e práticas pedagógicas. Porém, por outro lado, as temáticas referentes à educação e comunicação ultrapassam os muros das escolas.

Como uma área distinta e nova do conhecimento (“educação e comunicação”), para a qual convergem, teorias, concepções, pressupostos e reflexões sobre suas abrangentes relações, uma análise leva além da educação na escola e da comunicação na mídia. A relação de correspondência entre educação e comunicação reúne as mais diferentes concepções, práticas, sujeitos, assuntos e linhas teóricas, tempos e processos entre formais e não-formais, além de manifestações expressivas dos indivíduos – mediadas ou não – em um sentido de transformação e continuidade das relações interpessoais. (KENSKI, 2008).

Estende-se a autonomia para a produção e confecção de conteúdos em mídia de forma contextualizada, de maneira inovadora, com conexões entre processos e produtos, montagens e edições como formas de aprender e descobrir, pensar sobre o sentido de aprender, desejar ir além, alcançar sonhos e idéias antes inimagináveis, e ultrapassá-los em diversas dimensões sociais e pessoais.

A partir do momento em que ampliamos, cada vez mais, o significado de educação e comunicação, mais entendemos a próxima relação entre eles. Ante o exposto, é importante ressaltar Paulo Freire, lembrado por Pretto (2008, p. 13), para concordar com sua afirmação que diz que “o ato de educar é um ato de comunicação”.

Quando a comunicação se expressa, não se limita aos suportes em que é utilizada ou à intencionalidade do uso das mídias pelas escolas ou pela cultura. A comunicação em educação é

um ato praticado pelas pessoas, um movimento entre indivíduos que têm em comum a vontade de aprender e de ensinar. E isto pode ocorrer em qualquer lugar e a qualquer momento. Transforma e conduz ao aprendizado de valores, comportamentos, sensibilidades e práticas em múltiplas e diferentes trilhas.

Não há como negar uma proximidade entre educação e comunicação. Esta proximidade torna-se maior ainda pelo modo como são solicitadas na sociedade atual. A educação e a comunicação sofreram uma enorme convergência entre si e com todas as áreas do conhecimento, com todas as formas de expressão, com toda a visão utópica de progresso e a necessidade de melhor formação do homem na atualidade. (KENSKY, 2008).

Porém, de um ponto de vista menos restrito, a educação e a comunicação são mais amplas; no senso comum, elas estão na base e na raiz da solução de muitos problemas do mundo contemporâneo: a abertura de grupos e indivíduos, a igualdade e a felicidade.

A educação, juntamente com a comunicação, é convidada a entrar em todos os campos, de forma mediada, e não de forma isolada em seus limites de instrução e formação, realizando de forma prática todas as conexões híbridas possíveis que as potencializam.

5 - Convergência da ação na educação mediada

A maneira pela qual se realiza a comunicação humana na educação ultrapassa o uso somente de equipamentos e se solidifica pela necessidade expressa de trocas comunicativas, e de interlocução. Formas ancestrais de manifestações do homem, no propósito da comunicação, como movimentos, sinais e vozes, têm em vista a aprendizagem do outro. “Elas sobrevivem e continuam predominantes em nossos repertórios intuitivos de expressão, na tentativa de interlocução, de comunicação significativa.” (KENSKY, 2008).

O que se compartilha, ou o signo, é entendido de forma direta pelas pessoas que participam da ação da comunicação. O aprendizado é o principal objetivo da ação da comunicação presente no processo educacional, pois o ensino apenas reflete uma possibilidade, mas não efetiva a comunicação até o seu final. A maneira formal de ensinar reflete o mesmo processo de ações em massa que se encontram nos processos de mídias das grandes audiências.

Pelo fato, ainda, de existirem manifestações do “público”, o desempenho e foco dos conteúdos dependem da capacidade dos professores, do seu empenho, e do fascínio que conseguem despertar nos alunos, dos procedimentos que utilizam para sensibilizá-los e realizarem o proposto, de forma aberta e cooperativa.

A ação educativa que se realiza como aprendizagem é mais complexa e compreende a essência da comunicação. Exige a participação plena e a intercomunicação freqüente entre os diversos parceiros do processo. Todos devem estar envolvidos no mesmo desejo de avançar no conhecimento, ou seja, se transmutar, ser diferente. Ser melhor não apenas pelas aquisições cognitivas, mas pela formação ampla da pessoa em termos de valores, comportamentos individuais e sociais, capacidade crítica e autonomia para pensar e agir. Essa necessidade educacional é inerente ao ser e se apresenta em todos os seus momentos vivenciais, independente da escolarização. (KENSKY, 2008, p. 651-652).

Há um desejo cada vez mais latente de comunicação e aprendizado por parte das pessoas. Dessa forma, a comunicação, através da evolução de seus suportes midiáticos, pode ampliar e disponibilizar aos indivíduos meios (desde a escrita até a internet) de realizar seus desejos de interlocução. Isto efetivará a aprendizagem em múltiplos espaços – das escolas aos espaços virtuais de aprendizado.

As distâncias entre as pessoas que se comunicavam foram reduzidas pelos novos suportes tecnológicos que desde então viabilizam os diálogos por meio de correspondências, telefones e mais recentemente e-mails, e a utilização das redes sociais. O acesso foi ampliado e estas novas formas de comunicação passam a redefinir comportamentos e culturas, produzindo novos valores e aprendizagens coletivas. Tempo, espaço, longe e perto são conceitos transmutados, então, a cada nova incorporação das tecnologias comunicacionais a cada período.

As eras passadas com o rádio, a televisão e o cinema contribuíram de forma pontual na evolução e comportamento da sociedade, com a particularidade de cada um desses meios, sem que estes se sobrepusessem aos anteriores; ao contrário, sempre coexistiram e se relacionaram de forma colaborativa, se pensarmos que o novo advém do antigo.

A internet, como tecnologia de síntese, pois é composta por vários elementos, viabiliza a convergência de inúmeros formatos de mídias e modifica dia após dia as maneiras de como são veiculadas estas mensagens e de que forma são, ou não, recebidas e apreendidas.

Existe, pois, uma metáfora a ela relacionada, apesar de sua flexibilidade e movimento ter se tornado possível pelo meio. As “infovias”, autopistas de comunicação e informação eletrônicas são estas metáforas que desejam explicar a realidade que está presente no mundo virtual.

Apesar de terem uma compreensão facilitada pelo paralelo com a realidade do novo meio tecnológico, as possibilidades da internet vão muito além dos procedimentos das salas de informática das escolas. Apesar do tempo em que está em atividade, a internet é ainda utilizada de forma restrita nos espaços educacionais.

Porém, isso não impede que ela possibilite diferenciadas formas de educação, não formais e extra-escolares. São criadas de forma livre por grupos, organizações governamentais ou não governamentais, com diferentes objetivos de aprendizagem, sem, no entanto se ater a níveis de qualidade de educação, seja velas virtuais ou não.

Quando acompanhamos algumas dessas ações nas redes virtuais de educação como as rádios web nos espaços escolares, observamos que seu sucesso fica proporcional a uma série de fatores e interações didáticas comunicativas entre as pessoas envolvidas no processo, à mediação pontual do professor e ao trabalho colaborativo de todo o grupo.

Apesar de todas as facilidades que o meio disponibiliza a quem o acessa, há, porém, pessoas que não conseguem usufruir disso. O Brasil é um país onde o analfabetismo ainda é grande; além disso, existem regiões onde o acesso à internet é muito baixo. Uma grande lacuna social nos envolve e uma discussão dos meios e mediações na comunicação torna-se necessária.

6 - O lado B

Apesar de a comunicação, via tecnologia contemporânea, chegar de forma democrática a todos, ela somente chega a quem tem condições sociais para utilizá-la. Em outro sentido, temos de discutir a quem chega e como chega. Em nosso país, o índice de analfabetismo ainda é grande;

segundo o censo IBGE (2009), a taxa de analfabetismo caiu de 10% em 2008 para 9,7% em 2009, cerca de 18,6 milhões de pessoas.

O número de analfabetos funcionais também diminuiu no país, de 21% em 2008 para 20,3% em 2009 (cerca de 38,9 milhões), no nordeste as taxas variam entre 16,3 % em Alagoas, até chegar a 16,7% na Bahia, taxas ainda altas em relação a outros estados. No Distrito Federal o índice fica nos 3,4%, gerando uma lacuna ainda grande entre aqueles que participam do processo aos que não participam.

No conceito de participação há alguns significados. São eles: fazer parte de algo, em situação de fato, seja de forma voluntária ou involuntária; tomar parte de algo – em que uma pessoa desenvolve uma ação específica em uma atividade coletiva que pode ser momentânea e sem compromisso; e, por último, ter parte em alguma coisa – em que a pessoa tem um compromisso permanente, seja de forma adquirida ou conquistada. Conclui-se, então que a forma de uma maior participação, de forma mais autêntica está na maneira de ter parte com qualidade e não em tomar parte com quantidade.

Assim, a comunicação tem se encontrado em formas alternativas para as populações carentes de informação que as eduque e lhes proporcione reais formas de interação crítica, sem discriminação.

A desconfiança de que os meios massivos não estariam em condições, ideológicas ou tecnológicas, de apoiar a construção de uma sociedade mais participativa e mais solidária, tem levado o povo e os comunicadores a procurar formas alternativas de comunicação, novos meios de COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA, onde o termo “alternativa” refere-se à substituição dos meios comerciais e estatais de massa por meios de comunicação horizontal que permitam o acesso, a participação e até mesmo a autogestão dos meios pela população organizada. (BORDENAVE, 1983, p.83)

Entre estes meios alternativos encontram-se diversas formas de comunicação, não tecnológicas e muito populares, como teatro, cordel, murais, letreiros, placas, faixas, auto-falantes em carros, e qualquer outra que a imaginação popular permita.

Luiz Beltrão (1980) chama esta corrente popular de baixíssima tecnologia e de valorização destes meios, a partir da segunda metade da década de 60, de folkcomunicação. Essa denominação teve o objetivo de entender como as camadas populares se informavam e cristalizavam suas opiniões. A esta corrente se incluem os nomes próprios, frases feitas, orações e paródias, contos, mitos e lendas, anedotas, postais, santinhos, almanaques populares, palavrões etc.

Há, porém, meios mais sofisticados tecnologicamente e que são utilizados pela população mais carente, como impressões em off-set de cartazes e folders, gravações em CDs e DVDs em locais especializados e populares como meios de participação em grupo. Dessa forma, os grandes meios de comunicação como o rádio e a televisão no atual padrão comunicativo comercial, perdem o sentido perante essas formas mais populares de comunicação.

As programações das rádios comerciais estão sempre ligadas a interesses de seus proprietários. No Brasil, segundo levantamento do Jornal Folha de São Paulo (2010), 91 estações estão nas mãos de políticos, entre eles o senador José Agripino Maia (DEM-RN) e as famílias de Jader Barbalho (PMDB-PA), Renan Calheiros (PMDB-AL) e José Sarney (PMDB-AP), além da família do antigo Senador Antônio Carlos Magalhães aqui na Bahia. Além disso, as rádios comunitárias (3,9 mil), que a princípio deveriam servir aos interesses de uma determinada comunidade ou comunidades através de associações sem fins lucrativos, são em mais de 50% de propriedade de políticos, sem entrarmos na questão de que também se encontram nas mãos de entidades religiosas.

Em suas programações diárias, estas rádios exercem um papel direcionado, com informações manipuladas por diversas vezes, e sem dar voz aos que estão do outro lado das ondas hertzianas. Teriam sentido, então, que esta forma de se comunicar fosse modificada, dando espaço para a manifestação popular, integrando a sociedade.

Assim, esta comunicação que facilita e promove a participação das pessoas passa a ser chamada de comunicação participatória, na qual todos os interagentes exercem de forma livre seu direito à auto-expressão como uma função social de forma permanente e inalienável, criando saberes e conhecimentos, compartilhando-os coletivamente. Ante o exposto, destacam-se alguns requisitos desta comunicação: (FORESTI, 2001, p. 91)

- a prática da auto-expressão em liberdade;
- seu caráter de direito e de função permanente (“ter parte” e não apenas “fazer parte” ou “tomar parte”);
- o espírito solidário em que a participação deve se dar;
- o intercâmbio de temas próprios do grupo e a criação conjunta de conhecimento e saber;
- a aquisição de poder coletivo é possível mediante a organização.

Por fim, não existe uma comunicação participatória independente ou separada dos processos de educação popular, desenvolvimento rural, programas de saúde, lutas sindicais, politização e ação política, entre outras coisas. Ela é uma maneira entre diálogos e realiza-se através de várias pessoas fazendo comunicação grupal e coletiva.

A imagem a seguir retrata uma pessoa do lado B, sem teto, mas que está utilizando o computador. Esta realidade está longe de ser vista no Brasil, porém o apelo é muito grande, e há possibilidades de encontrarmos tal cena em nosso cotidiano.



Imagem 08 – Morador de rua flagrado em foto para um jornal.

Quando os meios de comunicação se colocam a serviço de um povo, assumem papéis contrários ao que desempenhavam ou os fazem de maneira ocasional de acordo com seus interesses. É

muito difícil entender a verdadeira importância que os meios de comunicação têm na vida das pessoas se ambos não se conhecem com profundidade, nem de como se relacionam.

Dessa forma, dimensionar a importância dos meios em si mesmos, sem considerar toda a bagagem do mundo, da gente e da vida, é estar alterando aspectos da vida para que encaixe em um modelo de estudos destes meios. A importância dos meios é inegável; contudo, é preciso refletir sobre isso, pois estes meios influem de acordo o que se espera deles, e de acordo com o que se exige deles.

7 - Meios e mediações

As transformações da sociedade nos levam a ações e movimentos de retorno ao encontro com o comunitário, e que se encontram mais relacionadas a transformações profundas na sensibilidade e na subjetividade. E ainda a mediação dos rituais, ligados aqui ao caráter regular, remete-nos ao vínculo simbólico que mantém a comunicação atrelada na memória, aos seus ritmos e formas, seus cenários de interação e repetição, todos inseridos na cultura. (BARBERO, 2008).

Ao falarmos de cultura, temos que salientar a política, a que está sendo feita nos dias atuais. Não queremos com isso profetizar a sua dissolução, mas sua reconfiguração das mediações, onde se compõem novos modos de interpretação das pessoas e de representação dos vínculos que dão coesão à sociedade. (BARBERO, 2008). A renovação, de forma inovadora do povo, legaliza a burguesia, o seu poder, pois esta renovação articula sua exclusão da cultura, gerando assim, nesse movimento, categorias de culto e popular.

[...] falar de cultura política significa levar em conta as formas de intervenção das linguagens e culturas na constituição dos atores e do sistema político, pensar a política a partir da comunicação significa pôr em primeiro plano os ingredientes simbólicos e imaginários presentes nos processos de formação do poder. O que leva a democratização da sociedade em direção a um trabalho na própria trama cultural e comunicativa da política. À noção política do povo como instância legitimante do governo civil, como gerador da nova soberania, corresponde no âmbito da cultura uma idéia radicalmente negativa do popular, que sintetiza para os ilustrados tudo o que estes quiseram ver superado, tudo o que vem varrer a razão: superstição, ignorância e desordem. (BARBERO, 2008, p. 15)

A cultura de massa não surge repentinamente, e não se caracteriza como ruptura, portanto ela não afronta a cultura popular. A coesão de caráter social e cultural, ou seja, o massivo foi gerado a partir do popular.

Não podemos deixar de enxergar na cultura de massa, por considerar as normas e valores da própria sociedade ou cultura como critério de avaliação de todas as demais, um processo de vulgarização e decadência da cultura culta.

O conjunto de meios dispostos das mediações de massa está, assim, ligado de forma estrutural aos movimentos que articulam a cultura. Possibilitam uma forma de se tornar social, que abstraem as formas comerciais estruturais convencionais, como a de um jornal, por exemplo. É uma mediação que mascara o conflito entre as classes criando sua resolução no imaginário das pessoas, garantindo assim a permissão ativa de quem é dominado.

Vemos na imagem abaixo uma sátira a respeito da interpretação de cultura pela massa.



Imagem 09 – Tira artística “Mafalda”, que trata da cultura de massa.

Além disso, essa mediação e essa permissão só foram possíveis e aconteceram na história quando a cultura de massa foi composta, deformando e acionando, ao mesmo tempo, indícios de identidade da cultura popular antiga, e completando junto ao mercado os novos processos e demandas das massas.

Martino (2006, p. 36) propõe, através dos estudos da cultura de massa, tecnologia e cultura, uma articulação, pois entende que “meios de comunicação não é só tecnologia”. Ademais, a cultura, de forma genérica, não pode ser objeto de estudo da comunicação, pois ela só interessa quando é mediada pela técnica: “Se quiser meios de comunicação, ótimo, desde que a gente perceba que eles não são só tecnologia; cultura de massa, ótimo, desde que a gente perceba que é na intersecção com a técnica que isso interessa, técnica de comunicação.”

Dentro do contexto das novas tecnologias, antes das tecnologias contemporâneas, já explanadas anteriormente, surge a televisão como um dos primeiros avanços tecnológicos e de importância histórica mundial no pós-guerra, dando um salto quantitativo e qualitativo no poder de comunicações de massa. Anteriormente, o rádio já se revelava nos períodos das guerras e entre elas um suporte extremamente poderoso de conquista social, bem mais do que a imprensa escrita.

Quando passou a transmitir 24 horas diárias, o rádio criou potencialmente ouvintes contínuos, que faziam outras atividades, enquanto o rádio executava seus programas e tocava músicas ao fundo, e isso só foi possível com o desligamento entre o olhar e o escutar.

Por outro lado, a televisão tem a capacidade de ordenar maior atenção de seu público, porque o olhar é tocado muito antes de organizar o escutar. Este novo veículo trouxe uma nova combinação da imagem, do sonho, à disponibilidade integral do rádio como um equilíbrio ao monopólio da imprensa escrita, que obriga a uma atenção única do leitor.

Ao mesmo tempo em que tudo está acontecendo, em face dos aspectos da mediação dos meios de comunicação, a oralidade, através da fala como elemento de linguagem, torna-se um elemento imprescindível para as diversas culturas. Esse duelo “fala e linguagem” constitui de certa forma o modelo dos meios às mediações, retratado no trabalho de Martin Barbero (2008).

As mediações são espaços, formas de comunicação que estão entre a pessoa que ouve e o que é dito no rádio, por exemplo. Mediação significa que entre estímulo e resposta há um espesso espaço de crenças, costumes, sonhos, medos, tudo o que configura a cultura cotidiana. (BARBERO, 2008) É essa consistência da cultura do dia a dia que a faz extremamente rica.

Barbero (2008), então, escolhe as mediações em posição contrária aos meios como foco central da pesquisa em comunicação. Trata-se, em nossa opinião, de um desprendimento metodológico, como ele próprio diz:

A comunicação se tornou para nós questão de mediações mais do que meios, questão de cultura e, portanto, não só de conhecimentos mas de reconhecimento. Um reconhecimento que foi, de início, operação de deslocamento metodológico para re-ver o processo inteiro da comunicação a partir de seu outro lado, o da recepção, o das resistências que aí têm seu lugar, o da apropriação a partir de seus usos. Porém num segundo momento, tal reconhecimento está se transformando, justamente para que aquele deslocamento não fique em mera reação ou passageira mudança teórica, em reconhecimento da história: reapropriação histórica do tempo da modernidade latino-americana e seu descompasso encontrando uma brecha no embuste lógico com que a homogeneização capitalista parece esgotar a realidade do atual. (BARBERO, 2008, p.16)

Portanto, observa-se que a concepção de mediações não substitui os meios. Os meios fazem parte das mediações sociais, que nos envolvem na contemporaneidade. As mediações estão no tempo-espaço da contemporaneidade, estão na produção e re-conhecimento da “atualidade”.

Tal observação vem complementar que os meios e as mediações através das culturas são a centralidade do ser humano, inserido em seu lugar na sociedade e marcado por vivências nos estudos da comunicação. A comunicação é um processo natural, uma tecnologia, uma arte e uma ciência social. Pode ser tanto um suporte para legitimar as estruturas sociais e de governos quanto a força que o contesta e transforma; além disso, pode ser veículo de relacionamento e expressão das pessoas, como também um recurso de opressão moral e psicológica.

8 - Comunicação e cidadania

Em 1949, Marshall pregava que a cidadania era “o direito de ter direitos”, e mais adiante afirmava que “a preservação das desigualdades econômicas se tornou mais difícil pelo

enriquecimento do status da cidadania” (MARSHALL, 1967, p. 109), e que com isto o movimento de igualdade trabalha em parte através do sistema econômico e em parte através da cidadania.

Para Gentilli, os meios de comunicação podem funcionar como “instituições sociais que, como organizações voltadas para a produção de informação pública, constituem-se em instrumentos de mediação e representação dos cidadãos” (GENTILLI, 2005, p. 16). O autor ainda propõe que o direito a toda informação pode ser um suporte importante para que se pense e exerça a questão cidadã, pois a desigualdade social compromete o processo condutor à cidadania plena.

Segundo Morigi e Rosa (2004, p. 82) “a mídia, entendida como um espaço discursivo representa talvez a principal esfera de produção de sentidos a partir da qual também se pode construir a cidadania”. No espaço público feito através da comunicação pelas mídias, os atores sociais, bem como os campos, confrontam-se com a inclusão e a exclusão, com a autonomia e a dependência, e com a liberdade e o constrangimento.

Com a opção de também escolher o seu caminho, a comunicação pode ser democrática ou não, e criar, ou também não, possibilidades para o exercício da cidadania, de maneira que viabilize os direitos universais do homem, transpondo fronteiras, elegendo-o cidadão do mundo, embora seja muito difícil de realizar-se, sabemos que é uma concepção sem retorno. Sendo assim, a idéia de cidadania não pode mais ser sustentada sem o reconhecimento do homem com direito à participação.

Dessa maneira, dentre os veículos de comunicação, o rádio tem características que favorecem a inquietação com a cidadania. Dentro desse entendimento de participação, Bertolt Brecht, na sua Teoria do Rádio, na década de 30 do século passado, já antecipava a idéia de uma comunicação voltada para o coletivo e para o interesse do bem comum. Acreditava que o rádio devesse funcionar como canal de transmissão e recepção participativa, onde o ouvinte pudesse participar de forma ativa na programação, ou criar a sua própria. (BRECHT *apud* ORTRIWANO, 1998, p.13)

Até os dias de hoje, ainda é pouca a participação dos ouvintes nas programações das rádios convencionais, pois é a emissora que determina seus rumos (conteúdos) e qualquer forma tímida

de participação. Entretanto, o fato de emissoras web possibilitarem a participação de seus ouvintes, transformando-os assim em interagentes, é uma forma democrática de fazer comunicação. Conclui-se, então, que podemos ter mais democracia onde há democracia, e os ouvintes que ficam limitados àquilo que a emissora sugere a respeito de sua participação podem, através dos meios tecnológicos, conduzir suas experiências e criações.

Porém, pelo ainda baixo alcance dos meios tecnológicos, continuamos à frente de uma contradição, e diante de uma questão que está longe de se resolver como é, também, a questão da cidadania, pois direitos e concepções de igualdades estão postos a todos; no entanto, muitos são os que não conhecem seus direitos e, portanto, não conseguem usufruí-los.

9 - O cidadão contemporâneo

O que caracteriza o homem hoje, é que ele existe através do olhar do outro. Há uma verdadeira mudança que se localiza na posse pelo outro. A identidade é um objeto pelo qual o homem busca e está localizada numa situação em relação ao outro. Porém, ao mesmo tempo, esta mudança nos remete ao humano, ao ser, para que possamos descobrir aquilo que realmente é real.

Quando falamos em cidadania, não podemos ignorar e somos remetidos a todas as mudanças sociais. A frente da idéia de uma esfera pública sem territórios, Pierre Levy (2003, p. 375) discute sobre o comportamento social planetário em que o ciberespaço surge como “muito mais inclusivo do que os outros meios de comunicação anteriores. Ele permite a expressão pública a todos os indivíduos, grupos, instituições e comunidades”. Levy (2003, p. 381) declara que “estas ágoras virtuais contribuem para desenvolver uma cultura de diálogo, pois reúnem os internautas por temas de debate, habituando-os a trocar idéias com cidadãos que não partilham suas idéias.”, denomina-se, então, o conceito de o indivíduo coletivo.

Sabemos que em nosso tempo atual o individualismo é muito incentivado, sobrepujando os interesses pessoais sobre os coletivos. Pensamentos individualistas são decorrência da transformação do indivíduo em pessoa. O liberalismo fortalece a noção do particular em detrimento da coletividade.

A imagem abaixo vem materializar o que afirmamos nesse contexto, pois mostra o quanto o indivíduo age de forma colaborativa e coletiva.

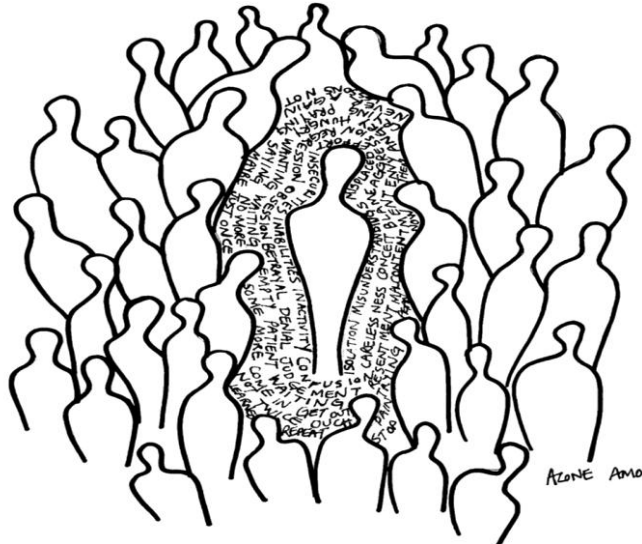


Figura 10 – Ilustração que retrata o “indivíduo coletivo”.

Torna-se necessário, então uma noção de igualdade de direitos e as ações conseqüentes dessa concepção e que só podem ser executadas pelo Estado, já que se trata dos interesses coletivos, a participação de benefícios que exigem o esforço de todos. Não basta apenas ser cidadão, é preciso comportar-se como cidadão e fazer uso de seus privilégios, participando de forma ativa da democracia no uso da cidadania.

O conceito de coletivo é usado frequentemente em oposição à dimensão individual, confundindo-se com o social. É representado pelas categorias de Comunidades, Estado, Família, Igrejas, Povo, Classe, e investigado no que diz respeito à dinâmica de interações individuais ou grupais. Este modo de preocupação do coletivo/social “deriva de uma abordagem dicotômica da realidade característica das ciências modernas, cujo efeito, dentre os mais visíveis, é a separação dos objetos e dos saberes.” (RADDATZ, 2006, p. 02) Mediado pelos computadores, o coletivo/social processa-se na comunicação.

A sociabilidade no processo de comunicação mediada pelos computadores tem uma determinante específica: é a linguagem multicultural e multimídia. Cria um comportamento, e nesse processo a

cidadania recupera-se. Temos de ter uma cultura que pense, ou nos ajude a pensar, no local e no global; a tecnologia em si não se basta, devemos ter uma cultura que pense na tecnologia.

No ciberespaço, um espaço multinacional e transacional contém tudo, inclusive contradições, e possibilita uma revolução cultural, política e econômica. O processo de comunicação e tecnologias deve contribuir para o domínio público, com igualdade, dignidade, justiça social e cidadania, permitindo acesso ao pensamento e conhecimento coletivos.

Presente em todas as práticas sociais, a cultura tem uma estreita relação com o desenvolvimento das tecnologias e com o processo de significação na produção, na distribuição e no consumo, pois existem classes distintas visíveis nas práticas culturais: os diferentes, os desiguais e os desconectados.

De acordo com essas dificuldades ligadas a uma nova forma de movimento dos cidadãos na sociedade, a comunicação e a cidadania estão também se modificando, assim como a identidade, que deixou de ser aquilo que é comum entre os cidadãos de uma mesma comunidade, região ou país. Segundo Hall (2000, p.112) as identidades “são o resultado de uma bem-sucedida articulação ou “fixação” do sujeito ao fluxo do discurso”.

Contudo, estas fixações, que são a ligação do homem com suas raízes, estão se desfazendo a partir do movimento desses homens e suas relações com outros cidadãos. A noção de identidade caminha da mesma forma que a noção de cidadania, que acompanha os diferentes movimentos que a sociedade contemporânea cria e aos quais se sujeita.

É de fundamental importância fazer surgir uma cultura que encare esse novo homem. Pensar a identidade nesse contexto é de fato reconhecer um novo perfil de cidadão, reconhecer-se, ser real, com seus direitos e diferenças respeitadas.

No que diz respeito aos direitos do homem, há uma unanimidade. Segundo Gentili (2005, p. 93) “o ser humano é cada vez mais reconhecido como um potencial cidadão, como um ser com possibilidades de emancipar-se plenamente (...).” Entretanto, para que este ser humano possa conquistar a cidadania, precisa, de fato, ser incluído no processo de decisão coletiva, em uma sociedade democrática.

Diante dessa perspectiva, o rádio é um veículo de grande potencial para a promoção da cidadania. Oferece aos cidadãos informações para que exerçam seu papel na sociedade, conscientes de seus direitos e preparados para participar ativamente nas decisões de suas comunidades.

Dentro de uma proposta de comunicação cidadã, o rádio pode contribuir de forma direta para a democratização da comunicação e para formação de uma cultura política também democrática. Uma rádio é cidadã quando conhece bem a realidade dos seus ouvintes e dá condições para que as pessoas e a comunidade discutam seus problemas, através de uma programação aberta para o diálogo; quando valoriza e respeita as diversas manifestações artísticas e culturais da região; quando abre espaço e valoriza as diversas manifestações artísticas e culturais locais; quando diverte, informa, fortalece os laços de amizade entre os membros da comunidade; quando usa seus programas musicais e de entretenimento para divulgar informações de qualidade; quando promove debates sobre temas atuais; quando os comunicadores estabelecem relações de confiança com a comunidade; quando usa uma linguagem clara, simples, alegre, bem humorada e motivadora; quando cria condições para que seus funcionários – comunicadores, operadores de áudio, diretores, repórteres – possam sugerir programas, formas de se relacionar com a comunidade; quando trabalha com a variedade de gêneros e formatos em seus programas; e quando entra em rede com outras emissoras e grupos, recebendo, enviando e divulgando informações.

No livro *Manual Urgente para Radialistas Apaixonados*, José Ignacio López Vigil tece um comentário a respeito de rádio local, comparando-a a um espelho, e uma emissora de alcance nacional a uma janela. E ainda complementa:

Nas emissoras locais, os cidadãos se vêem refletidos, identificam seus problemas e imaginam soluções e se organizam para melhorar sua qualidade de vida. A comunidade se escuta e escutando-se eleva a autoestima individual e coletiva. Os vizinhos se conhecem mais, se reconhecem melhor. A rádio local constrói identidade. As rádios nacionais ou regionais são como janelas para ver o que se passa no país, para perceber outros mundos. (...) Em nosso território coexistem uma variedade de culturas, costumes e crenças. Conhecendo essa diversidade, aumentamos o respeito pelos demais. Geralmente, não se valoriza o que não se conhece. (VIGIL, 1997, p. 62)

Conforme define Vigil, a comunicação feita por uma rádio pequena não é melhor ou pior do que a feita por uma grande emissora; é apenas mais intimista e valoriza a comunidade em que está inserida. A comunicação possibilita um fortalecimento na formação cidadã das pessoas. A cidadania se dá em todas as ações sociais e culturais. É através da cidadania que os povos atuam de forma ética, plural, com respeito ao diferente, na participação em coletivos e na organização para a transformação da realidade em que estão inseridos. Na era digital, o conceito de cidadania transforma-se em cibercidadania.

CAPÍTULO IV - CIBERCIDADANIA: O EXERCÍCIO CIDADÃO NA RÁDIO WEB

A lei é necessária para que o indivíduo se estruture como sujeito, mas a partir do momento em que esta lei se apresenta de forma autoritária, punidora e repressora, compromete-se o papel da escola, afastando os alunos da mesma e dos professores. Em última instância, burocratiza-se o ato de aprender.

Ripper

As transformações econômicas e sociais acompanhadas por inovações tecnológicas que vêm acontecendo no mundo inteiro de forma mais rápida nas últimas duas décadas desencadearam um processo de mutação em todos ambientes da sociedade. Essa situação reflete diretamente na construção dos saberes, nas relações interpessoais, nos direitos e deveres do cidadão, dentre outras.

Nesse contexto, nos vemos instigados a discutir a condição desse cidadão que, diante das demandas do social e do mundo do trabalho e da educação, vê a necessidade iminente de se apropriar das tecnologias para que não fique à margem dessas novas formas de trabalhar, obter informação, relacionar-se, estudar, pesquisar. Em meio a essas convergências, surgem as denominações “cibercidadão” e “cibercidadania”. Nosso objetivo aqui é investigar a origem desses termos, seus significados na sociedade contemporânea e na escola, e o seu exercício em Rádio WEB.

Para que possamos refletir sobre esta discussão, vamos dividi-la em quatro partes. Iniciaremos buscando a origem do termo cibercidadão e seus significados na sociedade contemporânea, estabelecendo uma relação entre o que se têm, a situação ideal e os limites que se encontram para ter esse ideal. A partir daí, abrimos um novo tópico no qual discutimos como esse cidadão tem se posicionado diante das demandas sociais, numa perspectiva de acompanhá-las ou pelo menos esforçar-se para não ficar à margem dos acontecimentos que invadem o seu cotidiano, seja pelo rádio, pela internet e outros meios de comunicação e informação.

Percebemos a necessidade de discutir de que forma a cidadania está sendo exercida no ciberespaço, quais as possibilidades e possíveis entraves para esse exercício, de forma

colaborativa, utilizando de novas práticas pedagógicas, e como esta cibercidadania transforma-se em um exercício através do rádio web na educação.

1 - Origem do cibercidadão

Há aproximadamente 20 anos a TV e o rádio eram os meios, em potencial, de informação e comunicação, que se popularizaram em todas as comunidades do mundo devido ao seu alcance e poder de comunicabilidade, como já mostramos no capítulo anterior. Na década de 1990, vimos essa realidade ser alterada bruscamente com a disseminação da internet e outras tecnologias que foram sendo desenvolvidas, com um nível de sofisticação cada vez mais elevado, e com presença marcante em nossas vidas.

Numa velocidade surpreendente essas tecnologias foram sendo apropriadas e aprimoradas pelos diversos setores da sociedade, de acordo com suas necessidades e possibilidades. Nesse contexto, os computadores vêm popularizando-se num ritmo frenético, “invadindo” todos os setores da sociedade.

Nessa dinâmica, no início dos anos 90 surgiu um novo movimento sociocultural, proveniente dos jovens profissionais das grandes metrópoles e dos campi americanos. Em pouco tempo, esse movimento tomou dimensão mundial, formando diferentes redes de computadores, juntando-se às que iniciaram na década de 70, começando a crescer de forma exponencial e espalhando-se rapidamente pelo mundo.

As tecnologias digitais surgiram, então, como a infra-estrutura do ciberespaço, que segundo Lévy (1999, p.32) é “novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado da informação e do conhecimento”.

A internet hoje é uma realidade inquestionável. Os benefícios que dela advém são inúmeros: comprar, vender, relacionar-se, estudar, pesquisar, comunicar. As tecnologias de informação e comunicação divulgam condições de existências de uma rede penetrante em diversos cantos da estrutura social (CASTELLS, 1999). Já não se trata mais de discutir a aceitação ou não dessa realidade. O processo de informatização da sociedade atinge o Brasil e caminha célere. Com o computador presente em mais de um quarto do total de residências no país.

Nesse contexto, perguntamo-nos: de onde surgiu e o que significa o termo ciberespaço? O termo foi inventado pelo escritor cyberpunk de ficção científica William Gibson em seu best-seller *Neuromancer*, no início dos anos 1980. Para Gibson, o “ciberespaço é um espaço não físico ou territorial composto por um conjunto de rede de computadores através das quais todas as informações circulam”. Nessa conjuntura, o leitor passou a ser um ciberleitor, modificando-se as relações sociais, tornando esse cibernauta um cibercidadão. Assim, segundo Lemos

[...] a cibercultura vai se caracterizar pela formação de uma sociedade estruturada através de uma conectividade telemática generalizada, ampliando o potencial comunicativo, proporcionando a troca de informações sob as mais diversas formas, fomentando agregações sociais. (LEMOS, 2004, p. 87)

O cidadão tem nesse espaço a oportunidade de comunicar-se de forma mais rápida, obter informações mais precisas, contatos imediatos e em tempo real com pessoas que estejam fora do seu espaço geopolítico, comercializar, trabalhar, estudar, enfim, uma séria de possibilidades que foram criadas a partir do desenvolvimento das tecnologias digitais.

Quem é esse cibercidadão? Será que todo cidadão têm oportunidade e possibilidade de exercer essa cibercidadania? “Uma das principais funções do ciberespaço é o acesso a distância aos diversos recursos de um computador.” (Lévy, 1999, p. 93). Consideramos que cibercidadão é o sujeito que constrói, que troca, que colabora que utiliza esse ciberespaço em diversos contextos e situações do seu cotidiano.

Nessa assertiva, é pertinente afirmar que a cidadania hoje tem seu espaço ampliado, encontrando aportes nos contextos virtuais, tendo em vista que todos os processos estão na rede. As possibilidades de exercer a cidadania fora desse espaço virtual têm sido questionada, visto que um leque cada vez maior de procedimentos da vida em sociedade (do trabalho, ao lazer, a escola, a procedimentos domésticos, dentre outros), construídas pelas tecnologias estão cada vez mais presente na sociedade. Elas estão ai para facilitar e tornar mais ágil e eficiente as ações do dia-a-dia.

Mesmo diante de toda uma conjuntura contemporânea, um grande número de pessoas ainda encontra-se distantes dessa realidade, pelas mais diversas situações: condições financeiras,

conhecimentos prévios para utilizar computadores, dentre outras situações. Apesar disso, todos são cidadãos, com direitos e deveres e, nessa vertente, todos têm direito a exercer também a cibercidadania.

A imagem que vemos a seguir mostra a evolução do homem, desde sua criação, passando pela construção da cidadania até chegar à cibercidadania.

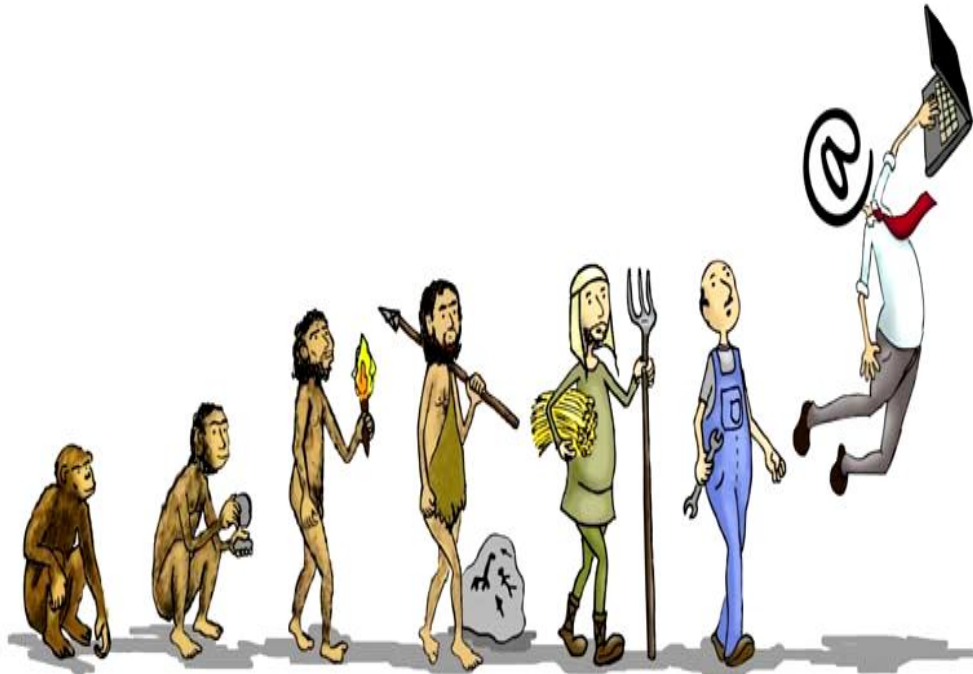


Imagem 11 – Ilustração representativa da evolução humana

Para superar essa situação desigual é de extrema importância a implementação de políticas públicas que criem condições para todos independentes da sua raça, cor, condição social, sexo, pois que, “quanto mais cidadãos forem as pessoas, mais conscientes serão das necessidades de reinvenção da dinâmica social excludente e desigual”. (SILVEIRA, 2001, p.18) Exercer essa cibercidadania, assim como a cidadania, é um direito de todos; para tanto, é preciso que se tenha esse direito garantido.

Ainda assim, vemos surgir e se consolidar um movimento social, educacional e econômico em torno dessas possibilidades virtuais, e com um enorme leque de possibilidades para o cidadão. A internet, conhecida enquanto rede das redes constitui-se uma instância técnica que condensa uma série de características do ciberespaço, conforme nos aponta Guimarães Júnior, (1997), que têm

potencializado o exercício da cidadania, ampliando as possibilidades de desenvolvimento do cidadão na sociedade contemporânea.

2 - Cibercidadão e as demandas sociais

A realidade social torna-se produto de processos de desmaterialização, impulsionados pelo desenvolvimento de máquinas de informação – computadores. (LEMOS, 2004). As possibilidades contidas nessas máquinas para facilitar o dia-a-dia das pessoas também proporcionam a constituição do cibercidadão.

É nesse espaço de múltiplas possibilidades e potencialidades que estão se construindo novos conceitos, costumes, culturas, linguagens e, sobretudo, educações. A título de ilustração desse crescimento e desenvolvimento de novos comportamentos, podemos registrar o crescimento exponencial das compras via internet. Existe um número cada vez maior de pessoas que anuncia, compra, vende e troca pela internet. Há uma passagem do comércio tradicional para o digital. Segundo o IBOPE, no primeiro semestre de 2008, as compras on-line somaram R\$ 3,8 bilhões (45% mais do que igual período de 2007). O ano fechou em R\$ 8,2 bilhões (crescimento de 30% na comparação com 2007).

No Brasil, com dados de 2010, a classe AB é responsável por 61% do total do e-commerce, a classe C responde por 35% dos consumidores virtuais e a classe DE representa 4%. É mais um fato que vem reafirmar a potencialidade da rede mundial de computadores.

É pertinente pontuar que a quantidade de pessoas que se amedrontam diante do computador ainda é expressiva; no entanto, também vemos esse número cair de forma expressiva, quando nos deparamos com a quantidade de computadores vendidos anualmente. Segundo dados da consultoria IDC Brasil, o Brasil vendeu 3,7 milhões de PCs no terceiro trimestre (19%) de 2010, e, paralelo a isso, há também esse crescimento significativo do comércio virtual. Segundo a empresa de consultoria especializada e-Bit, o Brasil cresceu 41,2% no primeiro semestre de 2010, chegando a um volume de R\$ 7,8 bilhões no semestre.

É um número crescente de pessoas que, seja por comodidade ou em busca de menores preços estão potencializando essa modalidade de comércio; aliás, não só de comércio, mas de um grande

leque de serviços que têm sido disponibilizados na rede para facilitar a vida do cidadão. Exemplos disso são: serviços bancários, pagar contas, checar a situação de um veículo, ver o contracheque, acompanhar as publicações oficiais do governo, entre outros.

Essa realidade faz surgir uma série de demandas sociais e econômicas. O sujeito deve, então, adotar uma postura muitas vezes diferente da habitual para não ficar à margem desse processo. Voltar à escola para concluir o ensino médio, cursar uma graduação, pós-graduação, procurar por cursos de informática, participação em seminários e congressos, são atividades que passaram a ser essenciais na vida do cidadão para que ele possa desenvolver competências e habilidades para se manter sujeito desse processo.

3 - Cibercidadania e a produção colaborativa

Com a revolução dos comportamentos e relacionamentos, através da internet, o convívio do homem com a máquina foi verticalizado. O tempo em frente ao computador aumentou vertiginosamente e tornou-se comum nos escritórios, nas casas, nas ruas e nas escolas. Esse tempo utilizando o computador e a internet fez com que as pessoas pensassem melhor sua condição de passivos destinatários de informações e tecnologias. Com isso, passaram a reivindicar espaços para serem ativos usuários e criadores de conhecimentos transformando sua cidadania em cibercidadania.

“Alimentadas pelas inúmeras possibilidades de uma rede infinita, as pessoas apropriaram-se da internet como um espaço público no qual exploram seus benefícios utilizando os serviços disponíveis, mas também gerando inovações”, afirma Sérgio Amadeu (2006, s/p.), que ainda conclui "E por estar em rede, o cibercidadão, sujeito ativo da cibercidadania, troca informações, experiências e institui um processo de produção colaborativa”.

Com cada vez mais acesso a redes sociais e software livre, esta forma de produção colaborativa e plural, é a mais utilizada pelos usuários das tecnologias contemporâneas como acesso, ou como promoção pessoal, no mundo digital. Produção colaborativa é um processo criativo realizado de forma coletiva, em que a informação não tem apenas um único caráter, e pode ser alterada por aqueles que a acessam em qualquer momento. A cibercidadania constrói seu caminho tornando-se sujeita da própria história.

4 - A cibercidadania no ciberespaço

A internet é uma fonte irrefutável de oportunidade de socialização, manifestação de comportamentos, disseminação de idéias, troca de experiências, construção de conhecimentos, ou seja, um vasto campo de interação e construção.

O ciberespaço possibilita a construção e desenvolvimento de novas dinâmicas de socialização.

As páginas Web expressam as idéias, os desejos, os saberes, as ofertas de transação de pessoas e grupos humanos. Atrás do grande hipertexto está borbulhando a multidão e suas relações. No ciberespaço, o saber não pode mais ser concebido como algo abstrato ou transcendente {...}. Não só as páginas Web são assinadas, igualmente às páginas de papel, como também costumam desembocar numa comunicação direta, interativa, via correio digital, fórum eletrônico, ou outras formas de comunicação por mundos virtuais, como os MUDs ou os MOOs. Assim, ao contrário do que a vulgata mediática deixa crer sobre a pretensa “frieza” do ciberespaço, as redes digitais interativas são potentes fatores de personalização ou encarnação do conhecimento. (LÉVY, 1999 p. 5)

E é nesse espaço interativo e potencializador do conhecimento quem vem se desenvolvendo e se alicerçando um espaço de atitudes, práticas, de modos pensantes e de valores no ciberespaço das comunidades virtuais, oferecendo para o debate coletivo um campo de prática mais aberto, mais participativo, mais distribuído em relação às mídias convencionais.

É na formação das comunidades virtuais que os cibercidadãos se organizam e lutam pelos seus direitos e suas aspirações. As organizações virtuais expandem suas redes por todo o mundo, legitimadas pelas discussões em listas de assuntos espalhados pelos sites comunitários, baseando-se em temas comuns que reorganizam o pensamento na cultura digital.

Moraes descreve o que representam para ele as comunidades virtuais:

[...] uma forma de reviver a democracia, não enquanto substituição da democracia representativa por meio do voto, e sim para organizar grupos de conversação, plebiscitos indicativos, consultas sobre distintos temas, proporcionar informações à população. (MORAES, 1998, p.4)

Portanto, as comunidades virtuais encontram na internet um meio de organização apropriada para seus protestos, suas reivindicações, e dispõem de espaço necessário para estabelecer grupos das mais diversas opiniões e trabalhos. A internet não é apenas um aspecto da tecnologia; por isso, converteu-se em instrumento indispensável para as comunidades virtuais, que surgem em grande número na sociedade em rede.

Com participação neste contexto, as escolas também se incluem nestas comunidades virtuais, desenvolvendo projetos na internet, organizando-se e criando novos campos de aprendizagem e produção de forma colaborativa na educação.

No ciberespaço, a aprendizagem padrão é substituída por um novo conceito, o do fazer de forma autônoma, participativa e interativa. O ciberespaço é um espaço onde se coopera mutuamente, formando um ambiente de reflexão coletiva, onde todos os conhecimentos são construídos e compartilhados de forma interativa entre os indivíduos. Pierre Levy concebe, assim, a Inteligência Coletiva.

Tanto quanto a pesquisa utilitária de informação, é essa sensação vertiginosa de mergulhar no cérebro comum e dele participar que explica o entusiasmo pela internet. Navegar no ciberespaço equivale a passear um olhar consciente sobre a interioridade caótica, o ronronar incansável, as banais futilidades e as fulgurações planetárias da inteligência coletiva. (LEVY, 1996, p. 117).

Segundo Levy (1998, p. 28), a inteligência coletiva “é uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências”. É, portanto, impossibilitada de pensar a aprendizagem de forma isolada, pois promove ambientes em que a inteligência está presente em todas as partes, construída coletivamente e de forma reflexiva.

5 - A cibercidadania e as novas práticas pedagógicas

A educação, no contexto escolar, modificou-se com a chegada da internet. O método de ensino expande-se além da escola, ultrapassa suas fronteiras, pois a troca de informações e a comunicação promovem uma forma de educação mais flexível e colaborativa, baseada na construção da aprendizagem.

A internet possibilita à educação uma ilimitada diversidade de informações, e uma ampla capacidade de comunicação. Isso é permitido através de sua potencialidade, que transforma este processo construtivo do conhecimento em uma ação coletiva e social baseada na ação da comunicação. Utilizando a internet, os alunos podem interagir com bibliotecas, museus, em sites diversos, além de criarem mecanismos sociais de interação, construções e produções coletivas e em rede, participando de debates e discussões. Os meios de comunicação passam a fazer parte da escola.

[...] como um elemento carregado de conteúdo (e não apenas como instrumento), como representante (talvez principal!) de uma nova forma de pensar e sentir, que começa a se construir, no momento em que a humanidade começa a deslocar-se de uma razão operativa para uma nova razão, ainda em construção, porém baseada na globalidade e na integridade, em que realidade e imagem fundem-se no processo. (PRETTO, 1996, p. 115).

Através do ciberespaço e o acesso à informação, o cotidiano escolar passa a ter novo destaque, com as possibilidades oferecidas pela web. Esse acesso tem grande representatividade, pois permite o contato com as informações apresentadas na forma de imagens, sons e hipertextos. Estes são blocos autônomos de textos que associam entre si diversos elementos e propiciam ao leitor escolher seu percurso, com ligações entre textos e outros objetos, tudo isso em diversos pontos da rede. As informações na web são oferecidas através de sites e das redes sociais.

A web tem sido alvo de críticas devido a sua ampla capacidade de informações e facilidade de acesso, sobre a qualidade e quantidade de informações disponibilizadas aos e pelos usuários para navegar no ciberespaço, o que gera dúvidas sobre a veracidade do que está postado, além da questão sobre propriedade intelectual.

Quando bem aplicadas, essas possibilidades transformam-se em importantíssimos recursos para o processo de aprendizagem. Tomando o hipertexto como exemplo, é criado um ambiente construtivo de aprendizagem, pois todas as informações se apresentam de forma não linear e, assim, permitem ao aluno maior autonomia no desenvolvimento de suas habilidades em seu processo de construção dos conhecimentos.

Parte cada vez mais integrante da vida das pessoas, a tecnologia não pode se dissociar da educação, pois transforma a formação cidadã em cibercidadã; é importante e necessário a escola incluir-se e trabalhar neste processo, tornando-se base de mediação deste avanço tecnológico, que está incorporado na sociedade.

De forma democrática, a educação deve se colocar em relação aos novos conteúdos e conhecimentos, bem como saber interpretar as tecnologias contemporâneas. Assim, é necessária a preparação de seus professores para que se ocupem e enfrentem este novo caminho de forma natural, alinhado ao conhecimento prático e teórico, preparando e formando os alunos para o enfrentamento do mundo em que vivem.

Abaixo vemos a figura onde mostra a utilização das tecnologias na educação em escolas que não estão preparadas para utilizá-las ou que não tem profissionais preparados para sua utilização.



Figura 12 – Cartoon retratando as aulas com a “utilização” das tecnologias contemporâneas.

Então, faz-se necessário e muito importante o domínio dos professores das técnicas digitais em seus trabalhos. “Com isso podem exercer sua função com competência, a qual vai sempre elevar

sua visão crítica, proporcionar o domínio cada vez mais preciso das tecnologias já existentes em toda a sociedade e na sua escola” (PRETTO, 1996).

Com estas possibilidades os alunos e professores podem construir um maior entendimento e uma ampliação dos conhecimentos ante inovações cada vez maiores das tecnologias presentes em seus cotidianos.

Para as escolas, a internet viabilizou a transformação dos padrões curriculares e das metodologias para o exercício de uma nova aprendizagem e cibercidadania, na qual as informações podem ser transformadas em conhecimentos – o que até os dias de hoje a pedagogia não conseguiu realizar de forma eficiente na aprendizagem. No entanto, em razão das demandas da cibercultura sobre a sociedade, fica evidente que a escola pode repensar sua postura em relação a sua função como educadora e integradora de indivíduos.

Essa transformação tem um caráter irreversível, e apesar de estar ocorrendo de forma lenta – como, aliás, cremos que deve ser, pois precisa de um tempo de maturação dos novos processos –, à medida que a tecnologia avança e permite cada vez mais acessos às informações e formas de comunicação, através de novas formas interativas, reconhecemos, porém, que nas escolas ainda existem alunos vivendo e sendo educados de forma oral e primária, afastados destes contextos de interação, navegação e produção de conhecimentos de forma colaborativa e em rede.

Estas novas formas de interação são muito importantes para a formação da cidadania no tempo em que transforma o modelo padrão da comunicação e cria novas perspectivas para a cultura da informação, através dos indivíduos em suas atuações e interações. Segundo Silva (2001, p. 57), “Vivemos a transição do modo de comunicação massivo para o interativo”, e nesse formato comunicacional a participação do público através das tecnologias de interação ganha uma nova característica ao sair de receptor para participante, transformando-se em interagente do processo de construção dos conhecimentos.

Um novo cenário comunicacional ganha centralidade. Ocorre a transição da lógica da distribuição (transmissão) para a lógica da comunicação (interatividade). Isso significa modificação radical no esquema clássico da informação baseado na ligação unilateral emissor-mensagem-receptor: o emissor não emite mais no sentido que se entende habitualmente, uma mensagem fechada, ele oferece um leque de elementos e possibilidades à

manipulação do receptor. A mensagem não é mais “emitida”, não é mais um mundo fechado, paralisado, imutável, intocável, sagrado, ela é um mundo aberto, modificável na medida em que responde às solicitações daquele que a consulta. (SILVA, 2001, p. 57).

Através desta transição na comunicação, a escola sofre interferências. Todo o processo de aprendizagem utilizado até então baseado na transmissão professor-aluno vai agora adquirir um caráter construtivo, de contribuição mútua entre professores e alunos, e passa a ser construído ao invés de adquirido. Através dos recursos que a web oferece aos alunos, eles passam a interagir no desenvolvimento de atividades de produção e discussão coletiva, auxiliando no processo de construção dos conhecimentos.

Estas funcionalidades vão permitir modalidades de educação a distância, estrutura de acompanhamento escolar via rede e orientação on-line aos alunos, conectando-se a outras escolas, interagindo assim, com outras instituições que adotam o mesmo modelo.

Diante destas novas práticas, a aprendizagem pode acontecer pela web e redes sociais de forma assíncrona, ou pelas teleconferências, chats etc., de forma síncrona. Mas a característica marcante que viabiliza a utilização desses recursos e de forma importante é a grande capacidade de interação. Através dela há o surgimento de uma nova forma de aprendizado mediada pela interação disponível dos ambientes de aprendizagem.

Com o objetivo de formar cidadãos, o processo educativo passa a ser pautado no desenvolvimento de atuar na sociedade da informação, através da aquisição de habilidades cidadãs, transformando-os em cibercidadãos. Fundamentando-se na aprendizagem colaborativa, a nova prática docente valoriza as relações entre os sujeitos do processo de construção dos conhecimentos, passando a haver aquisição de significado pelo aluno. Isto porque essa prática o estimula, e o aluno vai então conceber ou solucionar novos problemas, e será preparado para conviver e atuar na comunidade em que vive.

Através do desenvolvimento de projetos educativos, as escolas passam a interagir em sua comunidade, assimilando novas culturas e divulgando-as em outras comunidades.

Atualmente, nos deparamos com uma sociedade baseada em seu contexto nos novos meios de comunicação digitalizada, os quais vêm norteando o desenvolvimento educacional. A função da escola não é transmitir e sim reconstruir as culturas e os conhecimentos experienciais como maneira de entender a expectativa entre os processos de socialização, em termos de transmissão da cultura hegemônica e o aparecimento de propostas criativas e críticas para a formação do indivíduo. Acredita-se que a educação merece ser transformada, mas também se entende que esta transformação não implica que a sociedade a acompanhe. Considerando a educação como investimento da pessoa em si mesma, é preciso dizer que embora o acesso e o êxito individual na escola não assegurem nada por si só, no entanto sua ausência o faz em sentido contrário. (PRETTO, 1996, p.123).

Propostas criativas como as de rádio web nas escolas permitem a transformação e a aquisição de novos conceitos, atuando na formação de cibercidadãos.

Sendo assim, projetos como os de rádios web permitem aos alunos, professores e escola o desenvolvimento de projetos mais pluralistas, mostrando as realidades das comunidades locais onde as escolas estão inseridas, proporcionando uma amostragem de suas culturas, refletindo suas pluralidades e aproximando-as, assim, mais de suas comunidades.

Quando se aproximam de suas realidades e tomam conhecimento de seus problemas, adquirindo assim criticidade, tornam-se cidadãos de direitos. Ao serem inseridos na web passam a criar alternativas e se fortalecem na dimensão cibercidadã, exercendo sua cibercidadania de forma participativa e interativa entre si e com outras comunidades.

6 - A cibercidadania na rádio web

Com o passar do tempo, a comunicação adquiriu múltiplos e amplos significados, proporcionando assim novas maneiras e também novas visões de comunicação. A internet, como meio, viabilizou a unificação da massividade, que busca orientar o indivíduo em termos de igualar as reações e oportunidades e a interatividade. A rádio web possibilita a inovação e atua de forma democrática, preservando os princípios comunicativos e socializando os diferentes meios.

A rádio web ultrapassa, em muito, as limitações do rádio tradicional, que se comunica por transmissão, em uma única direção e totalmente sem interação. Ao contrário, a internet permite a

construção colaborativa, a rádio web possibilita um nível muito grande de interação com o uso combinado de várias tecnologias já citadas anteriormente.

A transição do sistema analógico para o digital e a sua difusão na web pressupõe a ruptura de fronteiras locais, regionais e nacionais para ter acesso ao meio desde qualquer parte do mundo (URIBE, 2006). O aparecimento do rádio no ciberespaço permite a qualquer computador conectado à rede alcançar os seus sinais.

O rádio, com a web, diversificou os seus serviços, conteúdos e suas emissões, dando um ritmo diferente do tradicional e do modo linear amplamente conhecido, tornando possível o seu ingresso também nas instituições e principalmente em projetos escolares.

Projeto de rádio web na escola torna-se um veículo simples, usado pelos alunos e professores para criarem materiais em variados programas, levando o conhecimento para fora da escola. A web rádio, como metodologia, estimula o trabalho em grupo, a cooperação, a criatividade efetiva, a relação entre prática e teoria, formando assim cibercidadãos em pleno exercício de seus direitos e deveres.

Cabe ressaltar, porém, que os direitos dos cidadãos estão relacionados aos processos de democratização da sociedade, e esta ampliação está condicionada em especial ao uso de forma democrática do rádio web.

A partir do entendimento sobre o conceito de cidadania que se introduz a discussão sobre a rádio web nas escolas, pois depende do grupo social em que está incluído e de como este meio comunicacional será orientado e trabalhado, sabemos ao certo que este poderá ser um elemento muito importante para a construção de mecanismos de formação cidadã, e, inserido na internet, poderá ser transformado em cibercidadania.

Assim, entende-se que toda aprendizagem precisa ter significados, estar relacionada ao universo dos alunos e de quem participa do processo, permitir formulações de problemas e questões de relevância em seu dia a dia e em sua comunidade, favorecendo, assim, uma reflexão entre teoria e experiência pessoal, e entre seus problemas de diversas naturezas.

Os alunos participam do processo de aprendizagem, de colaboração e de criação de novos conhecimentos ampliando seus horizontes reflexivos, tornando-os sujeitos, modificando de forma significativa as relações na escola, em sala de aula e com o professor. Este passa a ser entendido como facilitador da aprendizagem, um colaborador de conhecimentos, ajudando os alunos a gerir informações e articulá-las conforme seus objetivos.

Neste contexto educacional, o professor deixa de deter o saber, de transmitir informações e passa a criar juntamente com os alunos de forma colaborativa, organizando estratégias para que os alunos sejam os sujeitos no processo de construção do saber. A partir desta postura, a aprendizagem torna-se contínua e aberta para modificações e, conseqüentemente, faz alunos e professores repensarem seus atos e decisões de projetos comuns de ação integradora, possibilitando novas práticas na escola e na comunidade.

Uma visão mais contemporânea da educação deve propor um encorajamento para discutir as divergências e assim permitir um pensamento mais criativo dos alunos e um estímulo à participação de diferentes contextos, como por exemplo, nas diferentes disciplinas, e o rádio torna-se fundamental neste processo.

A escola tem uma função mediadora entre a cultura hegemônica da comunidade social e as exigências educativas de promoção do pensamento reflexivo. (...) A escola deve questionar a qualidade das influências recebidas em cada cenário social particular e procurar um clima de convivência que facilite os processos de reconstrução. (GOMES, 1997, *In AZEVEDO*, 2009, p. 07).

Entende-se o rádio, então, como elemento que propicia diversas experiências educativas e transformadoras, que podem modificar o ambiente da escola, trazendo outro significado às relações e aos ambientes de convivência, trazendo à tona um cidadão mais autônomo, consciente e participativo.

Segundo Pretto (1996), o não acompanhamento das mudanças educacionais com a introdução das tecnologias na educação causa uma paralisação no tempo, não se enriquece pedagogicamente; deixa-se de construir com sua escola novas idéias com novos recursos didáticos tecnológicos que

proporcionariam aos alunos, professores e comunidade o gosto pela aventura de novos conhecimentos.

Com a abertura e a oportunidade de construir na educação uma nova proposta pedagógica de comunicação, torna-se mais fácil o engajamento tecnológico nos estabelecimentos de ensino, porque é na escola que também aprendemos a lidar com situações da vida cotidiana.

Todavia, se tivermos na escola a oportunidade de ter por perto uma estrutura dinâmica e modernizada que atenda às necessidades para uma melhor comunicação, boa parte das dificuldades de ensino e aprendizagem e qualificação para utilização dos novos meios tecnológicos poderão ser facilmente sanadas. Os indivíduos sairão da escola com uma qualificação melhor e mais bem preparados para enfrentar as novas problemáticas sociais e culturais instaladas ao longo dos anos.

Por isso, considera-se importante que a escola tome a iniciativa de inserir em sua proposta escolar experiências tecnológicas digitais e de comunicação, como a implantação de rádios web em seus computadores, que permitam ao corpo docente e discente da instituição o processo pelo gosto, pela ação do fazer e conhecer novas informações, construindo, desta forma, os seus conhecimentos.

Este processo promove crescimento e amadurecimento; faz com que as ações transformem-se, cada vez mais, em mudanças concretas na nossa sociedade, convertendo o aluno em cidadão, e na internet, através da rádio web, em cibercidadão. Para isso, é necessário que, através do debate, da reflexão e produção coletiva de saberes, da ética e da estética, educadores, alunos, dirigentes, professores, conscientes de seus relativos papéis, possam ampliar suas malhas, conclamando desejos e ações da sociedade em geral e dos poderes públicos em torno de objetivos e metas transformadoras de nossa sociedade, gerando transições sociais, educacionais e tecnológicas.

É através destas transições sociais, educacionais e tecnológicas que os alunos descobrem, por meio de práticas, onde se inserir em suas comunidades, com suas produções culturais. Expõem suas idéias e descobrem novas maneiras de compreender o seu papel como interlocutores de seu processo. Nos projetos de rádio web, em particular, esses alunos criam, de forma coletiva, seus programas e os mostram ao mundo.

7 - Produção cultural na rádio web

Atualmente, já é muito expressiva a produção no campo da relação comunicação e juventude, principalmente em uma linha crítica e/ou voltada à educação para as mídias em rádio web. A produção cultural dos alunos com o trabalho em rádio web permite um aprendizado capaz de modificar os elementos formadores da criticidade, transformando esses alunos em cidadãos com posições firmes e sólidas.

O aluno, produtor de informação e cultura, entremeado com a utilização de mídias contemporâneas, encontra-se no centro nervoso de suas inquietações, e assume o papel de gerador de idéias e conceitos que serão transmitidos a outros jovens e a outras pessoas. O veículo midiático, como a rádio web, possibilita esta linguagem, e os jovens criam materiais que simbolizam seus questionamentos, suas conclusões e conduz a uma interação com a vida de forma mais direta. A evolução tecnológica trouxe maior interação entre as pessoas, e proporciona, de forma rápida, entendimento do processo de aprendizagem. A estas mudanças tecnológicas e culturais acrescenta-se a introdução de interação entre os conceitos que os jovens estudam, transfigurando o cenário das comunicações da última década. Esse conceito associa-se ao conceito de imaginação, que claramente se insere, ou procura se inserir, em um plano mais complexo, filosófico, para muito além da técnica ou do mercado, usualmente associados a ele.

A discussão entre compreensão e imaginação refere-se, centralmente, na premissa de Vigotski (1998, p. 128) de que a imaginação não se opõe ao conhecimento da realidade, mas afirma que “a imaginação é um momento totalmente necessário, inseparável, do pensamento realista”. Estas idéias contribuem, também, para uma concepção emancipatória do papel do afastamento da realidade que se dá na brincadeira imaginativa, inclusive aquela estimulada pela ficção literária ou midiática. As possibilidades de se fazer as coisas com liberdade que aparecem na consciência do homem ligam-se, de forma íntima, à imaginação.

Apresenta-se aí uma crítica à visão da essência da infância, a idéia da existência de uma essência do ser criança, que não dependa das relações sociais e culturais que estão ao seu redor. Essa crítica alimenta-se, também, de como a compreensão da atividade de escutar rádio, por exemplo,

tenha consistência de produções de múltiplos significados nas mediações culturais que as rodeiam.

As relações entre linguagem e interação social nos jovens compreendem a intertextualidade midiática onde se dá grande parte das suas experiências culturais, no tempo em que os jovens atuam. Este tempo, em que as experiências vivenciais fornecem um aprendizado de suas culturas e proporcionam assim a construção de conhecimentos, fornece também um aprendizado entre homem e existência como ser criativo, cultural e dinâmico.

8 - A web no seu tempo

Elias (1998) afirma que todo indivíduo, por maior que seja sua contribuição criadora, constrói a partir de um patrimônio do saber já adquirido, o qual ele contribui para aumentar, o que não é diferente no que diz respeito ao conhecimento do tempo. O conceito de tempo não nos leva a uma cópia de um caminho com um objetivo existente nem de uma forma de experiência comum à humanidade e anterior a qualquer contato com o mundo.

O autor mostra que a classificação do tempo como marcação de datas e determinações não se concebe a partir de uma forma representativa que supostamente divide o mundo e o classifica em sujeito e objeto.

Ela repousa, simultaneamente, em processos físicos, não importando que sejam moldados pelos homens ou independentes deles e em observações capazes de abarcar, de reunir numa síntese conceitual aquilo que se apresenta numa sucessão, e não como um conjunto. Não são o homem e a natureza, no sentido de dois dados separados, que constituem a representação cardinal exigida para compreendermos o tempo, mas sim os homens no âmago da natureza. (ELIAS, 1998, p.12)

Se pensarmos complexamente o tempo, é necessário traçar uma relação com o homem e sua existência, sendo importante reconhecer que a tecnologia digital fornece uma informação onde não há uma linearidade do tempo. Considera a humanidade, dentro do tempo individual e coletivo, construído por ela própria, ampliando todos os conhecimentos que adquire e adaptando a tecnologia a seu favor.

Refletindo sobre o rádio, deve-se considerar não as emissoras web ou a informação que será levada ao ar, mas a convivência do processo dentro da escola com um contexto de redes, que estabelece uma nova relação com o tempo das informações que se transformam em conhecimentos disponibilizados na rede.

Conforme mostramos na figura abaixo, percebe-se que a internet tem um alcance em tempo em todo o mundo, possibilitando que as pessoas trabalhem se comuniquem e criem, o tempo passa a ser comensurado de forma diferenciada.



Figura 13 – Ilustração do alcance em tempo real da internet pelas pessoas no mundo.

Quando dialogamos com as mudanças oferecidas pela tecnologia, a educação transforma o suporte e adapta conteúdos, busca a segmentação, deixando de lado somente o entretenimento e assume novos conhecimentos. Mas qual tem sido o tempo da educação no rádio web?

Do ponto de vista de Cunha (2004), atualmente os suportes digitais atualizam permanentemente a educação, a informação, e conseqüentemente o conteúdo em rede, podendo transmitir tudo em tempo real, mantendo todo o conteúdo transformador e construtor de conhecimentos, gerando um local de expressão, participativo e de difusão de idéias. “O tempo e espaço assim deixam de ser barreira, pois é possível ouvir uma rádio na web de qualquer lugar do planeta, no momento em que mais interessar.” (CUNHA, 2004, p.12)

9- A expressão se manifesta

A educação dentro da rádio web transforma-se em um espaço dialógico e aberto e rompe toda a hierarquização do saber dentro de uma escola, implantando ecossistemas educativos e criativos. Segundo Hermans (2004) o diálogo se relaciona intimamente com o espaço. O que pode ser entendido como troca de informações entre posições em espaços imaginários ou reais é um diálogo. O diálogo entre ele próprio e o sujeito só terá lugar quando imaginado em um espaço no qual os diferentes participantes se posicionam em relação uns aos outros.

A construção dos saberes dentro da rádio web é coletiva, construindo assim o diálogo como parte fundamental do processo criativo.

Segundo Faiga Ostrower (1983), a natureza criativa do homem:

[...] se elabora no contexto cultural. Todo indivíduo se desenvolve em uma realidade social, em cujas necessidades e valorações culturais se moldam os próprios valores da vida. No indivíduo confrontam-se, por assim dizer, dois pólos de uma mesma relação: a sua criatividade que representa as potencialidades de um ser único, e sua criação que será a realização dessas potencialidades já dentro do quadro de determinada cultura. Assim, uma das idéias básicas do presente livro é considerar os processos criativos na interligação dos dois níveis de existência humana: o nível individual e o nível cultural. (OSTROWER, 1983, p. 87)

O conhecimento e a tecnologia dialogam e dão aos alunos, professores e comunidade oportunidades de reflexão e de novos conhecimentos, exercitando assim a cibercidadania.

A seguir, elencamos alguns ganhos (dentre muitos) resultantes da integração educativa destas tecnologias inseridas no contexto escolar. São eles: o incentivo à leitura e a produção de material para disponibilização nos episódios; a ampliação da capacidade comunicativa dos alunos e da reflexão crítica; a proposta de pesquisa, seleção e síntese de informações; a oportunidade de discussão de temas transversais do currículo; a excelente oportunidade de um aprendizado colaborativo e cooperativo; a utilização das TIC na educação; a difusão da produção para a comunidade e o mundo; a redução das distâncias e o auxílio no crescimento cultural; a troca de conhecimentos entre os professores, alunos e comunidades; a introdução de novos conhecimentos e intercâmbio na produção e difusão dos conteúdos; a mudança significativa na maneira de o professor trabalhar com os alunos na escola, deixando de ser o centro da informação e se tornando um mediador.

Ao reconhecermos o sistema comunicativo dentro da escola, em seu ambiente leva-se em consideração que a educação formal pense na comunicação. A partir daí, o rádio web passa a ser decisivo na criação de vínculos e na aprendizagem escolar.

É através da web, um espaço virtual que se apresenta, fazendo com que se pense de forma abstrata, a princípio possibilitando a afloração da criatividade nos meios escolares, que o processo de construção se apresenta especial e dialético.

O rádio web contribui para uma formação mais dinâmica e totalmente atualizada, intermediada em um processo construtivo, gestor participativo com todos os envolvidos, alunos, professores e comunidade. A escola passa a ser um pólo mediador, reflexivo, que motiva e torna possível a expressão e a cibercidadania.

Há, porém, um alerta em relação aos projetos de rádio web. O fato de os conteúdos e a programação da rádio na internet estar disponibilizados não garante o aprendizado dos alunos nem a possibilidade de que um projeto em rádio web seja vitorioso, ou que dê absolutamente certo. É muito importante que os recursos tecnológicos estejam integrados com os conteúdos trabalhados nas escolas e nas próprias rádios, para que se possa, verdadeiramente, proporcionar alternativas de aprendizagem aos alunos.

CAPÍTULO V – LONGE É UM LUGAR QUE NÃO EXISTE?

Se desejarmos saber como as pessoas se sentem – qual sua experiência interior, o que lembram, como são suas emoções e seus motivos, quais as razões para agir como o fazem – por que não perguntar a elas?

G. W. Allport

Este capítulo finaliza o trabalho relatando a pesquisa desta Dissertação. Falamos de uma realidade próxima, porém distante, em uma periferia esquecida e que gera normalmente fabulosos frutos entre os seus. A realidade desta pesquisa está longe dos grandes centros, e, portanto, à margem de suas descobertas.

A preocupação central desta pesquisa foi saber como os alunos da Escola Comunitária Luiza Mahin, em parceria com a Casa da Juventude / Reprotai receberiam um projeto de rádio web a partir de sua implantação, em que poderiam trabalhar, discutir e criar conjuntamente com o mundo tudo o que quisessem, ou que achassem necessário, através de suas realidades.

1 – Sobre a metodologia

Em uma pesquisa, segundo Selltiz, as escolhas de como se observa ou como se coletam os dados tornam-se científicas na medida em que: servem a um objetivo formulado pela pesquisa; são sistematicamente planejadas; são sistematicamente registradas e ligadas a proposições mais gerais; e são submetidas a verificações e controles de validade e precisão (SELLTIZ *et al.*, 1975, p. 225).

Assim, é necessário definir onde se quer chegar com a pesquisa, quais os passos para realizá-la, garantir a coerência entre os objetivos da pesquisa, sua fundamentação teórica e suas formas de observação, e checar se as formas de pesquisa foram válidas e precisas no que procuravam.

Esse roteiro para a garantia científica de uma forma de coleta de dados pode ser também considerado para a escolha da técnica a ser adotada na pesquisa. A existência de várias possibilidades de escolhas, por si só, já cria uma dificuldade inicial para qualquer pesquisador. (SELLTIZ *et al.*, 1975, p. 225)

Portanto, a escolha da técnica de pesquisa depende inicialmente do objetivo anunciado da pesquisa, da maneira pela qual se executará seu planejamento, das condições dos registros dos resultados e vinculação a enunciados fundados em uma teoria, e, por fim, da possibilidade de checar a validade e precisão das informações recolhidas.

Este roteiro será utilizado e viabilizará a descrição dos fundamentos metodológicos, dos aspectos referentes à coleta e análise de dados da escola a ser pesquisada e da estrutura de análise.

2 - Abordagem e pressupostos

De acordo com Burrell e Morgan, a pesquisa social deve ser feita a partir da adoção de pressupostos no que se refere à natureza do mundo social e do modo como este será investigado. O pesquisador deve estipular pressupostos sobre os aspectos ontológicos do fenômeno a ser estudado, a natureza epistemológica do fenômeno, a natureza humana e especialmente a sua relação com o ambiente e, por fim, a natureza metodológica com a qual o fenômeno será tratado. (BURRELL; MORGAN, 1982, p. 1-3)

Assim, em termos ontológicos este trabalho investigará um tipo específico de escola, a Escola Comunitária Luiza Mahin. Esta escola insere-se no sistema público de ensino e busca trabalhar seus alunos com valores sociais, políticos e culturais de sua comunidade. A intenção deste estudo é investigar a implantação de uma rádio web em seus domínios e como, se dá, ou não, a formação cidadã de seus alunos. Espera-se ao fim do estudo compreender melhor o funcionamento desta rádio neste tipo de escola.

Os processos de aprendizagem a serem estudados figuram entre os acompanhados pelas ciências sociais aplicadas. De acordo com as abordagens escolhidas para o direcionamento deste estudo, a revisão teórica evidenciou que os processos de aprendizagem são socialmente construídos e institucionalizados. “Nesta visão, os indivíduos envolvidos criam suas próprias realidades a partir da interação com o ambiente, que também é criado pelos mesmos indivíduos.” (MORGAN; SMIRCICH, 1980, p. 494) e (MATURANA; VARELA, 2001, p. 31)

Em bases epistemológicas, a abordagem solicitada deve abrir espaço para a verificação de conhecimentos mais relacionados à experiência dos indivíduos pesquisados – a Escola Comunitária Luiza Mahin –, em detrimento de uma abordagem que se preocupe com sua

realidade externa. Assim, as abordagens estritamente positivistas de pesquisa foram descartadas a priori porque tendem a estudar os eventos humanos e sociais em busca de regularidades e verdades absolutas. Tais procedimentos podem ser indicados para fenômenos típicos da natureza, mas não para os estudos dedicados às realidades sociais complexas.

Esse estudo adotará a abordagem fenomenológica de pesquisa como a mais propícia aos seus propósitos. “Na fenomenologia, identifica-se que a essência do Homem é diferente da essência da Natureza, merecendo, portanto, formas diferentes de investigação daquelas utilizadas para o estudo dos fenômenos naturais. Para a fenomenologia, indivíduo e objeto devem ser estudados a partir da interação que ocorre entre eles” (CHAUÍ, 1999, p. 124). Tal definição é importante por também indicar a natureza interativa da relação entre o indivíduo e seu ambiente.

Na fenomenologia, por conta dessa interação o observador é parte do observado e deve atentar para a totalidade da situação estudada. Em sua pesquisa, o observador deve formalizar as interpretações dessa situação, desenvolvendo suas idéias a partir da indução (EASTERBY-SMITH *et al.*, 1999, p. 27). Conforme Burrell e Morgan, buscar a compreensão da realidade a partir do Interpretacionismo significa tentar entender o mundo como ele é a partir das experiências subjetivas dos agentes envolvidos na situação estudada. (BURRELL; MORGAN, 1982, p. 28)

A seguir, veremos os aspectos relacionados ao método desta pesquisa.

3 - Método da pesquisa

De acordo com Coltro, a abordagem fenomenológica “... utiliza-se fartamente de relatos descritivos das características do fenômeno em estudo; porém não de forma passiva, mas por uma reflexão que permita interpretar tais relatos, objetivando pôr a descoberto as características, as categorias, os sentidos menos aparentes, aqueles mais fundamentais do fenômeno” (COLTRO, 2000, p. 42). Os fatos, nesta abordagem, são descritos a partir da reunião dos dados a eles relacionados, devendo ser compreendidos, e não acumulados. A descrição serve então como etapa de aproximação do fenômeno estudado, que será submetido à análise/interpretação, para que seja compreendido de nova forma.

Os estudos realizados sob essa linha metodológica normalmente são feitos a partir de pequenas amostras, que, têm, porém, uma investigação profunda e/ou ao longo do tempo. Tais métodos apresentam certas dificuldades, em alguns casos, com a demora na coleta de dados e a variedade de fontes de informações, bem como a pouca uniformidade dessas informações. Contudo, através da abordagem fenomenológica é possível examinar processos de mudança ao longo do tempo, viabilizando o ajustamento da pesquisa às novas questões e idéias surgidas durante os levantamentos. (EASTERBY-SMITH *et al.*, 1999, p. 32)

Entretanto, por lidar com conceitos como conhecimento, educação e comportamento, que são abstratos, entre outros, é importante na pesquisa recorrer à opinião das pessoas em relação ao que é pesquisado, seguindo, portanto, a lógica do construcionismo social interpretacionista.

O ponto inicial da pesquisa qualitativa é constituído pelas "... questões ou focos de interesses amplos, que vão se definindo na medida em que [*sic*] o estudo se desenvolve. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo" (GODOY, 1995, p. 58). Para Godoy, aparecem ainda como características importantes da pesquisa qualitativa o seu caráter descritivo, o enfoque indutivo para a análise dos dados e o papel do pesquisador como instrumento na busca do significado que as pessoas dão às coisas. (GODOY, 1995, p. 62-63)

A realidade da rádio web implantada na Escola Comunitária Luiza Mahin – unidade de análise deste trabalho – é praticamente desconhecida em termos de seu funcionamento e gestão. Por esta razão, a pesquisa realizada objetivou o desenho das características básicas de rádios web estudadas e dos eventos que marcaram sua história, sendo, portanto, descritiva.

Cabe, com respeito aos aspectos do método deste trabalho, uma referência aos estudos de caso. Para Yin, os estudos de caso constituem uma estratégia de pesquisa. O autor define o estudo de caso como "... investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos". Segundo Yin, os estudos de casos se aplicam quando da necessidade de compreensão de fenômenos sociais complexos. (YIN, 2001, p. 32)

De acordo com Yin, o estudo de caso “... enfrenta uma situação tecnicamente única em que haverá muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados. Por conta disso, o estudo de caso baseia-se em várias fontes de evidências, com os dados precisando convergir em um formato de triângulo, e também se beneficia do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir a coleta e a análise de dados” (YIN, 2001, p. 32-33). Com tais características, o estudo de caso aproxima-se do desenho das pesquisas qualitativas.

Conforme Flick, a triangulação é “... utilizada para indicar a combinação de diferentes métodos, grupos de estudo, ambientes locais e temporais e perspectivas teóricas distintas no tratamento de um fenômeno” (FLICK, 2004, p. 237). Flick ainda assinala que, em um primeiro momento, a triangulação foi empregada para validar resultados alcançados com métodos individuais, mas, depois, o foco de seu uso deslocou-se para o objetivo de enriquecer e completar o conhecimento (FLICK, 2004, p. 238).

4 - Amostra e população

A unidade de análise desta pesquisa é a Escola Comunitária Luiza Mahin, uma escola pública que funciona em dois períodos (matutino e vespertino) no bairro do Uruguai, em Salvador. Esta escola desenvolve educação fundamental para crianças da comunidade e para o entorno. Embora pública esta escola funciona de forma diferenciada, resgatando a autonomia e auto-estima de sua comunidade e tem como diferencial de trabalho cidadão a rádio web, que é nosso objeto de pesquisa.

Da população das escolas contempladas pelo Projeto RIPE a Escola Comunitária Luiza Mahin se destaca por ser comunitária, e, portanto, independente para descrevermos a pesquisa. As pessoas entrevistadas são professoras, coordenadoras, alunos e alunas, além da diretora, todos e todas moradores da comunidade. Os dados obtidos no levantamento, bem como as entrevistas realizadas e os questionários aplicados permitiram a apresentação da história da rádio web, assim como do contexto de sua implantação e desenvolvimento.

O histórico da Escola Comunitária Luiza Mahin e de sua localização, como também da Associação que a formou, estão neste capítulo, inseridas na pesquisa.

5 - Técnicas de coleta de dados e instrumentos

Segundo Lakatos, as técnicas são “... um conjunto de preceitos ou processos de que se serve uma ciência. São também as habilidades para usar esses preceitos ou normas, na obtenção de seus propósitos” (LAKATOS, 2001, p. 107). As técnicas devem dar sustentação à busca de dados para as pesquisas. Conforme a autora, as técnicas de coleta de dados podem ser de dois tipos: a documentação direta e a indireta. A documentação direta baseia-se no levantamento de dados no local em que os fenômenos acontecem. A documentação indireta pode ser realizada através da pesquisa de campo e/ou da pesquisa de laboratório. Conforme Lakatos, nos dois casos é possível utilizar técnicas de observação direta intensiva (observação e entrevista) e direta extensiva (questionário, formulário, medidas de opinião, p.e.). (LAKATOS, 2001, p. 43)

Lakatos explica as entrevistas como “... uma conversação efetuada face a face, de maneira metódica...”, “... que proporciona ao entrevistador, verbalmente, a informação necessária”. Segundo a autora, a entrevista pode ser estruturada, desestruturada ou através de painel (LAKATOS, 2001, p. 107). Nas pesquisas qualitativas, as entrevistas semi-estruturadas são aquelas mais utilizadas, existindo, no entanto, diversos tipos delas (focais, semi-padronizadas, centralizadas no problema, com especialistas e etnográfica). (FLICK, 2004, p. 89)

A documentação indireta utiliza fontes de dados recolhidos por outros materiais – elaborados ou não –, e divide-se em pesquisa documental (fontes primárias) e pesquisa bibliográfica (fontes secundárias). (LAKATOS, 2001, p. 43)

6 - Opções metodológicas da pesquisa

As opções metodológicas feitas nesta pesquisa foram pela qualidade de um estudo descritivo com aspectos qualitativos. O método de pesquisa foi o de estudo de caso enfocando a Escola Comunitária Luiza Mahin e sua rádio web, na qual se realizaram o levantamento e análise de dados através de fontes documental e bibliográfica e de pesquisas e entrevistas semi-estruturadas.

O primeiro passo da coleta de dados foi a pesquisa bibliográfica para buscar conhecimentos e informações já coligidos em outros estudos sobre as escolas do Projeto RIPE. O segundo passo foi a pesquisa documental que consistiu na busca de dados da própria escola em seus documentos internos ou de divulgação externa.

Este estudo de caso orientou-se também por uma análise documental – entrevistas de rádios, fanzines e jornais - em que a escola Luiza Mahin e a Casa da Juventude estiveram em foco. Esses documentos foram resgatados para embasar e ratificar determinadas idéias desenvolvidas ao longo deste trabalho, pois os documentos são importantes e fundamentam, como fonte de dados, afirmações, posições e declarações do pesquisador.

Após o levantamento documental, foram realizadas cinco entrevistas com alunos e coordenadores da escola pesquisada. As entrevistas foram feitas com o recurso de roteiros semi-estruturados com questões abertas cuja formulação baseou-se nas escolhas conceituais realizadas na parte teórica deste trabalho. Os questionários foram feitos a partir de perguntas já estabelecidas.

As entrevistas semi-estruturadas desta pesquisa aproximaram-se do tipo proposto por Flick: centralizadas no problema. Este tipo de entrevista utiliza um guia com questões e estímulos narrativos e orienta-se por três critérios: “a centralização no problema (ou seja, a orientação do pesquisador para um problema social relevante); orientação do objeto, isto é, que os métodos sejam desenvolvidos ou modificados com respeito a um objeto de pesquisa; e finalmente, orientação no processo de pesquisa e na compreensão do objeto de pesquisa” (FLICK, 2004, p. 100). As entrevistas foram gravadas e transcritas para que fosse possível a tabulação e análise das informações ali contidas.

Em uma entrevista semiestruturada, o pesquisador organiza as questões em torno do tema estudado, permitindo que o entrevistado fale livremente sobre os assuntos que vão sendo abordados pelo entrevistador. Dessa forma, esta metodologia foi adequada para esta pesquisa, e conseguiu estabelecer um diálogo contínuo e interativo com os membros da escola sobre suas experiências com as mídias digitais, uma vez que deu voz à comunidade escolar para expor sua compreensão acerca do que seja fazer parte de uma escola inserida em um mundo mediado pelos dispositivos tecnológicos educacionais que vêm possibilitando apropriações múltiplas.

Na Escola Comunitária Luiza Mahin foram entrevistados dois coordenadores do turno matutino e vespertino da rádio, que são jovens de destaque e lideranças naturais, a Diretora e duas Coordenadoras, uma pedagógica e uma da Casa da Juventude. No GEC foi entrevistado um bolsista que ajudou a implantar e ajudar na parte técnica da rádio web. Cabe aqui ressaltar que um bolsista do GEC e a coordenadora do Projeto RIPE, também integrante do GEC, não deram

as entrevistas solicitadas, deixando uma lacuna na pesquisa.

Os questionários, a princípio, tendem a ser um processo menos trabalhoso que o da entrevista; exigem menos habilidade em sua aplicação do que numa entrevista, sendo por vezes enviados pelos correios ou internet. Quando entregues pessoalmente, requerem um mínimo de explicação. Além disso, há a facilidade de serem aplicados a um grande número de pessoas ao mesmo tempo. Outra vantagem dos questionários é o anonimato dos entrevistados, que se sentem livres para expressar suas opiniões.

Os questionários aplicados foram organizados em três partes. A parte 1 possui perguntas direcionadas especificamente aos gestores (Diretora da Escola, Coordenadora da Escola e Coordenadora da Casa da Juventude); na parte 2, há perguntas para o Tutor e os alunos de cada período; a parte 3 contém perguntas para os professores de cada período.

Adicionalmente, cabe salientar que a escolha destas técnicas de levantamento de dados orientou-se também pela facilidade de acesso às informações, bem como pela, a princípio, pronta disponibilidade dos entrevistados vinculados à escola.

7 - Análise

Os dados obtidos a partir dos diferentes levantamentos receberam o seguinte tratamento: na pesquisa bibliográfica foram lidos os principais autores vinculados aos temas da dissertação. O objetivo foi selecionar os conceitos utilizados na análise dos dados e elaborar a conclusão.

A seguir, estabeleceu-se uma estratégia analítica baseada em proposições teóricas, ou seja, fundada nas questões que levaram à formulação dos estudos de caso (YIN, 2001, p. 133). Nesta dissertação, tratou-se de conhecer o percurso histórico da mídia e educação, assim, como a utilização crítica e criativa das TIC nas escolas, com a introdução da rádio web, aumentando as possibilidades na formação da cidadania. Desta maneira, os dados relativos à pesquisa documental foram compilados para facilitar a identificação e localização no tempo de ações potencialmente importantes para o início de processos de aprendizagem, através da rádio web, na escola pesquisada.

Após a compilação, os dados relativos à pesquisa documental auxiliaram na elaboração do roteiro

das entrevistas e questionários, e em sua condução. A compilação concretizou-se através da organização da linha do tempo (com os principais fatos vinculados à escola) e de tabelas contendo dados sobre as atividades da implantação e produção da rádio web, quantidade de pessoas atuantes, organograma da escola e do Projeto RIPE, e outras informações relevantes.

Com a demarcação inicial, foram realizadas as entrevistas. A prioridade das entrevistas foi obter o seguinte conjunto de informações:

- 1 – O levantamento histórico da escola;
- 2 - As opiniões a respeito da utilização das TIC através da rádio web na escola e de como ela interage no contexto escolar, na criatividade e formação cidadã dos alunos;
- 3 – A descrição da implantação da rádio web na escola, para perceber se houve mudanças, bem como a análise das produções colaborativas entre os alunos.

No referente às entrevistas, uma vez transcritas, procedeu-se a uma análise de seu conteúdo. Conforme Lakatos, a análise de conteúdo “... levam em consideração as significações (conteúdo), sua forma e a distribuição desses conteúdos e formas. Lida com mensagens (comunicação) e tem como objetivo principal sua manipulação (conteúdo e expressão)”. (LAKATOS, 2001, p. 29)

Já para os questionários, as prioridades para obtenção das informações com perguntas aos gestores, professores e alunos foram as seguintes:

- 1 – Descrição da implantação da rádio web na escola;
- 2 – Se houve mudanças significativas na escola e na formação cidadã dos alunos;
- 3 – Análise das produções colaborativas dos alunos.

Quanto aos questionários, houve, também, uma análise de seu conteúdo. Segundo Sellitz et al. (1975, p. 268), a partir do momento em que as pessoas têm um tempo maior para preenchimento de um questionário “pode considerar cada aspecto cuidadosamente, em vez de responder com o primeiro pensamento que lhe ocorra, que é o que frequentemente acontece numa entrevista, sob a

pressão social de longos silêncios.” Isso possibilita ao pesquisador uma autenticidade de fatos e informações esclarecedora de sua análise.

A análise das entrevistas, assim como dos questionários, a compilação dos dados e a leitura dos documentos tornaram possível a necessária triangulação dos dados para a obtenção das conclusões da pesquisa.

8 - Síntese do método da pesquisa

Definidos os pressupostos metodológicos, o tipo e método de pesquisa, seus instrumentos de levantamento de dados e sua estrutura de análise, foi possível então retomar o objetivo principal deste estudo: como ocorreu a implantação da rádio web na Escola Comunitária Luiza Mahin e se houve mudanças no cotidiano da escola e no dos alunos também na comunidade, através das produções culturais radiofônicas e na formação cidadã.

9 - Definições do método de pesquisa

Neste capítulo será apresentado o resultado da pesquisa aqui proposta. Para isto foram apresentados elementos de pesquisa com entrevistas e questionários. Após estas etapas, procedeu-se finalmente aos estudos de caso e redação das conclusões.

Para situarmos melhor a nossa análise desta pesquisa é necessário que saibamos sobre a Península de Itapagipe, onde está localizado o Bairro do Uruguai e a Escola Luiza Mahin, em parceria com a Casa da Juventude/REPROTAI, através da formação da Associação de Moradores do Conjunto Santa Luzia.

10 - Península de Itapagipe, o Uruguai, a Associação Comunitária Santa Luzia, a Casa da Juventude / Reprotai e a Escola Comunitária Luiza Mahin

A Península de Itapagipe localiza-se no lado noroeste da Cidade de Salvador, compondo a SIGA II (antiga AR – 2), com uma população de 170.725 habitantes, segundo o último Censo feito pelo IBGE no ano de 2000, cabendo aqui ressaltar a falta de dados mais atualizados, depois de pesquisado exhaustivamente, do Censo, que impede sabermos o que acontece nos dias atuais.

Abriga os bairros da Calçada, Mares, Roma, Boa Viagem, Caminho de Areia, Machado, Ribeira, Vila Rui Barbosa, Mangueira, Uruguai e Massaranduba; estes três últimos são prolongamentos dos Alagados até seu encontro com a Avenida Suburbana; daí em diante é o subúrbio ferroviário, integrando o Lobato. No lado ocidental, encontram-se Bonfim e Monte Serrat, áreas elevadas e de grande importância na cultura religiosa da cidade e da defesa militar.

Vemos abaixo uma vista área da Península de Itapagipe em seu lado ocidental.



Imagem 14 –Península de Itapagipe

No século XVI, iniciou-se a ocupação da área, e a primeira fase econômica deu lugar a aldeias de pescadores, artesãos e casas de veraneio das famílias ricas, moradoras da parte alta da cidade.

Como naquela época não havia transporte para locomoção entre a cidade alta, onde residiam, e cidade baixa, onde trabalhavam os operários, escravos e outros trabalhadores optaram por se fixarem na parte baixa. Os pescadores preferiram o porto que ficou conhecido como Porto dos Tainheiros, dessa maneira a população foi se constituindo, inicialmente, de índios, escravos, operários e trabalhadores em geral. (Instituto Geográfico e Histórico da Bahia/IGHB, 2001)

Pouco habitada naquela época, a Península servia de esconderijo de escravos fugitivos na região de Caminho das Areias e Ilhas dos Ratos. Na época do tráfico, o desembarque e o leilão de escravos aconteciam num casarão na Ponta do Humaitá.

Com a aceleração da urbanização no século XIX, a segunda fase da economia local se deu através da implantação de indústrias como Dow Química, Souza Cruz, Joanes Industrial, Chadler, entre outras, além de depósitos sisaleiros e estaleiros.

Como Itapagipe passou a ser um grande centro industrial, ostentado até os anos 50, muitas famílias, principalmente as vindas do Recôncavo, chegavam em busca de potenciais empregos e ocupavam a linha d'água, estabelecendo ali as primeiras palafitas. Em 1949, a ocupação do Caminho de Areia e do Jardim Cruzeiro em direção aos estaleiros, o avanço pelo mar a partir do Porto de Mastro, no Uruguai, e a expansão da ocupação de Massaranduba fizeram surgir o maior bairro de palafitas do País – os Alagados.

Alagados é a denominação de um imenso aglomerado de famílias de baixa renda cuja característica, dentre outras, é ter pequenas casas de madeirite erguidas diretamente no mar, ou em locais resultantes da terra com lixo, na enseada dos Tanheiros, interior da Baía de Todos os Santos, ocupando uma área de mais de 20 milhões de metros quadrados.

Formado pelos bairros de Massaranduba e Jardim Cruzeiro, e principalmente o Uruguai, do qual falaremos a seguir e onde está localizada a Escola Comunitária Luiza Mahin, Alagados é a parte mais pobre, mais densamente ocupada, e desprovida de equipamentos sociais. Possui grande parte de sua área conquistada ao mar por sucessivos aterros, sendo parcialmente consolidada, na medida em que persiste, ainda, uma área ocupada na forma de palafitas.

A inerência social e ambiental, conseqüência do processo industrial decadente, manifesta-se na situação de pobreza da população e no desemprego, na degradação ambiental (que afeta principalmente a pesca) e na ausência de perspectivas quanto aos novos processos de desenvolvimento. Alagados tornou-se, assim, uma área de economia enfraquecida e dona de um dos maiores centros de pobreza de Salvador.

Dados do Censo IBGE (2000) indica que a população de estudantes na Península de Itapagipe corresponde a 35,6% de um total de 170.725 pessoas, 57,11% cursam o ensino fundamental, 20,90% o ensino médio e 13,29% a pré-escola. A população com mais de 12 anos 37,78% não completou o fundamental e apenas 3,13% têm o nível completo. Um nível baixo de escolaridade.

Com referência à cor ou raça, O censo IBGE/2000, nos mostra ainda sobre referência à cor e raça que 58,35% que se declararam pardos, seguidos de 21,17% brancos, e 19,16% de negros. A religião preponderante é a católica, com 61,45% de seguidores, seguindo os sem religião com

17,65%, e as religiões evangélicas com 13% de adeptos. Um dado curioso é que apenas 0,42% aceitam as religiões de matriz africana como suas.

Sobre a ocupação dos residentes, tem-se que 67% estudam ou trabalham e 33% não trabalham nem estudam. A população economicamente ativa era de 58,73% em 2000. Entre os 72,56% empregados, 44,24% possuem carteira assinada, 6,08% são militares ou funcionários públicos, 22,23% possuem relação de trabalho precária, sem carteira assinada, 23,32% trabalham por conta própria e apenas 2,78% são empregadores. Nas faixas de renda de até 01 salário mínimo, os maiores percentuais incidem sobre as mulheres 59%, contra 41% dos homens.

Conforme o IBGE/Censo 2000, a distribuição por raça e cor é de 77,51% de negros/pardos, e 48,4% da população vive com menos de 03 SM (Salários Mínimos), o percentual de desempregados gira em torno de 27,5% e 47% são autônomos vivendo de “bicos”, na economia informal, ou de pequenos negócios de “fundo de quintal”.

Na distribuição por idade e gênero o total está na ordem de 31.857 pessoas entre 10 e 19 anos, 31.225 indivíduos na faixa etária de 20 a 29 anos, o que equivale a uma população entre 10 a 29 anos de 63.082 pessoas.

Neste cenário estão mulheres, adolescentes e jovens negros e negras, pobres vulneráveis e expostos a toda sorte de riscos. Parte deste contingente abandona a escola para ingressar no mercado de trabalho informal, que de acordo com dados da Secretaria de Trabalho e Ação Social os jovens em idade ativa entre 15 a 24 anos, 38% são estagiários, ajudantes de pedreiros, ambulantes, trabalhadores braçais e comerciários, 24% são desempregados e 37% são inativos.

A expressão cultural na Península Itapagipana tem uma riqueza histórica que vem das tradições religiosas do Terno de Reis, das Romarias, das trezenas de Santo Antônio, dos presépios, até o extinto carnaval do Uruguai, com seus bailes de fantasias. A região, também, é palco de festejos populares da lavagem do Senhor do Bonfim, da Segunda-Feira Gorda da Ribeira e da Festa do Senhor dos Navegantes, com sede na Boa Viagem.

Além disso, existem na Península cerca de 35 grupos culturais (A REDE, 2009) que buscam espaços de manifestação dentro e fora dessa área. Realizam festivais independentes – como o

Grupo de Teatro Amador da Bahia, que se integra com grupos teatrais de outros Estados –, participam das Mostras Anuais de Arte Integrada, onde expressam a música popular marcante do local: o reggae, rock e axé. Realizam também, anualmente, o Concurso de Beleza Negra e o de Dança Afro, nos quais se percebem manifestações culturais de raízes distantes.

Toda essa fonte cultural necessita ser continuamente resgatada para que não se perca definitivamente no tempo.

É nesse contexto que se situa o bairro do Uruguai, ao norte de Salvador numa área que até ao final dos anos 70 fazia parte de uma região do manguezal da Baía de Todos os Santos. Com uma população constituída por uma comunidade com cerca de 136.331 habitantes, segundo IBGE/Censo 2000 - uma imensa população negra e, na sua maioria composta por crianças e adolescentes, principalmente pelo fato das famílias serem geralmente numerosas, onde boa parte apresenta uma baixa renda fixa - verifica-se um alto índice de alcoolismo, dependência química, desemprego, subemprego, analfabetismo, mortalidade infantil, e uma discriminação muito evidente.

Verifica-se grande incidência de famílias numerosas e de adolescentes que engravidam por falta de instruções e conhecimentos. Outras formas de agressões sociais como a falta de saneamento básico, a deficiência no sistema de transporte coletivo e a precariedade quanto à saúde pública estão presentes na comunidade do Uruguai. Portanto, lutar pela melhoria da qualidade de vida da população faz parte do cotidiano deste bairro.

Há uma grande diversidade de religiões no bairro, porém a predominante é a de evangélicos da Igreja Universal do Reino de Deus. Muitas das crianças e adolescentes freqüentam essa igreja por influência dos pais embora neguem a religião, pois se atrelam facilmente à vida de vícios e desatinos.

Por fim, o bairro do Uruguai apresenta atividades comerciais bem variadas. Suas indústrias maiores, atualmente desativadas, cederam espaço para que as pequenas – de sabão, perfumaria, móveis e tecelaria – gerem empregos para os moradores e façam circular produtos para outras regiões de Salvador.

A Escola Comunitária Luiza Mahin surge, então, no Uruguai, num contexto de formação de Escolas Comunitárias. Para entender um pouco dessa história, faz-se necessária uma breve revisão na história do surgimento das escolas comunitárias na Bahia, que afloraram no final da década de 70. Este processo se dá a partir das carências das escolas públicas, que apresentam número insuficiente de vagas, baixa qualidade escolar, além da total falta de segurança quanto à vida escolar social e pedagógica do aluno.

Pelos motivos discorridos, em algumas associações de bairros surge a idéia de se fazer uma escola mantida pelas associações e gratuita para a comunidade. Com caráter de “escola de bairro”, foi atravessando diversas fases até ser compreendida por uma escola que atendia aos interesses da população, passando, então a ser entendida e reconhecida como “escola comunitária”.

A escola pública comunitária surge com a concretização de uma proposta de extensão e a democratização do ensino público, sendo reconhecida, posteriormente pelos órgãos competentes e legais.

A partir da criação de Associações, uma grande mobilização dos bairros populares aconteceu, configurando-se como outro elemento desencadeador para a organização das escolas comunitárias, sobretudo, nas capitais dos Estados. As mobilizações lutavam pelo direito a terra e por melhorias nos bairros: saúde, saneamento, transporte e, também, educação, com uma política centrada e organizada, assumindo diversas formas, como abaixo-assinados, passeatas, manifestações diversas, e também através de convites às autoridades para que visitassem os bairros e sentissem suas necessidades.

Com resultados pífios, apesar de todos os esforços, e pressionadas pela população, as associações passaram a organizar as “escolas de associações”. Através destas experiências populares e alternativas, das novas concepções do saber popular, e da valorização da autonomia, as contribuições para o surgimento das escolas comunitárias foram muito grandes. A partir daí, cresceram pedagógica e politicamente, e conseguiram reduzir problemas como a evasão e a repetência, que afligiam as outras escolas públicas.

No final da década de 80, partindo de um Projeto do CECUP (Centro de Educação Popular) para alfabetizar jovens e adultos, as escolas passaram a discutir uma articulação necessária entre si, iniciando-se uma luta legal, com a apresentação de emendas populares. Isto resultou nos artigos 213 da Constituição Federal e 252 da Constituição Estadual de Educação, e 191 da lei Orgânica de Salvador⁶, assegurando, assim, a legitimidade e os direitos das Escolas Públicas Comunitárias.

Dentro desse contexto social e político, a Escola Comunitária Luiza Mahin nasceu da idéia comum de moradores da comunidade do Uruguai que, reunidos na Associação de Moradores do Conjunto Santa Luzia – uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos, com sede no Conjunto Santa Luzia Q 05 N°. 18, com foro e Jurisdição no território do município de Salvador –, decidiram direcionar o seu trabalho para a Saúde e Educação. Assim, a Escola Luiza Mahin foi fundada em 09 de março de 1990 com o objetivo de atender crianças, filhos de trabalhadores que não eram contemplados pelo ensino público da comunidade.

A Associação de Moradores do Conjunto Santa Luzia desenvolve também Projetos Comunitários que visam a valorização das pessoas da comunidade, além da formação cidadã; projetos na área de saúde, educação, desenvolvimento comunitário, econômico e de lideranças, além de gestão de projetos.

Além destes Projetos destaca-se o da Reprotai / Casa da Juventude, que atende adolescentes e jovens do Uruguai e de outros bairros da Península de Itapagipe, e assim busca potencializar as atividades artísticas destes na comunidade, para que seja um instrumento no combate à violência, comum na região.

O Reprotai/ Casa da Juventude desenvolve um trabalho em rede de atividades com os CAJS (crianças, adolescentes e jovens) e ao mesmo tempo sistematiza estas atividades artísticas de referência positiva, nas quais os adolescentes e jovens são acolhidos, ouvidos, respeitados e têm a oportunidade de dar sua contribuição para alterar a realidade na qual estão inseridos, exercer a sua cidadania com dignidade e lutar pela construção de uma sociedade justa e menos desigual.

6 - Ver em http://www.mp.ba.gov.br/atuacao/ceama/material/legislacoes/lei_organica_salvador.pdf

Entre as ações desenvolvidas estão os grupos culturais hip hop, dança afro, banda de percussão, coral e grupo de teatro para promover sarau e recitais.

A Casa da Juventude, juntamente com o Reprotai, faz parceria com a Escola Comunitária Luiza Mahin, e desenvolve o Projeto RIPE, abrigoando a rádio web, já que a Escola não oferece espaço. A foto abaixo mostra a entrada da Casa da Juventude, localizada no bairro do Uruguai, onde a radio web da Escola Comunitária Luiza Mahin foi implantada.



Imagem 15 – Casa da Juventude.

A Escola Comunitária Luiza Mahin funciona de segunda a sexta-feira em dois turnos, e ministra o ensino de primeiro grau e educação básica aos jovens, incluindo elementos que compõem a realidade do bairro na proposta curricular. Por ser comunitária, visa a integração escola-comunidade, possibilitando que educandos e comunitários discutam os pontos de funcionamento da escola desde os aspectos administrativos e pedagógicos até alternativas para solução de problemas. Estuda a história da comunidade e sua cultura, valorizando a cultura popular como forma de organização e mudanças sociais. Atende 414 crianças do maternal à 4ª série do ensino fundamental em dois turnos, distribuídos por quatorze turmas coordenadas por educadores do próprio bairro.

Com o passar do tempo e com o trabalho desenvolvido, a comunidade passou a percebê-lo e a valorizá-lo. A Escola passou, então, a se configurar num espaço comunitário e que busca suprir

as deficiências das escolas públicas, adequando-se às necessidades e à valorização da cultura da comunidade do Uruguai.

A imagem que vemos abaixo mostra a entrada da Escola Comunitária Luiza Mahin, onde se destaca seu aspecto simples.



Imagem 16 – Escola Comunitária Luiza Mahin

A necessidade de organizar o trabalho educativo parte da premissa de que a Escola Comunitária precisa ter clareza de qual educação quer dar aos filhos de trabalhadores. Estas são crianças iguais a tantas outras; necessitam de um espaço livre para conviver com outras crianças e compartilhar o conhecimento de mundo para iniciar os primeiros passos de sua vida escolar num ambiente saudável, acolhedor e diferenciado. Assim, é preciso que a Escola Comunitária busque analisar e definir a sua função educacional e formadora de cidadãos produtores de conhecimentos

que exercem um papel fundamental na comunidade e na sociedade. Essa Escola foi convidada para participar do projeto RIPE pela articulação e indicação com o CEAP (Centro de Estudos e Assessoria Pedagógica), que, com um grupo de educadores, desenvolve estudos e ações voltadas à formação de professores e de promoção / acompanhamento da escolarização de crianças e jovens das classes mais pobres.

As fotos mostradas a seguir mostram a biblioteca composta de livros doados pela comunidade e uma sala de aula, onde crianças da comunidade aprendem cidadania.



Imagem 17 – Biblioteca da Escola Comunitária Luiza Mahin



Imagem 18 – Salas de aula da Escola Comunitária Luiza Mahin

11 – Desenvolvimento do Projeto

O Projeto RIPE inseriu-se nesse movimento comunitário com o objetivo de gerar transformações no modo de apropriação das TIC na educação e ampliar as oportunidades de expressão de pontos de vista das comunidades, criando, assim, condições para o exercício da cidadania a partir da mobilização de alunos e professores das escolas públicas do Estado da Bahia.

Implantação e formas colaborativas de produção de bens culturais para utilização na educação e na cidadania: este é o tema principal desta pesquisa realizado entre julho e dezembro de 2010. Dessa forma, a pesquisa tem por objetivo compartilhar as reflexões e propostas elaboradas a partir da implantação da rádio web na Escola Comunitária Luiza Mahin, e de como as produções influenciaram na formação cidadã dos alunos e da comunidade em que está inserida.

A estrutura do Projeto RIPE é composta por: Computador Servidor Dell PowerEdge 2640; dois processadores Xeon de 2Ghz; 2GB de memória RAM; 500GB de disco SCSI (hardware), e Sistema Operacional Linux Ubuntu Server 8.04; Sun Java JDK 6.18; Apache Tomcat 6.0.18; PostgreSQL 8.3 (software). Tanto o hardware como o software (livre) são específicos para o funcionamento correto do sistema.

A adesão da rádio web nas escolas do Projeto RIPE (já que inicialmente o projeto só concebia trabalhos em vídeo) foi uma proposta do GEC, por pesquisar e trabalhar desde 2005 rádios web na educação e também por entender que as produções em áudio e vídeo precisam estar articuladas. Com a adesão das escolas de forma imediata, foram incluídas oficinas de áudio para treinamentos e estruturação dos meninos de suas próprias rádios.

Assim, a rádio web implantada na Escola Comunitária Luiza Mahin teve como modelo a rádio web Faced, com transmissão pela internet. Foram feitas a instalação e configuração do ices2⁷, software que gera um fluxo de áudio digital (streaming), fontes como mesa de som (mixador), arquivos no computador, microfone, e o servidor de stream áudio icescast2⁸ instalado no Centro de Processamento de Dados da Universidade Federal da Bahia (CPD-UFBA).

Trata-se, portanto, do modelo de instalação, pois a rádio web Faced não possui – e isso influenciou o andamento do projeto na escola, como veremos adiante nas declarações dos alunos, pelo perfil das pessoas que trabalham nela no GEC – conteúdo para estar no ar e desenvolvendo tudo aquilo que deseja para o projeto. O seu funcionamento resume-se somente em reproduzir músicas e alguns eventos esporádicos com muita dificuldade.

As fotos abaixo mostram o estúdio da rádio web da Escola Comunitária Luiza Mahin, implantada na Casa da Juventude, e vem afirmar o que narramos sobre as condições simples da implantação e montagem do estúdio.

7 - Ver em <http://www.icecast.org/ices.php>

8 - Ver em <http://www.icecast.org>.



Imagem 19 – Estúdio da rádio web na Casa da Juventude

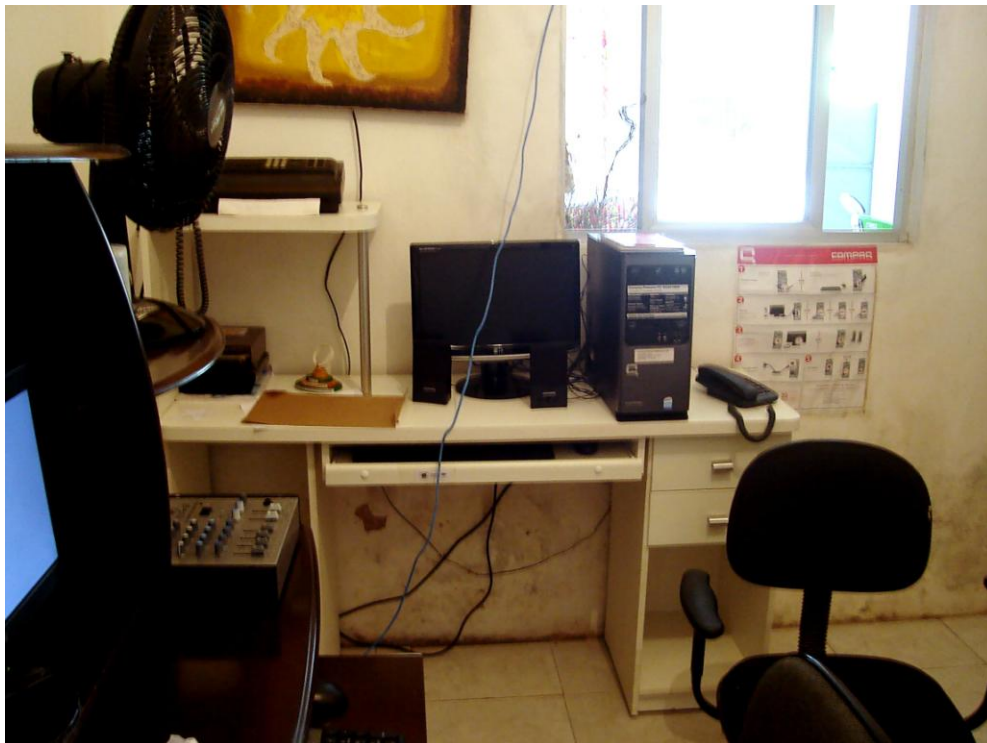


Imagem 20 - Estúdio da rádio web na Casa da Juventude

Um projeto como este deveria, assim como a rádio web da Faculdade de Comunicação, a rádio Facom⁹ com seus programas “Fala que eu te Orkuto” entre outros, estarem pulsando criações e construções coletivas; porém, pelo perfil do GEC e de seus coordenadores, isto não acontece. A sua produção foca-se na pesquisa do desenvolvimento tecnológico de hardwares e softwares, esquecendo-se de um fator importantíssimo nesse processo que é o ser humano.

12 - O começo com a escola

O trabalho com a Escola Comunitária Luiza Mahin começou com a indicação do CEAP. A diretoria da escola, devidamente consultada, promoveu reunião com a associação dos moradores do bairro do Uruguai e concordou em participar do projeto.

A partir daí, foram pensadas oficinas de formação para linguagens e formatos diferentes e para capacitar tecnicamente para o uso das tecnologias que seriam utilizadas. Houve também sugestões de outras oficinas pela escola, a partir do perfil de trabalhos desenvolvidos pelos seus professores.

Em novembro de 2008, através de um ofício enviado para a escola, foi solicitado que houvesse um realocamento das atividades dos professores participantes do projeto, de seis horas semanais, para que desenvolvessem as atividades relacionadas ao projeto.

Em junho de 2009, como início do projeto de implantação da rádio web na escola foi enviado um kit de rádio com computador, mesa de som, microfone, pedestal, cabos e adaptadores, dando então início a um processo de sensibilização, formação e implantação. A partir de outubro de 2009, a rádio foi implantada através de oficinas com o objetivo de colocá-la em funcionamento para implementar uma prática de comunicação comunitária.

Os bolsistas do projeto foram à escola e colocaram a rádio no ar, juntamente com professores e estudantes, desenvolvendo as oficinas de Tela Preta (terminal), onde se trabalharam os comandos de instalação das rádios e os comandos para colocá-la ao vivo ou através de playlist, e de recolocação da rádio no ar caso houvesse queda de energia ou conexão; de instalação dos

9 - Ver em <http://www.facom.ufba.br/>

equipamentos da rádio e também uma nova oficina de Audacity, que já havia sido ministrada anteriormente, como será mostrado a seguir.

13 - Oficinas

Entre novembro de 2008 e março de 2010, iniciaram-se as oficinas para formação dos alunos e professores para as criações em áudio. Aconteceram oficinas de: linguagens, manipulação de áudio, edição de imagens (foto e desenho), roteiro de áudio, roteiro audiovisual, instalação de sistema e instalação de rádio web e produção audiovisual.

Para que os professores e alunos compreendessem essas linguagens e o uso das TIC nos processos educacionais colaborativos, foi utilizado o Moodle¹⁰, um ambiente virtual de aprendizagem, como um processo formativo, contínuo e permanente de prática para conteúdos de educação e cibercultura.

A seguir, descreverei cada uma das oficinas aplicadas na Escola Comunitária Luiza Mahin.

Em 11 de fevereiro de 2009, aconteceu a Oficina de manipulação de arquivos de áudio, utilizando o software Audacity. Esta oficina foi ministrada por Washington Oliveira, Luciana Oliveira e Anderson Carvalho, bolsistas do projeto.

Na oficina, os alunos aprenderam a gravar áudio ao vivo de diversos tipos de fontes; mixagem e edição de faixas de áudio, sem limites para o número de faixas, em diversos formatos de compressão, com suporte a edição para copiar e colar, e sem limite para o comando desfazer; aplicação de efeitos, remoção de ruídos, equalização, distorção, velocidade e tom de voz. Além disso, a configuração do programa; edição: normalização, retirada do ruído, equalização, amplificação, corte, colagem; captura: direto do computador arquivo já gravado em diversos formatos; efeitos: fade in, fade out, alterar a velocidade, alterar a altura. Tiveram como produto um DVD, no qual os participantes criaram e editaram. O software Audacity é importante para a rádio web e também para a edição do áudio para vídeos. (RELATÓRIO DO PROJETO RIPE, 2010)

10 - Ver em <http://www.moodle.org.br/>

No dia 22 de maio de 2009, aconteceu a oficina de linguagem, ministrada pela professora Lícia Beltrão. Nesta oficina, foram aplicadas dinâmicas e conversas sobre as várias linguagens existentes e como cada um poderia se expressar de diversas maneiras. A proposta foi fazer com que os participantes usassem sua própria linguagem como motivação e mudança para que observassem que não existe uma única maneira de se expressar. (RELATÓRIO DO PROJETO RIPE, 2010)

Em 5 de junho de 2009, sob a orientação de Wagner Quintanilha aconteceu a oficina de roteiro de áudio. Nela foram criadas algumas condições que proporcionassem aos alunos e professores o conhecimento das principais formas e técnicas de gravações e produções de áudio; foi apresentado o esboço de um roteiro de apresentação de rádio/jornal; técnicas de produção de programas radiofônicos, atentando para a produção de programas de rádio e audiência crítica, desenvolvendo as habilidades para elaboração de pautas, pesquisa de informação, redação de textos radiofônicos; realização de entrevistas e edição. (RELATÓRIO DO PROJETO RIPE, 2010)

Em todas as oficinas foram discutidos formatos de gravação.

14 - Comunicação

Em uma reunião geral, ocorrida em 11 e 12 de novembro de 2008, o Skype foi adotado como um dos principais meios de comunicação síncrona pela internet. Foi também criada uma lista de e-mail onde todos os participantes do projeto foram incluídos. Essa iniciativa não teve muito sucesso devido à precária acessibilidade da escola aliada às constantes quedas da conexão na UFBA. Além disso, nas escolas, os componentes encontraram muitas dificuldades para interagir nesse processo. Houve também a incidência de fatores prejudiciais para a integração nos ambientes virtuais de aprendizagem do projeto RIPE, como o Moodle.

O problema de conexão, com oscilações e quedas de velocidade na escola, foi o principal fator de dificuldade do desenvolvimento da interação e de envio de arquivos e de manutenção da rádio web no ar, além de a escola não estar pronta para receber um projeto deste porte, com computadores e equipamentos de transmissão. O projeto não vislumbrou esta possibilidade numa

escola de periferia, com baixa renda e funcionando com dificuldades, o que a meu ver, é um grave fator de impedimento de seu desenvolvimento.

Para o desenvolvimento satisfatório do projeto, seria necessária uma reforma para a criação de um espaço para a rádio na escola, e, principalmente, que seus idealizadores entendessem que as transformações são feitas a partir da estrutura que se dá ao homem, possibilitando assim, seu desenvolvimento.

15 – Pesquisa de campo

Com os critérios definidos para a pesquisa, procurei coletar os dados que apresentarei agora para que se possa verificar até onde ela se concretizou, a partir do proposto.

15.1 – Matriz dos entrevistados

Os entrevistados foram definidos de acordo com sua importância para o projeto e conseqüentemente para a pesquisa em três grupos (A, B e C) e compuseram a seguinte matriz:

GRUPO A Gestores	GRUPO B Alunos	GRUPO C Membros do GEC
Diretor e Coordenador Pedagógico	Tutor do rádio matutino	Coordenador do projeto
Coordenador Casa da Juventude	Tutor do rádio vespertino	02 Bolsistas do projeto

15.2 – Roteiro das entrevistas

As entrevistas foram estruturadas a partir de leituras dos atores que constam deste trabalho e me levaram, através de considerações sobre rádio web, a elaborar as seguintes questões:

- 1 - Como aconteceu a implantação da rádio web na escola?
- 2 - Como foi estruturado o grupo de trabalho para a rádio web?

15.3 – Processos das entrevistas

Todos os processos das entrevistas foram feitos por mim. De acordo com Queiroz (1991, p. 73-80) “esse é um momento especial da pesquisa e o contato estreito com os informantes deve ser vivido integralmente pelo pesquisador”.

Todas as entrevistas foram feitas na Escola Comunitária Luiza Mahin, a partir de uma conversa explicativa sobre os objetivos da pesquisa e a importância fundamental para que ela se realizasse. Algumas entrevistas foram devidamente agendadas e outras foram feitas no momento em que se encontrava na escola.

As entrevistas tiveram durações distintas e dependiam do entrevistado, quando este achava importante discorrer sobre algum acontecimento no processo do projeto. Tive o cuidado de não interferir em nenhum caso sobre as respostas ou o tempo das mesmas, pois achei importante que os entrevistados tivessem liberdade e autonomia em suas respostas para que pudessem compô-las de maneira espontânea e natural, sem, no entanto, dirigir a entrevista para que detalhes já ditos não se repetissem. A menor entrevista teve a duração de 45 minutos e a mais longa de duas horas, com um tempo médio entre elas de uma hora e trinta minutos.

15.4 – Transcrição

As transcrições de todas as entrevistas foram feitas por mim; procurei manter a espontaneidade dos entrevistados, garantindo, assim, a qualidade de todas as informações. Os depoimentos foram transcritos na íntegra de acordo com a forma oral, guardando o contexto em seus detalhes com risadas, pausas e silêncios e mudanças nos tons da voz.

Transcrever significa, assim, uma nova experiência da pesquisa, um novo passo em que todo o processamento dela é retomado, com seus envolvimento e emoções, o que leva a aprofundar o significado de certos termos utilizados pelo informante, de certas passagens, de certas histórias que em determinado momento foram contadas, de certas mudanças na entonação da voz. Tudo isso é material que o pesquisador obteve, de cuja construção diretamente participou – pois no processo de que resultou foi ele parte, numa legítima ação de “observador participante” (QUEIROZ, 1991, p. 88)

15.5 – Matriz dos questionários

Os questionários foram elaborados através de questões que pudessem esclarecer o que a pesquisa procurava. Para isso, foram divididos em três grupos (A, B e C) e compuseram a seguinte matriz:

GRUPO A Gestores	GRUPO B Professores	GRUPO C Alunos
Diretor e Coordenador Pedagógico	02 Professores matutino	Tutor do rádio matutino
		05 Alunos do rádio matutino
Coordenador Casa da Juventude	02 Professores vespertino	Tutor do rádio vespertino
		05 Alunos do rádio vespertino

15.6 – Roteiro dos questionários

As questões foram estruturadas em três blocos de acordo com os grupos (A, B, e C) a partir também de leituras dos autores que com os quais ao longo deste trabalho e me levaram a estruturar as seguintes questões encaminhadas aos participantes:

Grupo A:

- 1- Como você vê a utilização das TIC no contexto da escola?

- 2- Quais as mudanças que você acredita que ocorrerão, ou se ocorrerão, na escola e com os alunos com esta implantação?
- 3- O que a escola pode fazer para ajudar os alunos e professores a utilizar a rádio web no sentido de produzir e compartilhar idéias?
- 4- A implantação da rádio web promoveu mudanças perceptíveis nos alunos?
- 5 - Quando acontece na escola uma reflexão sobre os benefícios e malefícios do uso das mídias sobre as produções dos alunos com a rádio web?

Grupo B:

- 1- Como você vê a utilização das TIC no contexto da escola?
- 2 - Quais as mudanças que você acredita que ocorrerão, ou se ocorrerão, na escola e com os alunos com esta implantação?
- 3 - Em que situações de aprendizagem são propostas, realizadas e veiculadas as produções escolares na rádio web?
- 4 - O que os professores podem fazer junto com os alunos para utilizar a rádio web no sentido de produzir e compartilhar idéias?
- 5 – A participação dos alunos na rádio web modifica sua criticidade e alicerça a formação cidadã?

Grupo C:

- 1- Como você se viu na interlocução desse projeto?
- 2- Como você associa a sua participação na rádio web à sua vida fora da escola?
- 3- Como você vê a produção e compartilhamento de idéias na rádio web?

- 4- A implantação da rádio web na escola mudou sua percepção em relação a sua vida fora da escola e como você avalia isto?
- 5- Como você avalia o projeto de rádio web em sua escola?

15.7 – Processos dos questionários

Todos os processos dos questionários foram feitos por mim. As perguntas foram distribuídas na própria escola, em sua maioria, e algumas foram levadas pelos participantes para outros participantes que não estavam no momento. Dois questionários foram enviados e respondidos pela internet. Em sua distribuição, tive o cuidado de colocar em primeiro plano a importância da liberdade de resposta pelos participantes.

Alguns participantes responderam ao questionário no momento da entrega e outros levaram para casa ou outros lugares e devolveram-no posteriormente. Nenhuma questão nova foi levantada pelos participantes, bem como nenhuma dúvida em relação às perguntas foi ventilada.

15.8 – Percepção dos gestores

Iremos saber agora qual a percepção dos gestores tanto do projeto – através de entrevistas e também de questionários com o integrante do GEC e bolsista do RIPE, que chamarei de Bolsista G, classificado no Grupo C – quanto da Escola Comunitária Luiza Mahin através da diretora, que chamarei de Diretora X, pela coordenadora, que chamarei de Coordenadora Y, até chegar à Coordenadora da Casa da Juventude, que chamarei de Coordenadora Z, classificados no Grupo A.

15.8.1 – Entrevistas

Todas as entrevistas tiveram como base as duas questões já apresentadas anteriormente e que se referiam à implantação da rádio web na escola e de como foi estruturado o grupo de trabalho para atuar na rádio web.

Cabe ressaltar que as falas aqui reproduzidas são originais e podem acarretar alguns erros de português, bem como de conjunções. Estão manifestadas originalmente porque penso serem importantes da maneira de como estão colocadas, além de mostrarem a realidade da comunidade.

Ao iniciar sua entrevista, o Bolsista G ressaltou que com o RIPE não havia, em seu escopo inicial, a implantação de rádios web na escola. Porém, como o GEC contempla e não dissocia produções de áudio e vídeo, deu-se a implementação de áudio no projeto e sua implantação. Disse que a implantação ocorreu de acordo com o previsto com as oficinas de formação, as oficinas de elaboração de roteiros e os produtos radiofônicos: na compra, configuração e instalação dos equipamentos, segundo ele, aconteceu de forma viável.

A formação do grupo de trabalho, dentro de sua perspectiva aconteceu de forma autônoma, respeitando os limites de cada realidade escolar. Na Escola Comunitária Luiza Mahin, destaca as lideranças comunitárias entre os alunos e professores, que abraçaram o projeto.

A diretora da Escola Luiza Mahin, a Diretora X, destaca em sua entrevista o sonho de anos para que se tivesse na escola uma rádio de maior alcance, já que havia internamente uma pequena rádio com caixas de som espalhadas pelas classes.

DIRETORA X - Fizemos uma reunião há muito tempo atrás para falarmos de comunicação porque tínhamos muitos distúrbios de comunicação, tínhamos muito desvio de comunicação dentro da comunidade na própria Associação. E resolvemos que acharíamos um meio para que essa comunicação ficasse mais autêntica e resolvemos, com as caixas de som que tínhamos, aproveitá-las com a rádio, tínhamos um rádio normal, um aparelho, começar a divulgar qualquer atividade, em vez de colocar no aparelho, divulgar na rádio e assim a escola toda ficaria sabendo destas notícias.

Apresenta, também, na entrevista, a sua preocupação com a chegada de um novo projeto e a idéia do RIPE de levar adiante este começo e como os alunos e professores reagiriam.

DIRETORA X - Como o professor iria aceitar isso, de como os alunos iriam aceitar isso, essa rádio, porque o que estava indo era a história da vida dele, o dia a dia dele para um local que não era menor, era um local grande que era um domínio público de toda a comunidade, não só de Alagados, do Uruguai, mas da Bahia e de outros locais e isso

bateu muito na gente e ficamos e para escolher isso, (neste momento o serviço de alto-falante surge com um aviso bem alto), e ficamos pensando nisso em como é que essa rádio vinha, como passaríamos isso para meninos de 3 anos, a importância dela e os pais como aceitaríamos, porque muitas vezes as crianças de 3 anos ficavam na nossa rádio antiga cantando música e a gente iria expor as crianças.

Descreve a respeito da interação dos jovens e dos pais na aceitação do projeto, pois sempre acreditaram no trabalho da escola e isso possibilitaria maior integração e benefício à comunidade, que cada cidadão estaria passando uma coisa própria para as outras pessoas e mudando o sentido de tudo.

A estruturação do grupo de trabalho foi feita de forma democrática, como a escola costuma trabalhar. A Diretora X destacou a autonomia dos jovens da Casa da Juventude e dos professores no processo de formação do grupo, além da conscientização do que a rádio poderia proporcionar à comunidade.

DIRETORA X - Eu acho que o mais importante de tudo é o que a rádio veio trazer para a comunidade, nós vemos várias rádios aí e percebemos que é só promoção disso ou daquilo, e essa rádio veio para promover novos conhecimentos, novos aprendizados para os alunos...

A Diretora X estabelece, entre suas prioridades, a consciência de seu grupo de trabalho em relação aos processos de ensino. Os professores fizeram suas escolhas de acordo com seu cronograma estabelecido por eles anteriormente.

DIRETORA X - Na escola não indicamos, pois os professores têm autonomia de participar, resolvemos tudo em reunião, e os professores se oferecem para participar do que ele quer, nós não dizemos nem isso nem aquilo, cada professor sabe das obrigações dele dentro da escola, quais os cuidados que ele deve ter com os alunos. Não precisamos ficar indicando. E para participar da rádio foi a mesma coisa, cada um se colocou dizendo se queria ou não queria e que poderia ou não fazer. Nós simplesmente apresentamos o projeto, como também foi para os meninos, e para a comunidade e quem gostou abraçou a ideia, e quem não gostou, e que foram muito poucos, foi fazer outras coisas.

A entrevistada finaliza que, apesar de não ter participado da implantação do rádio –, pois, ficou três meses fora – percebeu, através de conversas com alunos e professores, que todos se emocionaram e que exercem uma atração muito grande, pois a mídia lhes oferece uma oportunidade de se manifestarem.

A coordenadora pedagógica da Luiza Mahin, Coordenadora Y, começa sua entrevista contando que a meta da escola era aproximar mais o corpo docente e discente da tecnologia. A partir dos contatos e reuniões, houve o interesse do professor Nelson Preto pelo trabalho desenvolvido na escola e na parceria com a Rede Reprotai, já que os meninos que participam do projeto eram oriundos de escolas públicas, viabilizando, assim, a participação da escola.

COORDENADORA Y - Fomos sabendo cada dia mais qual era a proposta de trabalho e analisamos que uma das dificuldades seria na escola mesmo da implantação com os alunos porque trabalhamos apenas com educação infantil, mas mesmo assim não deixou de ter o interesse e o incentivo de participar da rádio e aí fomos levando a parceria com os educadores da escola e os meninos da rede, que na verdade os educadores da escola também interagem com os meninos da rede.

Na formação do grupo da escola a Coordenadora Y lamenta a retirada dos professores mais experientes pela dificuldade de lidar com a tecnologia. O professor, segundo ela, se afasta; dessa forma, deixa de contribuir com sua experiência por não compreender a linguagem da informática e fica apenas nas discussões teóricas, deixando as práticas para professores mais jovens – como a Professora E, e a Professora D, por exemplo, que estiveram à frente do projeto desde o início.

No momento em que era importante fazer a interlocução com os outros participantes, a escola esbarrou em um problema que afetou todo o desenvolvimento do projeto: a internet. Com uma conexão lenta e dividida em toda a escola e Casa da Juventude, não foi possível estabelecer uma continuidade de acesso, pois a rádio necessita estar 24 horas on-line para que não haja quedas do programa. A Coordenadora Y acredita que se tivesse um apoio voltado para a questão não só de aparelho – porque até mesmo o computador apresentou dificuldade e pegou vírus e não houve como dar manutenção –, mas também para a formação, o projeto teria se desenvolvido melhor.

COORDENADORA Y - A gente queria muito que a rádio desse certo porque a gente tem um trabalho interno na escola porque temos uma rádio com som em todas as salas, e aí colocamos os meninos para fazer algumas comunicações porque compreendemos a importância e relevância do trabalho da comunicação desde pequeno, e temos este trabalho na escola e se isso fosse uma coisa ampliada para o externo e para a cidade para trocarmos idéias com a cidade, o trabalho teria um avanço muito bom.

Perguntado se a Coordenadora Y achava que se tivesse um acompanhamento maior de roteiros de programas, produção de programas, os meninos poderiam ter criado e produzido mais coisas, já que eles não haviam criado nenhum programa, houve uma forte afirmação:

COORDENADORA Y - Seria, temos idéias, porque a questão que mais trabalhamos com os meninos é o projeto de vida e essa coisa de tecnologia encanta e se tivesse um trabalho mais sistematizado na questão de produzir roteiros, de selecionar áudio, selecionar imagem, aproveitar bem o que foi gravado, o trabalho teria sido bem mais proveitoso.

A Coordenadora Y aponta que o objeto inicial do projeto era o trabalho da escola para os meninos da Rede Reprotai, juntamente com os professores para desenvolver a escrita, o roteiro, com a responsabilidade de viabilizar este trabalho.

COORDENADORA Y - Agora isso não conseguiu sair do papel, acho que faltou mesmo um direcionamento melhor, e que se os educadores tivessem uma formação melhor, primeiro na teoria. O que é se trabalhar com a rádio. Quais os instrumentos que você pode estar utilizando para facilitar, e depois na prática, acho que o trabalho ficaria mais organizado, e quando entrou mesmo só a questão da prática, como se lidar, eu acho que assustou os educadores porque já tem esta dificuldade de estar lidando com as tecnologias.

A chegada dos equipamentos na escola chegou a assustar os mais experientes, cabendo aos meninos a investigação e divulgação de que eles haviam chegado. O anúncio incomodou a todos, pois não sabiam como iriam lidar com as coisas, colocar as músicas no ar, resolver futuros problemas. As pessoas preferiam ficar somente na rádio interna, pois a web estaria para o mundo,

e teria que ser resolvida de forma organizada, tinha que ter um roteiro, tinha que sentar para organizar as coisas.

COORDENADORA Y - Quando o Tutor K começou a divulgar que iria ligar o computador para ver o que está acontecendo, foi aí que começaram as dificuldades, caía toda hora, ligava, mas não permanecia, é que tem que trabalhar com o tempo e o tempo que o professor tinha para poder acessar a rádio a internet caía e isso foi desestimulando o pessoal, mas mesmo assim os meninos conseguiram levar um tempo com ela no ar, até ter a falha do equipamento até a internet ficar uma coisa cansativa de tentativas e de não conseguir. Mas quando chegou foi uma coisa de assustar, porque chegou equipamento e tinha que fazer as produções, e as pessoas foram se chegando, mas começaram as dificuldades de acessar porque caía.

Em relação aos processos de trocas em rede a coordenadora acredita que isso não foi fortalecido e muito pouco trabalhado, pois os grupos só se viam nas reuniões conjuntas, e esse processo seria um objetivo importante, a troca de experiências com outras rádios, a resolução de problemas que poderiam ter sido os mesmos ou parecidos. Ficou cada um desenvolvendo seu trabalho, ou tentando desenvolver, e não fluiu da maneira que teria que fluir.

Questionada sobre a continuidade do projeto, a Coordenadora Y afirma que a Casa da Juventude, uma proposta da Associação Santa Luzia, dará continuidade com a rádio web. Esclarece de forma enfática que a tecnologia é uma coisa que atrai o jovem, e que a maior dificuldade na comunidade é ocupar o tempo do jovem para desfocá-lo dessa questão da droga e da criminalidade.

COORDENADORA Y - A gente tem como objetivo na Casa da Juventude levar a proposta da rádio adiante, e precisamos sentar, sistematizar, aprender um pouco mais, porque eu acho que o tempo para aprender ficou um pouco delimitado e ter mais formações voltadas para essa área. Até porque tem a questão da linguagem, de estar lidando com a nossa língua portuguesa, com a forma de falar coloquial, com a forma de falar formal. Então tudo isso dificulta.

Finalizando as entrevistas, conversei com a Coordenadora Z, coordenadora da Casa da Juventude que me relatou sobre o movimento de implantação da rádio e sobre o convite para que a comunidade viesse participar do projeto.

COORDENADORA Z - E quem mais veio foram os meninos, eles ficavam procurando muito, tanto que no momento em que estávamos sem o local da rádio a gente ficava se perguntando na escola não tem espaço porque os espaços estão todos preenchidos pela escola na Associação, onde pensamos em construir uma casa aqui em cima (Escola Luiza Mahin) para fazer o espaço da rádio, mas ainda não há dinheiro para isso, e depois nós fomos e conseguimos implantar ela na Casa da Juventude, mas numa salinha e ficavam indo os meninos, convidávamos outros meninos, e os meninos da escola começaram a participar e começaram a ver, mas não ouvir, porque dependia de um computador, dependia de internet e ficou, então, muito desacreditada no início.

Com a parceria da Universidade, o conhecimento se expande e a tecnologia provoca. A Coordenadora Z acredita ser essa uma forma de expressão livre e a rádio é uma ponte para a educação livre junto com a cultura que se torna um ponto muito forte e vai ajudar a pensar na rádio com uma estrutura muito melhor na escola.

O primeiro contato com o projeto foi através do CEAP, que já tinha conhecimento da rádio interna da escola que tinha um viés muito forte e era mais vista do que a própria Associação e o Reprotai. Quando a Universidade convocou o CEAP para fazer a parceria com esse projeto, de imediato pensaram na Escola Luiza Mahin para fazer esse conhecimento que é descoberto através da vivência do que a gente é, e assim aconteceu o primeiro encontro numa reunião com Nelson Pretto e aí a camisa foi vestida.

COORDENADORA Z - Achamos a idéia maravilhosa e quando trouxemos para cá as pessoas gostaram, mas disseram “haja perna!”, mas batemos o pé e dissemos que acreditávamos e começamos a chamar os meninos, os jovens que estavam mais a fim, e que iria ter encontros, e tem alguns adultos, principalmente aqui dentro da Associação neste espaço de movimentos sociais que acha que quando chega uma idéia não dá mais para usar o conhecimento tecnológico, e começam a se esquivar com medo do novo, medo da mudança, medo da transformação, volta para trás e joga na mão da juventude.

Falando de um grande equívoco, de não juntar as experiências, as idades e os desejos para encarar a tecnologia, a Coordenadora Z discorre que no final, a partir de um curso de roteiro em áudio e vídeo, as pessoas se uniram.

COORDENADORA Z - A gente fez a parceria, gostou do filme e partimos para o roteiro. Até para a rádio a gente se organizou, botou quem iria falar, quem não iria, quais seriam as notícias que iríamos dizer. O que importava para a gente. Como é que a gente faria essa parceria com os comerciantes da área, como é que a gente agiria com os grupos da área e vimos que está efervescente e que está escrito, mas não está jogado pela questão da falta do financeiro.

Quanto ao conhecimento, grupos de outros lugares, como Cajazeiras, estiveram participando em loco, além do CAMA (Centro de Artes e Meio Ambiente), e o CAMA Pet também, então existem muitas pessoas que já sabem da existência da rádio web na escola. A Coordenadora Z acredita haver a necessidade de parceiros que acreditem no projeto e financiem, com doações, como as das caixas de rua, por exemplo, para que o projeto aconteça de verdade.

Sobre a estruturação da equipe de trabalho, o Tutor K ficou de manhã, e o Tutor L ficou à tarde, e o Professor D ficava pairando para atender as professoras e atender um grupo maior. A Coordenadora Z percebeu, então, que há um pequeno grupo disposto a ir em frente e construir o que se quer.

COORDENADORA Z - Eu me lembro das formações assim, às vezes o Tutor K fazia assim e vai muita gente para a formação e tem gente que não quer, mas a gente não pode querer que o outro sonhe se a gente não ofereceu o sonho. Qual é a possibilidade mesmo? A rádio taí. Você quer que eu faça o quê com essa rádio? A gente não sabe o que você vai fazer, mas a gente sabe o que pode oferecer para você para conhecer a rádio, então vá para o curso. Então as pessoas foram para o curso e gostaram do curso, vinham animados do curso, mas depois a demanda fazia com que deixássemos para depois, isso ainda não está feito, ninguém abraçou, tem um grupo pequeno abraçando e acreditando, então eu vou continuar fazendo o que estava e vou ficar ligado na rádio e começamos assim.

A Coordenadora Z se perguntava, então, se estava correto dar a formação para todo mundo e não ter as pessoas que tomaram formação para dar continuidade. A dúvida se diluía com a compreensão da construção coletiva e isso fechava a questão de não negar conhecimento para ninguém.

A equipe pedagógica foi formada pelas professoras da escola que estavam presentes no projeto nos horários vagos e determinados por elas, a partir de um cronograma pessoal: uma ia às segundas, outra às terças, e outra às quartas-feiras, porém, não se apropriaram tanto quanto os meninos. A Coordenadora Z indaga se ainda passam por uma desconstrução para construir de novo. Um novo olhar sobre a educação.

Indagada sobre como a rádio funciona na Casa da Juventude, a Coordenadora Z conclui não haver problema; o projeto foi pensado também, além da escola, na Rede Reprotai, pois os meninos foram da escola e estavam na escola pública, e a idéia era fazer o 'link' envolvendo os meninos.

Finalizando sua entrevista, a Coordenadora Z aponta a falta da internet como o maior problema enfrentado pela escola.

COORDENADORA Z - Eu ficava arretada da vida sabia? Eu me perguntava, porque tem que ser só pela internet? Pega muito mal a internet, porque aqui no conjunto é um cabo só para fazer toda a internet daqui, imagine quando esse povo todo resolve entrar na internet que confusão dá. Então acontecia de várias vezes cair, saía o fio, às vezes ficávamos esperando e só tinha um menino que ficava cuidando de todo mundo. Esse menino botou um *modem* aqui, mas não deu muito certo porque alguns lugares funciona, noutros não e era uma agonia. Nós não temos dinheiro para colocar uma internet boa, uma Velox, então fomos ver na Casa da Juventude como era botar internet, foi pior e até hoje é um sufoco naquela casa.

A rádio web hoje está fora do ar, e está se mudando para uma casa melhor. A idéia é de colocar Velox, internet banda larga com o dinheiro da própria Coordenadora Z, que está de mudança para a casa também, para viabilizar este projeto.

15.8.2 – Questionários

Os questionários foram disponibilizados aos gestores que fazem parte do Grupo A e aos professores dos turnos matutino e vespertino que fazem parte do Grupo B.

Com relação à utilização das TIC no contexto escolar, os gestores vêem como uma mudança na educação e nos alunos, e um forte aliado na vida dos envolvidos, um recurso poderoso; porém, ainda se preocupam com a exclusão social.

Quando questionados sobre quais mudanças eles acreditavam que ocorreriam na escola com a implantação da rádio web, os gestores acreditam numa abertura na comunicação, numa divulgação do que se produz na escola, na sala de aula, aprender com as informações que os educadores e educandos iram compartilhar, libertando os saberes. Há, no entanto, que se criarem mecanismos para que a internet chegue a todos os locais e de forma barata, senão gratuita.

Quando perguntei aos gestores sobre como a escola pode ajudar os professores e alunos na utilização da rádio web no sentido de compartilhar suas idéias, responderam que a escola deveria dar acesso a todos de forma irrestrita, além de abrir seus espaços à comunidade em horários determinados, pensar com os educadores e educandos formas de compartilhamento de culturas na criação dos conhecimentos. A abertura da escola para a comunidade foi uma posição unânime de todos, mas alguns defenderam que fosse de maneira restrita em relação a horários de aulas.

Os gestores também acreditam nas mudanças em seus alunos de forma perceptível, pois passaram a se organizar. A comunicação de forma comunitária e na web leva saberes, traz saberes, e cria novos saberes. Também foi notada uma responsabilidade maior dos alunos, além de uma formação cidadã mais crítica.

Finalizando o questionário, foi perguntado aos gestores “quando na escola há uma reflexão sobre o que de bom e ruim a utilização das mídias nas produções dos alunos na rádio web?” Foi-me respondido que acontece nas reuniões pedagógicas gerais, nas reuniões pedagógicas específicas, nas reuniões dos alunos. Os pontos positivos mais acusados foram a autonomia, organização das tarefas, tempo para cada grupo, nascimento de lideranças e incentivo de comunicação entre eles. Já os pontos negativos foram o tempo curto para atendimento das demandas, falta de educadores para acompanhar os adolescentes e medo de permitir aos adolescentes mais autonomia.

As duas primeiras perguntas feitas para os professores sobre como se vê a utilização das TIC na escola e quais mudanças ocorrerão nos alunos e escolas com a implantação da rádio web foram as mesmas feitas aos gestores. Suas respostas sustentam a importância do uso das tecnologias que auxiliem no processo de desenvolvimento das linguagens, gerando mudanças na facilidade de comunicação e aprendizado, e também a aplicação das experiências adquiridas com as tecnologias em suas vidas.

Com relação a situações de aprendizagem onde são propostas as produções escolares na rádio web, os professores acreditam que manter a internet na escola e de boa qualidade é um fator importante nas disciplinas, além de informar coletivamente dentro e fora do espaço escolar, e de potencializar a imaginação e a ludicidade.

Já quando questionados o que os professores podem construir junto aos alunos utilizando a rádio web no compartilhamento de idéias, os professores indicaram diversas coisas, entre elas a criação e apresentação de histórias, notícias, solidariedade entre ambos, informações das disciplinas, compartilhamento de conhecimentos, entre outros.

Finalmente, foi perguntado se a participação dos alunos na rádio web modifica a criticidade e alicerça a formação cidadã, os professores responderam que sim; porém, percebi que o entendimento de formação cidadã crítica ainda não está muito claro para eles, pois as respostas passam por formação social e intelectual sem ao menos perceber o contexto em que a pergunta foi feita.

15.9 - Percepção dos interagentes

Nesta parte vamos lidar com os interagentes e saber quais suas percepções diante deste processo de implantação da rádio web e de suas produções.

Os Coordenadores e tutores da rádio web na escola Comunitária Luiza Mahin também são alunos. Então, além do questionário fiz entrevistas com Tutor K, que coordenava o período vespertino, e o Tutor L, coordenador do turno matutino, e classificados no Grupo B. Vamos chamar os Professores citados nas entrevistas de Professores D, E, e F, além de um morador, Morador M, que alugou o espaço para a Casa da Juventude, onde a rádio web foi implantada.

15.9.1 - Entrevistas

A entrevista com o Tutor L também consistiu nas duas questões, baseadas na implantação da rádio web na escola e a estruturação do grupo de atuação. O Tutor L discorre sobre sua participação de forma simples, porém não menos profunda.

A sua aproximação com a rádio deu-se depois de um tempo, para ajudar o Tutor K, que estava sozinho no projeto, já que estava desinteressado a respeito do projeto.

TUTOR L - É porque eu não estava muito interessado na rádio, para falar a verdade, eu estava indo por ir, só para passar para a Instituição. Depois disso é que veio meu interesse, quando vi os aparelhos, vi o Tutor K mexendo e mostrando o que ele aprendeu no curso e isso fez com que eu me interessasse um pouco, não muito, mas eu percebi que tinha que ajudar o Tutor K porque ele estava sozinho nessa, porque as pessoas daqui não sabiam mexer nos aparelhos e só tinha, então, eu e ele.

Curioso estabelecer que através do relato do Tutor L, ele só soube que o projeto seria implantado na escola quando estava em reunião na UFBA para apresentação do mesmo.

TUTOR L - Não sabíamos, a coordenadora que foi convidada da entidade sabia, agora quando foi passado para a gente sobre essa reunião foi em cima da hora que nós ficamos sabendo e foi dito que tinha uma formação para vocês irem, e quando nós ficamos sabendo já foi lá, e quando chegamos lá eles conversaram com a gente em uma reunião de coordenação, conversou com o Tutor K e perguntou se queríamos tocar a rádio, se estávamos interessados em continuar com as formações para a rádio chegar aqui, e eu fiz uma colocação dizendo que ficaria, e não entendi algumas coisas lá também e passei um relatório e em todas as formações que tivemos passamos relatório para a Instituição.

Aí eu disse que iria ficar, só que não muito interessado porque fui avisado em cima da hora, mas tudo bem e fiquei só eu e o Tutor K mesmo nas formações para trazer o rádio para cá, e foi essa a situação.

O começo do projeto da rádio web na Luiza Mahin aconteceu, em um primeiro momento, com apenas duas pessoas e mais uma Coordenadora, para a seguir, ser transmitido a outros jovens da comunidade.

TUTOR L - Nós estruturamos depois que eu e o Tutor K fizemos as formações. Fizemos uma reunião interna, eu e o Tutor K, e concluímos que não daria certo só nós dois e que tínhamos que colocar mais pessoas para acompanhar a gente. Teve até umas formações depois que tinha terminado, e aí tiveram outras formações onde nós que mobilizamos os meninos para que fossem mesmo e levamos uma Kombi cheia para as formações, teve aqui mesmo uma formação em que eles participaram, só que infelizmente não ficaram.

O Tutor L, através da entrevista, discorre sobre as dificuldades de ter um grupo de trabalho e que os jovens buscavam mais prática do que teoria e que isso gerou, segundo ele, um desinteresse em relação ao projeto. Sua postura em relação ao companheiro Tutor K possibilitou a implantação da rádio web na escola e também na formação de uma equipe de trabalho.

Outro fator fundamental para o desenvolvimento do projeto esbarrou na impossibilidade de conexão por parte da escola. O Tutor L informa que a escola não teve condições de conservar a internet em seus meios, prejudicando assim o desenvolvimento do trabalho. Vale lembrar que uma rádio web só acontece através de sua conexão pela internet. O pouco tempo de curso foi também um fator determinante para o surgimento de problemas no andamento do mesmo.

TUTOR L - Deu um pouquinho de problema porque colocar uma rádio web no ar não é passar por três ou quatro dias de curso, não é assim, tem que passar um bom tempo mesmo fazendo curso e eu e o Tutor K estávamos mesmo a fim de colocar essa rádio para frente, mais particularmente ele do que eu, mas eu queria muito ajudar ele, e a gente foi anotando tudo, qualquer coisinha a gente anotava. Os aparelhos chegaram na comunidade e eu não estava, quem me falou foi o Tutor K que os recebeu.

Houve um fator diferente em relação à implantação da rádio web na escola, pois para que o projeto desse certo foi necessário, através da Casa da Juventude, alugar uma casa para que pudesse ser desenvolvido. A princípio, alugou-se a casa de seu Morador M e logo depois uma outra casa foi disponibilizada.

TUTOR L – Bom, a gente está começando aos pouquinhos. Primeiro estamos na nova Casa da Juventude e quando esta sobe o aluguel acontecem os imprevistos de ter que se mudar. Ainda estamos sem internet, mas estamos já para colocar e botar a rádio no ar e vamos fazer uma nova reunião com a Rede de Adolescentes e Jovens que é chamada de Reprotai, que tem 70 adolescentes e vamos tentar articular com esses meninos para formarmos um grupo para colocar a rádio para frente.

O Tutor L finaliza afirmando que o projeto é extremamente interessante para a comunidade da escola e que há, em um futuro próximo, interesse em trabalhar com as crianças da Escola Luiza Mahin, e que a experiência com o vídeo e as crianças servirá de base para trabalhos em áudio.

O outro tutor entrevistado, o Tutor K, respondeu a duas questões, assim como o Tutor L, porém de forma mais estruturada, pois esteve desde o começo à frente do projeto. O tutor K relata de sua expectativa em relação à sua implantação e de como se decepcionou, pela falta de um melhor entendimento, quando não conseguiu tocá-la adiante.

TUTOR K - Para mim as expectativas estavam bem elevadas, eu pensei logo, até que enfim vamos botar uma rádio na comunidade, que na verdade falava assim rádio web, eu imaginei que fosse pela internet, mas que as pessoas na rua teriam acesso ao estar ouvindo, então eu pensei assim, enfim nós vamos poder colocar músicas de qualidade onde a gente não toca só na comunidade esses pagodes com essas letras que estão acabando com a autoestima das mulheres. E aí a autoestima foi, e criamos um projeto e tudo, a programação, só que tomamos um banho de água fria, como dizem, porque não dava para as pessoas acessarem a rádio porque era só pela internet. Aí veio a idéia de colocar caixa (rua), só que essa ideia não foi colocada em prática, não foi implantada, e a expectativa foi baixando muito, e agora ela está retornando porque nós vamos estar colocando, estamos juntando até dinheiro para colocar as caixas na rua, independente da internet, que mesmo sem internet ela pega, só precisa da caixa.

Além disso, relata a dificuldade de se ter um local onde a rádio web pudesse funcionar e estabelecer com a comunidade a sua intencionalidade, ademais a idéia de se ter uma rádio na comunidade proporcionaria uma relação melhor entre educação, cultura e novos conhecimentos.

O Tutor K discorre também a respeito do acompanhamento dos gestores do projeto, bolsistas do GEC, na formação e instalação dos equipamentos.

TUTOR K - Quando o Bolsista G começou a explicar as coisas, eram cheias de códigos, era si, era não sei o quê, acabou que como não exercemos isso, acabamos não memorizando. O que pegamos foi a parte mais fácil que era armar a mesa; nós esquecemos, por exemplo, onde conectava os cabos, e até hoje esquece, quando tiramos do lugar, demoramos muito para colocá-lo de volta, e colocar a rádio no ar através de, deixa eu ver, não que ficou tudo automático, ele colocou tudo automático para clicarmos na internet e ele aí entrava automático.

A partir daí pode-se notar que a dificuldade de colocar a rádio no ar foi um fator determinante para seu funcionamento, além, é claro, da conexão com a internet, que dependia de recursos financeiros, indisponíveis, como vemos, na escola e Instituição.

O funcionamento da rádio web teve duração curta e isso, a meu ver, inviabiliza o seu desenvolvimento e impossibilita a sua continuidade, pois há a necessidade que o computador esteja todo o tempo ligado e logado. Ao se desligar o computador a rádio sai imediatamente da rede, e sua volta não garante seu retorno ao ar.

TUTOR K - Pouco tempo. Nós, na verdade, não demoramos muito tempo para entrar no ar, e também não demorou muito no ar (risos). E aí vimos os problemas, que são necessários, para podermos ver e resolver, mas o problema pior foi o da internet mesmo, que não tivemos como resolver.

Com a impossibilidade de entrar em contato com os bolsistas do GEC para pedir ajuda, e também de uma proximidade maior de ambos os lados, os problemas foram se resolvendo à medida que era possível e quando conseguiam se comunicar pela internet, e também na lista das soluções postadas no Moodle.

TUTOR K - Algumas coisas foram solucionadas, e outras não. A internet ajuda, mas também prejudica. Se você está sempre lá, olhando e se atualizando, ela vai ajudar a partir do tempo de cada pessoa. Se nós não temos muito acesso para ficar toda hora atualizando, ela vai prejudicar. E nesse caso ela resolveu algumas coisas e outras não. O que podíamos

fazer era isso, era pegar as perguntas, as soluções que tinham na lista e transcrever aqui para nós.

Houve também, com toda esta dificuldade, problemas relativos à manutenção dos equipamentos.

TUTOR K - Só um dos computadores, a memória falhou, mandamos um e-mail e ninguém do RIPE respondia, e o computador não pode ficar parado, e como eu tomei um curso de manutenção, fui lá e resolvi, e deu certo.

Em relação à programação da rádio web, o Tutor K relata, assim como o Tutor L, que basicamente só músicas foram tocadas e que aproveitaram algumas bandas da comunidade como a Banda Baianos, as Meninas do Rap, além dos acervos, em *creative commons*, disponibilizados pelo Bolsista G do GEC.

Outra preocupação em relação à rádio era a de como ela iria se relacionar com os comércios locais para parcerias e divulgações, além da premissa educativa que ela caracterizava.

TUTOR K - Tivemos uma reunião, a Professora F e eu, sobre a questão da divulgação de mercadinhos, bancos, estas coisas assim, e a Professora F dizia que tinha de cobrar tanto, e eu dizia que não podia cobrar porque o projeto tem fins educativos, e chegamos à conclusão que a rádio vai voltar, mas que nós vamos pedir uma contribuição deles, por exemplo, um mercadinho que vende alimentos pode dar tanto de alimentos e a gente vai fazer a divulgação de seu mercadinho e fazer esta troca, se a Casa da Juventude não tem dinheiro para estar mantendo a internet, luz, água, a comunidade tem que ajudar, então é uma troca, e eu acho que isso está dentro do projeto de educação.

O Tutor K completa, ao finalizar sua entrevista, que a experiência com a rádio no ar teve duração de um mês e meio, em períodos contínuos de dois dias, ao que se conectava, após nova queda, e durava mais dois dias. O tempo prático de formação dos meninos foram esses dias, com a colocação dos acervos de músicas, além das faltas por compromisso com a escola; porém, quando compareciam tinham um ótimo aproveitamento.

15.9.2 - Questionários

Os questionários disponibilizados aos alunos fazem parte do Grupo C e foram respondidos pelos alunos do projeto nos turnos matutino e vespertino, além dos tutores destes dois turnos.

Com relação aos resultados obtidos, verificou-se que na questão da utilização das TIC na escola os alunos gostaram do que aconteceu, vendo-se inseridos e interagindo com as tecnologias, e se desenvolvendo com uma proposta considerada boa; porém, há uma ressalva pelo pouco suporte que tiveram do RIPE.

Já quando perguntados sobre se ocorreram mudanças na escola com a implantação da rádio web, os alunos associaram-na com o aprendizado que tiveram com o projeto e que este ajudará na escola, pois acreditam que na escola não são incentivados a fazer e pensar; com a rádio web, eles puderam vivenciar os dois ao mesmo tempo, e os professores que estavam associados ao projeto poderiam utilizar os aprendizados em sala de aula. No entanto, ainda se sentiam despreparados pela ausência da rádio no ar, mas se sentiam entusiasmados na construção de um meio diferenciado de comunicação para a escola e para a comunidade.

Os alunos responderam de forma construtiva a respeito do que a escola pode fazer para que eles e os professores utilizem a rádio web no compartilhamento de idéias, pois foram discutidas em grupo e de forma criativa, socializando os conhecimentos e seus trabalhos, além do contato com as outras pessoas. Falaram sobre o controle da mídia convencional e a oportunidade que a rádio web lhes oferece na desconstrução destas supostas verdades, com a comunicação da comunidade.

Quando perguntei no questionário se a implantação da rádio web promoveu mudanças visíveis nos alunos, as respostas foram unânimes em dizer que sim, desde uma suposta ajuda na carreira profissional, na maneira de se comunicar com amigos e na rede até vencer uma timidez. Os alunos indicaram que houve mais comunicação, construção de regras de convivência melhores, além da grande oportunidade de colocar no ar idéias e ações que possam melhorar a vida das pessoas da comunidade.

E, finalmente, quando perguntado em que período acontece uma reflexão sobre o que de bom e de ruim da utilização das mídias sobre as produções deles na rádio web, os alunos responderam que há a necessidade de continuar na internet produzindo, unindo forças para esta realização, pois

faltou muita coisa para um desenvolvimento melhor de todos. A falta de recursos para que a rádio continuasse na internet e uma presença maior de alunos também foram citados como aspectos a ser revistos neste projeto.

CONCLUSÃO

As fronteiras de um livro nunca são bem definidas: por trás do título, das primeiras linhas e do último ponto final, por trás de sua configuração interna e de sua forma autônoma, ele fica preso num sistema de referências a outros livros, outros textos, outras frases: é um nó dentro de uma rede.

Michel Foucault

O objetivo deste trabalho é trazer contribuições para a área de tecnologias contemporâneas na educação, na produção cultural e na formação cidadã. Em primeiro lugar desvendar como acontece a implantação de uma rádio web na Escola Comunitária Luiza Mahin, no bairro do Uruguai, Península de Itapagipe. E em segundo, sem importância de ordem, de que maneira as ações e criações coletivas na rádio web, destes meninos, interferem no dia a dia dos alunos, professores e gestores desta unidade, promovendo ou não uma melhoria da qualidade de ensino e na formação da cidadania. As hipóteses consideram os elementos táticos encontrados na educação, na comunicação e nas tecnologias contemporâneas e verificam sua aplicabilidade nesses focos de estudo.

A tecnologia contemporânea na comunicação e na educação é prática relativamente recente, que requer maior investigação. É importante, entretanto, compreender o conceito de forma completa, como uma maneira de produzir conhecimentos e culturas, a partir da troca de informações e de saberes, obtidos de forma colaborativa e reflexiva, em interação com as diferentes mídias e seus suportes introduzidos nas escolas e nas comunidades envolvidas – contribuindo, assim, para a transformação teórica e prática da realidade da educação.

É importante ressaltar que o contato direto com a Escola Comunitária Luiza Mahin proporcionou-me um entendimento além do que esperava, pois me deparei com as perspectivas de seus membros, em seus diferentes pontos de vista, em relação ao que poderiam produzir no futuro. Descobri novas formas de relacionamentos e de entendimentos da realidade da comunidade, e transpus a teoria, como ponto de partida, exposta no problema para a realização do conhecimento.

O objetivo de descrever a implantação da rádio web na Escola Comunitária Luiza Mahin, integrante do Projeto RIPE, considerando a participação dos professores e alunos nesta implantação foi cumprido.

Os equipamentos chegaram à escola de acordo com o kit proposto pelo Projeto RIPE. Para que os componentes da escola pudessem desenvolver o trabalho, foram oferecidas oficinas e cursos de treinamento para todos em diversas datas e com diversos professores.

Os obstáculos encontrados pelos gestores e professores concentraram-se na falta de conhecimento de informática, na dificuldade de manipular os equipamentos e no desinteresse por assuntos atuais que necessitam de atualização. A Escola Comunitária Luiza Mahin tem como uma de suas metas aproximar seus professores e gestores das TIC, para que se possa aplicá-las na escola.

A partir da apresentação dos cursos, o quadro de educadores da escola afunilou-se, constituiu-se em um perfil mais jovem, as professoras mais experientes não conseguiram acompanhar e foram deixando de participar das discussões para ficar à margem do processo. Evidencia-se, assim, que o fortalecimento do professor é muito importante para que a educação possa trabalhar com as tecnologias e superar os desafios do mundo contemporâneo.

Entendo que o Projeto RIPE deveria ter pensado em soluções melhores para estes professores. Como o projeto trabalha com escolas públicas e localidades periféricas, era óbvio deduzir que os professores estariam, pelo menos uma grande parte, defasados, desanimados pelos baixos salários e reticentes para projetos do porte do RIPE.

Compreendo que toda ação deva ser elogiada, e um projeto como esse deve ser expandido para quantas escolas for possível; porém, sua estrutura de aplicação ainda está longe de ser eficiente.

Quando entrevistados e questionados, todos os componentes foram unânimes em afirmar que faltou na implantação uma atenção maior dos gestores do projeto tanto na manutenção e manejo dos equipamentos para que os meninos pudessem resolver seus problemas e ter a atenção necessária quando requisitada – fato que muitas vezes não ocorreu – quanto na execução dos cursos e oficinas que foram de curta duração, uma reclamação e uma lamentação de que não eram mais longos para que enfocassem maiores elementos, e deixaram lacunas entre seus participantes.

O projeto tentou algumas ações de forma tímida como envio de mensagens de texto para celulares para agendar conversas, para incentivar uma maior participação, que nada significaram a meu ver, pois por muitas vezes nem olhamos os recados de nossos celulares. Além disso, ainda informaram sobre novos materiais disponibilizados no Moodle, que requer meses de curso para que se possa, nele, trabalhar satisfatoriamente.

O Relatório RIPE 2010 assinala que a falta de articulação nas escolas entre corpo diretivo e corpo docente foi um fator de dificuldade e de interferência no desenvolvimento do projeto. Contudo, na Escola Comunitária Luiza Mahin tal fato inexistiu. Por ser uma escola comunitária onde pais e professores desenvolvem seu campo de atuação, a relação entre todas as pessoas da escola é exemplar em um universo tão amplo. Os gestores e os professores, além das cozinheiras e faxineiras, participam como educadores o tempo todo, proporcionando aos alunos uma visão bem ampla de comunidade.

Outro fator que a coordenação da escola credita ao fato do insucesso foi que o programa utilizado pelo projeto era Linux, software livre, que causou grande dificuldade em seu manejo. Também foi assim com a manutenção; a coordenadora acredita que a manutenção do Linux era inviável, já que os meninos, bem como o corpo docente utilizavam o software proprietário Windows, além de terem feito um curso de manutenção com o mesmo software.

Devo então esclarecer, sob minha ótica, que quando era membro do GEC, utilizei os softwares livres disponíveis em sua sala, e em nada desabono a sua utilização. São muito parecidos em seu layout com os proprietários, e de fácil manuseio. Os softwares livres representam a liberdade de criar coletivamente, já que foram desenvolvidos dessa forma. Acredito que a falta de uso, aliada a um marketing poderoso da Microsoft, foram os fatores que levaram a coordenação da escola a chegar à conclusão referida no parágrafo acima.

A maior dificuldade encontrada com os equipamentos pelos seus participantes foi a da internet. A escola não dispunha de banda larga para que a rádio web pudesse estar online o tempo todo, gerando problemas e decepções. A deficiente infra-estrutura da escola, aliada à falta de condições financeiras, dificultou em grande parte a implantação dos equipamentos de áudio.

A conexão da Escola Luiza Mahin é de 256 kbps. É muito baixa e impossibilita que a rádio fique por muito tempo online, dificultando assim, os trabalhos de seus componentes. Além disso, é muito comum nessa região cortes de energia que duram de dois a três dias. Outra opção, e que foi ventilada pelo Projeto RIPE é a conexão via rádio; porém, seu baixo alcance, 256 kbps também, inviabiliza sua escolha.

A internet conectada por banda larga é a mais indicada para esses casos, no entanto são muito caras e não estão à disposição, pelo menos por enquanto, a todas as escolas.

Segundo o Ministério das Comunicações, quase 70% das escolas urbanas do país estão conectadas à internet, sendo, 4026 escolas públicas conectadas no estado da Bahia, segundo dados da Anatel. Uma primeira versão do projeto de banda larga para as escolas foi elaborada a partir de uma negociação do governo com as concessionárias de telefonia fixa e lançada em 2008 e tem como meta conectar à internet pelo menos 92% das escolas urbanas até o final de 2010. (RELATÓRIO RIPE, 2010)

A escola ficou a maior parte do tempo sem internet, e isso comprometeu seu desenvolvimento e sua estrutura. A internet desempenha hoje um papel de convergência social, econômica, política e cultural, e o direito a seu acesso é fundamental para a confirmação dos direitos humanos de forma democrática. A possibilidade de trocas e composições entre seus pares reafirma a diversidade cultural no Brasil, afirmando as identidades dos locais onde estão inseridas, proporcionando um intercâmbio entre as culturas.

O objetivo de analisar as produções colaborativas em rádio web dos estudantes desta instituição de ensino não foi cumprido pelo fato de que nenhum programa foi feito neste tempo de duração do projeto.

No período de um mês e meio em que a rádio ficou no ar, apenas músicas foram executadas – a maioria já previamente gravada e licenciada em *creative commons* e disponibilizada em podcast pelo Projeto RIPE. Observei que, com exceção de músicas de duas bandas da comunidade, e a divulgação, com gravação feita em estúdio preliminarmente, das terças culturais e de outros grupos culturais do Uruguai, foi somente isso que a rádio executou. Muito pouco para um enorme potencial comunicativo.

A rádio, quando implantada, trouxe a seus participantes um enorme grau de expectativas e havia, entre todos, uma boa noção de sua potencialidade e o que ela poderia proporcionar à comunidade.

Com o passar do tempo e um grande número de dificuldades, os meninos foram se decepcionando e deixando de lado os potenciais programas que poderiam surgir. Em entrevista foi me passado que havia um projeto para confecção de programas, além de reuniões às quintas-feiras para definir o que se faria; todavia, nada saiu do papel.

Nas oficinas de roteiro oferecidas pelo RIPE faltou, em minha opinião, a confecção de programa piloto para ajudá-los e orientá-los depois na confecção de seus próprios programas, a partir da cultura de sua comunidade. Uma lacuna abismal na formação.

Outro ponto destoante do projeto aconteceu na oficina de locução. Com um curto período de duração, sua estrutura foi fraca para as necessidades apresentadas. Os participantes disseram que não estavam prontos para a locução e que ninguém queria colocar sua voz no ar. Conclui-se que as gravações antecipadas, então, foram a única maneira e o único elo com o microfone de áudio que eles tiveram.

O objetivo de refletir se e como a implantação da rádio web promoveu mudanças na percepção e trato dos alunos acerca dos problemas e temas do seu cotidiano foi parcialmente cumprido, pois a rádio não ficou no ar por tempo suficiente, não tendo tempo, portanto, de produzir programas e nem de discutir problemas sociais e culturais.

Os jovens, assim como os professores, coordenadores e a diretora da escola tinham como meta propagar na comunidade as experiências vividas e os conhecimentos adquiridos a partir de suas vivências e composições em grupo. Criar espaços dentro das escolas, das instituições e da comunidade para pensar sobre suas realidades, buscando saídas para sua melhoria.

Com o trabalho na rádio web, eles acreditam que é possível educar e transformar a vida, as relações pessoais e comunitárias, conceber novas possibilidades de atuações profissionais, além de conscientizar as pessoas da importância histórica de suas ações.

A rádio web da Escola Luiza Mahin proporcionaria aos componentes do projeto uma possibilidade de sistematizar, com um propósito comum para produzir resultados estruturados para o benefício de todos na escola e na Associação da qual ela faz parte.

Foi frustrante constatar que os meninos, assim como as meninas, e que aqui fica generalizado em jovens, tinham uma grande expectativa em relação ao que poderiam fazer e discutir. A minha ida ao estúdio de rádio na casa alugada do Morador M em frente à escola deu-se por várias vezes e em todas elas a sensação era de desperdício por ver aqueles equipamentos desligados, e esperando para serem utilizados.

Os jovens, assim como a Casa da Juventude e a Escola Luiza Mahin, alugaram uma nova casa para que a rádio possa se desenvolver. Pelas dificuldades encontradas para se conectar com a internet, caixas serão espalhadas, de forma estratégica, pelas ruas do entorno para que possam cumprir seu papel social e cidadão. Pelas declarações da Coordenadora Z, coordenadora da Casa da Juventude e pelo apoio que a Escola Luiza Mahin continuará dando, o projeto da rádio será levado adiante como comunitária e como web, já que terão, e espero que realmente tenham, internet de melhor qualidade.

O compromisso é uma proposta da Associação Santa Luzia mantenedora da escola e da casa como meta, conscientes de que a tecnologia atrai os jovens através de projetos para ocupá-los e afastá-los das drogas e da criminalidade, a princípio, para depois conscientizá-los sobre cidadania, para aprender mais, sentar, dialogar, conseguindo assim formar homens para uma vida melhor.

Como objetivo pessoal dos jovens, percebi que os indivíduos pretendiam adquirir com o projeto muitos conhecimentos através das trocas e da construção coletiva, tornando-se cidadãos mais conscientes para contribuir com a sociedade. Como objetivo coletivo com a escola e a instituição, constatei uma oportunidade de troca de experiências para poder discutir e aprofundar na análise dos erros e acertos e descobrir novos caminhos para divulgar seus trabalhos.

Como rádio, que desempenha um papel na sociedade, mostrar que todos podem contribuir para melhorar a comunidade, podendo influenciá-la de forma positiva em sua ação. Este Projeto pode ser um exemplo de como se pode atuar para mudar. Mostrar como se fica mais forte através da

união, da solidariedade. A comunidade ficará sabendo como os jovens são capazes de pensar e fazer algo para melhorar o mundo, mostrando, assim, que todos são capazes.

Concluo que, apesar de os jovens não estarem efetivamente trabalhando com a rádio web no ar, têm a possibilidade de discutir programas, de analisar a importância de um projeto como esse e de vislumbrar a realização de programas de rádio através de seus relacionamentos pessoais entre os pares, na escola e na comunidade. Isso vai possibilitar uma análise em suas vidas, fazendo-os perceber os problemas para que busquem soluções.

Assim, a análise a partir das produções dos alunos com a rádio web implantada, a importância da introdução e uso desta mídia no desenvolvimento da capacidade de desenvolver o senso crítico e a criatividade dos estudantes – por acreditarmos que exista uma estreita relação entre utilização crítica e criativa da mídia e a formação de cidadãos aptos para intervir positivamente na realidade social por meio da interatividade e criticidade possibilitada por estas mídias –, foco central deste estudo, foi contemplado e desenvolvido.

A pesquisa sugere algumas questões para estudos futuros, como a pesquisa exploratória, que induz que o pesquisador dê continuidade não somente ao tema atual, mas também a outros levantados ao longo do processo.

Quanto ao tema atual, é importante ressaltar a possibilidade de uma pesquisa sobre histórias de vida, para que os resultados possam ser analisados através de experiências pessoais e mais amplamente generalizados.

Em relação a outros temas correlatos, sugere-se uma pesquisa bibliográfica, levantando-se, com maior nível de aprofundamento, as contribuições das diversas discussões na área de tecnologias contemporâneas na educação, na produção cultural e na formação cidadã.

Pelo referencial teórico pesquisado, observou-se que vêm sendo realizadas propostas de modelos que expliquem como rádio web e escola vêm se relacionando e produzindo elementos de formação cidadã entre os jovens, professores e diretores, além da comunidade.

A pesquisa realizada, embora tenha buscado entender como se processa a implantação de uma rádio web na escola e de como ela desenvolve o senso crítico, modificando as relações entre os

alunos, não deixou de observar uma forte ligação entre esses modelos e a comunidade, percebendo que na comunidade a confiança é a base para o comprometimento; a confiança e o comprometimento conduzem ao estabelecimento da cooperação; a cooperação viabiliza a construção e entrega de valor, gera uma relação de longo prazo; a relação de longo prazo realimenta a cooperação e a confiança.

Sugere-se, portanto, para estudos posteriores, que essas relações sejam verificadas. Essa investigação representaria interessante contribuição ao conceito e aos estudos que vêm sendo realizados na área da educação, comunicação e tecnologias.

As indicações para estudos posteriores aqui apresentadas não têm a pretensão de esgotar todas as possibilidades, mas apenas de enfatizar alguns temas que, ao longo do estudo, suscitaram curiosidade. Todas essas curiosidades sugerem que muitas pesquisas científicas podem ser feitas.

Ao concluir esta pesquisa, e pelas reflexões aqui contidas, considero essencial que este, como outros projetos futuros sejam compostos, e aí de forma especial, às reais necessidades das escolas públicas. Sei que projetos como este não resolveram os grandes problemas estruturais de nossa educação; porém, pelo seu apelo na formação de uma cidadania mais crítica, tornam-se essenciais para uma discussão nas comunidades.

Essas práticas nas comunidades se legitimam como ações educativas e superam as políticas pensadas em gabinetes luxuosos por especialistas defasados. Demandam um grande envolvimento de professores, pais e alunos de forma democrática e legitimamente populares, fundamentais para a educação.

Além de expectativa, torna-se desejo de que essa pesquisa possa colaborar de alguma maneira nessa reflexão. Acredito que a criação de políticas públicas participativas e colaborativas, centradas nas culturas comunitárias e populares, constituam uma possibilidade de formação de redes comunicativas que educam e discutem a cidadania.

REFERÊNCIAS

Livros

AGUIAR, R. C. Almanaque da Rádio Nacional. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

ALMEIDA, M.E.B; ASSIS, M.P - Web Currículo: Integração das Tecnologias na Educação, publicado nos anais do XV ENDIPE – Belo Horizonte 2010

ALVES, R. P. A. S. Rádio no ciberespaço – interseção, adaptação, mudança e transformação. Trabalho apresentado no Núcleo de Mídia Sonora. XXVI CONGRESSO ANUAL EM CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

BARBERO, J. M. Heredando el futuro. Pensar la educación desde la comunicación. Nómadas, Bogotá, n. 5, p. 10-22, septiembre de 1996.

_____. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

BARBEIRO, H; LIMA, P. R. de. Manual de radiojornalismo. Produção, Ética e Internet. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

BELLONI, M. L. O que é mídia-educação. Campinas: Autores Associados, 2005. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo).

BELTRÃO, Luiz. Folkcomunicação: A comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

BIANCHETTI, L; FERREIRA, S. de L. S. As tecnologias de informação e comunicação e as possibilidades de interatividade para a educação. In: PRETTO, Nelson De Luca (org.). Tecnologia e novas educações. Salvador: Edufba, 2005.

BIANCO, Nélia Rodrigues; MOREIRA, Sônia Virgínia (org.). Rádio no Brasil: tendências e perspectivas. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999. p. 41-60.

BONILLA, M. H. S. Escola aprendente: para além da sociedade de informação. Rio de Janeiro: Quartet, 2005 (Série Cibercultura e educação).

BORDENAVE, J. E. D. Além dos meios e mensagens. Introdução à comunicação como processo, tecnologia, sistema e ciência. Petrópolis: Vozes, 1983.

BRANDÃO, Cristina. O grande Teatro Tupi do Rio de Janeiro: O Teleteatro e suas múltiplas faces. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

BRECHT, B. 1998. In: ORTRIWANO, Gisela Swetlana. Rádio: interatividade entre rosas e espinhos. Revista de Estudos sobre práticas de recepção a produtos mediáticos. São Paulo: ECA/USP. Novos Olhares, nº 2, 2º semestre de 1998. p.13 a 30, 1998.

BURREL, G.; MORGAN, G. Sociological paradigms and organisational analysis. London: Heineman Educational Books, 1982.

CAPISANI, D. Nas Ondas da Hipermissão. In: BENTES, Ivana e ZAREMBA, Lilian (orgs). Constelações da radiofonia contemporânea (3). Rio de Janeiro: Publique/UFRJ, 1999.

CASTELLS, M. A Sociedade em rede - a era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 617 p.

CHAUÍ, M. Convite à Filosofia. São Paulo: Ática, 1999.

COLTRO, A. A fenomenologia: um enfoque metodológico para além da modernidade. Cadernos de Pesquisa em Administração, São Paulo, v.1, n. 11, 1º trim/2000.

CUNHA, M. O Tempo do Radiojornalismo. A Reflexão em um Contexto Digital. Estudos em Jornalismo e Mídia, Vol. I Nº 1 - 1º Semestre de 2004.

EASTERBY-SMITH, M.; THORPE, M. LOWE, A. Pesquisa gerencial em administração: um guia para monografias, dissertações, pesquisas internas e trabalhos em consultoria. São Paulo: Pioneira, 1999.

ELIAS, N. Sobre o tempo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998

FANTIN, M. Mídia-educação: conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

FEDERICO, M. E. B. História da Comunicação: Rádio e TV no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1982.

FERRARI, P. Jornalismo digital. São Paulo: Contexto, 2004.

FIDLER, R. Mediamorfosis - comprender los nuevos medios. Buenos Aires, Granica, 1ª edição, 1997.

FLICK, U. Uma introdução à pesquisa quantitativa. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FEDERICO, M. E. B. História da Comunicação: Rádio e TV no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1982.

FORESTI, J. A. A complexidade da teleducação do Canal Futura. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2001.

FRANCO, M. L. P. B. Ensino médio: desafio e reflexões. 1ªed. Campinas, São Paulo: Papirus, 1994.

GENTILLI, V. Democracia de massas: jornalismo e cidadania: estudo sobre as sociedades contemporâneas e o direito dos cidadãos à informação. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2005.

GODOY, A. S. Introdução à Pesquisa Qualitativa e suas Possibilidades. Revista de Administração e Empresas. São Paulo, v. 35, nº 2, v. 57-63, mar./abr., 1995.

HALL, S. In: SILVA, L. T. da. (org.) Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 2000.

KENSKI, Vani Moreira. Tecnologias e Ensino Presencial e a Distância. Campinas, SP: Papirus, 2008.

KERCKHOVE, D. A Pele da Cultura: Uma investigação sobre a nova realidade electrónica. Lisboa: Relógio d'Água. 1997.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. Metodologia do trabalho científico. 6ª ed. São Paulo: Editora Atlas, 2001.

LDB Lei de Diretrizes e Bases nº 9394 de 1996.

LEMOS, A. Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2004.

LÉVY, P. As Tecnologias da Inteligência: O Futuro Pensamento na Era da Informática, Tradução de Carlos Irineu da Costa, São Paulo: Editora 34, 1993.

_____. O digital e a inteligência coletiva. Folha de São Paulo, São Paulo, julho de 1997, (Caderno Mais, p.3).

_____. A inteligência coletiva - por uma antropologia do ciberespaço. Tradução: Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Loyola, 1998.

_____. Cibercultura. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

_____. O que é o virtual? São Paulo: Ed. 34, 1996, p. 48. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

MARSHALL, T.H.. Cidadania, classe social e status. Rio de Janeiro: Zahar Editores, Trad. Neton Porto Gadelha. 1967

MARTINO, L. C. Abordagens e representações do campo comunicacional. Comunicação, mídia e consumo. São Paulo: ESPM, v. 3, n. 8, nov. 2006.

MATURANA, H. R.; VARELA, F. J. A árvore do conhecimento: as bases biológicas para a compreensão humana. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MCLUHAN, M. A Galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico. Ed. da Univ. de São Paulo. Tradução: Leônidas Gontijo de Carvalho e Anísio Teixeira, 1969.

_____. Os meios de comunicação como extensão do homem. São Paulo: Cultrix; 2002.

MOREIRA, S. V.; BRAGANÇA, A. (Org.). Vinte anos de ciências de comunicação no Brasil. São Paulo: Intercom, 1999.

MORGAN, G.; SMIRCICH, L. The case of qualitative research. *Academy of Management Review*, v. 5, n. 4, p. 491-500, 1980.

MORIN, E. O método IV. As idéias: a sua natureza, vida, habitat e organização. Publicações Europa – América, 1992.

_____. A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. 3ª ed. Rio de Janeiro: Cortez Editora, 2001.

_____. Ciência com consciência. 6ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002.

_____. Amor, poesia, sabedoria. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2003.

MURCE, R. Bastidores do Rádio. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1976.

NEGROPONTE, N. Vida Digital, Companhia das Letras, Brasil. 1995.

OSTROWER, F. Criatividade e Processos de Criação, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1983.

PRETTO, N. de L. Uma escola com / sem futuro. Educação e Multimídia. Campinas: Papirus, 1996.

PRETTO, N. de L.; SERPA, L. F. P. A educação e a sociedade da informação. In: DIAS, P.; FREITAS, C. V. de. Challenges 2001. Actas da II Conferência Internacional de Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação. Braga: Centro de Competência Nónio Século XX da Universidade do Minho, 2001, p. 21-41.

PRETTO, N. L., PINTO, C. da C. – Tecnologias e Novas Educações. *Revista Brasileira de Educação*, v.11, p.19 – 30, 2006.

PRETTO, N. de L.; ASSIS, A. P. Cultura digital e educação: redes já! In: PRETTO, Nelson De Luca; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. (Org.). Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder. Salvador: EDUFBA, 2008. 232 p.

PRETTO, N.; BONILLA, M. H. S.; SARDEIRO, C. Rádio WEB na educação, possibilidades e desafios In: PRETTO, N.; TOSTA, S. P. (Org.), Do MEB à WEB - o rádio na educação. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

PRIMO, A. Quão interativo é o hipertexto? : Da interface potencial à escrita coletiva. *Fronteiras: Estudos Midiáticos*, São Leopoldo, v. 5, n. 2, p. 125-142, 2003.

QUEIROZ, M. I. P. de. Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

RADDATZ, V. L. S. Rádio: um veículo para a cidadania. UNIrevista, v. 1, n. 3, julho de 2006.

SELTTIZ, C. et al. Métodos de pesquisa nas relações sociais. São Paulo: EPU/Edusp, 1975.

SILVEIRA, S. A.. Exclusão Digital: a miséria na era da informação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

TAPSCOTT, D. Geração digital: a crescente e irreversível ascensão da geração net. São Paulo: Makron Books, 1999.

TAVARES, R. C. Histórias que o rádio não contou. 2ª ed. São Paulo: Editora Harbra, 1999.

TRIGO-DE-SOUZA, L. M. Rádios.internet.br: o rádio que caiu na rede. Revista USP, 80 Anos de Rádio, São Paulo, n. 56, 2002.

_____. Rádio & Internet: O Porquê do Sucesso desse Casamento. In: FILHO. A. B.; PIOVESAN, A.; BENECTION, R. (Org.), Rádio. Sintonia do futuro. São Paulo: Paulinas, 2004.

UNESCO Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. A educação para as mídias. Paris, 1984.

VIGIL J. I. L. Manual Urgente Para Radialistas Apaixonados, São Paulo: Paulinas Editora, 1997

VIGOTSKI, L. S. (1998). A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes.

YIN, R. K. Estudo de caso: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2001.

Internet

AMADEU, S.; BIANCA, R. Conceito de cultura digital, 2006. Disponível em: <http://culturadigital.br/o-programa/conceito-de-cultura-digital/>. Acesso em: 11 set. 2009.

AMIN, B. M. V. Interdisciplinaridade - Tecnologias de Informação e Comunicação, 2005. Disponível em: <http://www.portaleducacao.com.br/ensinando/principal/conteudo.asp?id=6091>>. Acesso em: 29 out. 2009.

ANDRIOTTI, C. D. O Movimento das Rádios Livres e Comunitárias e a Democratização dos Meios de Comunicação no Brasil, 2004. Disponível em: <http://www.midiaindependente.org/media/2008/08/426482.pdf>. Acesso em 18 maio 2010.

ARAÚJO, I. F. Olhares sobre educação, segundo Saviani e Freire, 2008, Disponível em: <http://recantodasletras.uol.com.br/artigos/879160>. Acesso em: 10 jul. 2010.

A REDE Tecnologia para Inclusão Social. Conexão Social - O Nordeste está ligado. Disponível em: <<http://www.ared.inf.br/inclusao/edicoes-antiores/48-2009-06-15-06-05-23/174>>. Acesso em: 17 out. 2010.

AZEVEDO, A. Escola e Comunicação: O Rádio com Instrumento de Cidadania, 2009 . Disponível em: <http://www.bemtv.org.br/portal/educominicar/pdf/radiocidadania.pdf>. Acesso em: 19 out. 2010.

BARBOSA M. P. O Rádio na Internet: do Ouvinte ao Usuário, 2006. Disponível em: www.facom.ufjf.br/projetos/1sem_2006/200601DOC/Mariana.doc. Acessado em: 08 mar. 2009.

BORJA, J. La ciudad y la nueva ciudadanía. In: La Factoria nº 17, fevereiro, maio/2002. Disponível em <http://www.lafactoriaweb.com/articulos/borja17.htm>. Aceso em: 24 mai. 2010.

BUFARAH, J. A Rádio na Internet: convergência de possibilidades. São Paulo: Intercom, 2003. Disponível em: <<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/handle/1904/3111>>. Acesso em: 20 mai. 2009.

CADEMARTORI, D. M. L. De; CARDEMATORI S. Cidadania e Direitos Humanos: A Contribuição Garantista, 2008. Disponível em <http://www.andhep.org.br/downloads/trabalhosVencontro/gt1/gt01p02.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2009.

CGI.br - Comitê Gestor da Internet no Brasil. Disponível em: <<http://www.cgi.br/>>. Acesso em: 23 dez./2010.

COMPUTER Industry Almanac Inc. Disponível em: [//www.c-i-a.com/pr0399.htm](http://www.c-i-a.com/pr0399.htm). Acessado em 02 ago. 2009.

D'AQUINO, Sabrina Brognoli. Perspectivas do radiojornalismo e do rádio informativo na internet. São Paulo: Intercom, 2003. Disponível em: <<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/handle/1904/4620>>. Acesso em: 22 jul. 2009.

DERETTI, R. Abordagem Prática da web 2.0 como Ferramenta Educacional, 2008, Disponível em: <http://digital.univille.br/digital/forum/anais.phtml?acao=pdf&idForum=1&idArea=1&idCadastro=21a>. Acesso em: 16 set. 2009.

E-Bit – Informação. Disponível em: <www.ebit.com.br>. Acesso em: 08 nov.2010.

FOLHA de São Paulo. Disponível em: <<http://www.folha.uol.com.br/>> Acesso em: 07 ago. 2010.

FREITAS, H. Nem tudo é notícia: o Grupo Folha na Internet. São Paulo. Dissertação.Pós-Graduação em Comunicação Social. Universidade Metodista de São Paulo, 1999. Disponível em: <http://www.unesp.com.br/unesco/helio/>. Acessado em:12 fev. 2009.

HERMANS H. Disponível em: <http://ometablogue.blogspot.com/2006/04/estrutura-narrativa-do-self-dialgico-e.html>. Acesso em: 17 mar. 2009.

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL, PERÍODO DA SEGUNDA REPÚBLICA, O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932). Disponível em: <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb07a.htm>. Acesso em: 07 mar. 2009.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo 2009. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1435&id_pagina=1. Acessado em: 09 nov. 2010.

IBOPE Inteligência (2010). Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística. Disponível em: <http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=5&proj=PortalIBOPE&pub=T&db=cald&comp=IBOPE+Intelig%EAncia&docid=FF6620647008FBAC83257718004C4AFF>. Acesso em: 16 jun. 2010.

IBOPE Netratings. Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística. Disponível em: <http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=5&proj=PortalIBOPE&pub=T&comp=Grupo+IBOPE&db=cald&docid=8C071AB5DCD38C2183256E890068EDF0>. Acesso em: 19 nov. 2010.

IBOPE Nielsen Online. Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística. Disponível em: <http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=5&proj=PortalIBOPE&pub=T&comp=Grupo+IBOPE&db=cald&docid=8C071AB5DCD38C2183256E890068EDF0>. Acesso em: 22 nov. 2010.

IDC Brasil. Disponível em: <http://www.idclatin.com/why.asp?ctr=bra>. Acesso em: 03 nov. 2010.

IGHB - Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Disponível em: <http://www.ighb.org.br/site2/>. Acesso em: 14 fev. 2009.

INEP Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/pesquisa/thesaurus/thesaurus.asp?te1=38074&te2=38148&te3=38259&te4=38267&te5=148310>. Acesso em: 9 set. 2009.

JENKINS. H. Convergence? I Diverge. In: Technology Review, Junho 2001. Disponível em: <http://web.mit.edu/cms/henry3/converge.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2009.

JÚNIOR, Mário J.L. Guimarães. O Ciberespaço como Cenário para as Ciências Sociais. 1997. Disponível em http://www.cfh.ufsc.br/~guima/papers/ciber_cenario.html Acesso em 16/05/2009.

KUHN, F. O rádio na Internet: Rumo à Quarta Mídia, artigo, 2000. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/viii-sipec/gt01/31%20-%20Fernando%20Kuhn%20-%20trabalho%20final.htm>. Acesso em: 03 set. 2009.

LÉVY, P. Um "CHAT" com Pierre Lévy, 2000. Disponível em: <<http://www.urisan.tche.br/~dfrancis/pierrelv.htm>>. Acesso em: 14 jun. 2010.

LIMA, M. F. M.; PRETTO, N. D. L.; FERREIRA, S. L. Mídias Digitais e Educação: tudo ao mesmo tempo agora o tempo todo. 2005. Disponível em: <<http://wiki.dcc.ufba.br/GEC/ArtigoTvdigital>>. Acesso em: 23 set. 2009.

MEDITSCH, E. O ensino do radiojornalismo em tempos de Internet. In: XXIV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO INTERCOM - Núcleo de Mídia Sonora, Campo Grande, 2001. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/xxiv-ci/np06/np6meditsch.pdf>> Acesso em: 20 mai 2009.

MORAES, D. De. A ética comunicacional na INTERNET. p.4, 1998. Disponível em: <<http://www.uff.br/mestcii/denis1.htm>> Acesso em abr. 2009.

MORAN, J. M. A Integração das Tecnologias na Educação, 2009. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/integracao.htm>. Acesso em: 30 dez. 2010.

MORIGI, V. e ROSA, R. 2004. Cidadania Mediatizada, Cidadão Planetário. Revista Comunicação e Espaço Público, Ano VII, nº 1 e 2. Disponível em: www.unb.br/fac/posgraduacao Acessado em: 28 nov. 2009.

OLIVEIRA, L. P. Mídia, Tecnologia da Informação e Novas Práticas Educacionais, Artigo, 2008. Disponível em: <<http://revistas.unipar.br/educere/article/viewFile/2452/1946>>. Acesso em: 12 set.2009.

PEW. Internet and American Life Project. Disponível em: <<http://www.pewinternet.org/>>. Acesso em: 19 nov. 2010.

PNAD/IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1469&id_pagina=1>. Acesso em: 01 set.2010.

PRETTO, N. Entrevista Geração alt+tab deleta fronteiras na educação. Entrevista realizada por Lia Ribeiro Dias. Revista A Rede. Edição nº 16, Julho de 2006. Disponível em:<http://www.aredo.inf.br/index.php?option=com_content&task=view&id=634&Itemid=99>. Acesso em: 07 jun. 2009.

PROJETO RIPE. Disponível em: <<https://www.twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Ripe/ProjetoRipe>>. Acesso em: 22 jun. 2009.

PSLBA, P. S. L. B. Cartilha de software livre. 2007. Disponível em: <[HTTP://wiki.dcc.ufba.br/PSL/Cartilha SLbr/bin/view/PSL/CartilhaSL](HTTP://wiki.dcc.ufba.br/PSL/CartilhaSLbr/bin/view/PSL/CartilhaSL)>. Acesso em: 02 jun. 2008.

RÁDIOS@Rádios. Disponível em: www.radios@radios.com.br. Acesso em: 23 out. 2009.

RAZORFISH. Disponível em:

<<http://www.razorfish.com/#/company/global-network/sao-paulo-razorfish>>. Acesso em: 16 mar./2010.

SILVA M. Sala de Aula Interativa: A Educação Presencial e à Distância em Sintonia com a Era Digital e com a Cidadania. 2001. Disponível em: <http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/4727/1/NP8SILVA3.pdf>. Acessado em 05 abr. 2009.

SETRAS – Secretaria do Trabalho e Ação Social. Disponível em: www.setras.ba.gov.br/. Acesso em: 23/02/2009.

TEZA, M. L. Pão e Liberdade, 2002. Disponível em: <<http://www.softwarelivre.org/articles/40>>. Acesso em: 20 jun. 2008.

_____. Um "CHAT" com Pierre Lévy, 2000. Disponível em: <<http://www.urisan.tche.br/~dfrancis/pierrelv.htm>>. Acesso em: 14 jun. 2010.

UIT União Internacional de Telecomunicações. Disponível em: <<http://www.itu.int/en/pages/default.aspx>>. Acesso em: 17 dez. 2009

URIBE E. V. O rádio digital e o radio em internet: além das transformações tecnológicas. 2006. disponível em: http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_Villegas.PDF. Acessado em: 14 jan. 2010.